



VOLUME 2



CADERNO SÍNTESE

DOS PROCESSOS DOS CBAS

Metodologias, Inspirações e
Experimentações na Construção
do Conhecimento Agroecológico

Colheita e Organização

Marília Nepomuceno

Natália Almeida

Natália Castro



CADERNO SÍNTESE

DOS PROCESSOS DOS CBAS

VOLUME 2

CADERNO SÍNTESE

DOS PROCESSOS DOS CBAS

Metodologias, Inspirações e
Experimentações na Construção
do Conhecimento Agroecológico

Colheita e Organização

Marília Nepomuceno

Natália Almeida

Natália Castro



Apresentação

**Metodologias
na Boca do Povo 7**

O Projeto Desaguar 13

Prefácio

**Dentro da mata:
a pretexto do prefácio 21**

**O Chão Comum dos Congressos
Brasileiros de Agroecologia 23**



Arrumando a casa

PROCESSOS SEMENTES

1. Definição da Sede 34
2. Desenhando processos e fluxos 37
3. Financeiro 40
4. Parcerias e Quintal de Estandes 42
5. Captação de Recursos 44
6. Processos Preparatórios: 47



Frentes de ação COMISSÕES TEMÁTICAS E ESTRUTURAIS

7. Cozinha da Reforma Agrária 53
8. Cozinha das Tradições (CdT) 58
9. Ação Contra a Fome 62
10. Comedorias 67
11. Mobilização Indígena 71
12. Hospedagem solidária 73
13. Acampamentos 76
14. Hospedagem Hoteis 78
15. Brigada das Juventudes 80
16. Inscrições/Isenções 82
17. Credenciamento 84
18. Voluntárias 86
19. Ciranda Infantil
Maria Carolina de Jesus 89
20. Tenda da Saúde 92
21. Gestão de Resíduos 95
22. Assessoria de Imprensa 98
23. Cobertura Colaborativa e Rede de
Comunicação Popular CBA 100
24. Rádio CBA 102
25. Lojinha CBA 104
26. Cenografia Política 105
27. Cortejos 109
28. Memorial das Pessoas Encantadas 112
29. Tapiris de Saberes 116
30. Conferências Simultâneas 119
31. Barracões de Saberes 121
32. Atividades Autogestionadas 124
33. Lançamento de Livros 126
34. Relatoria textual e gráfica 128



Outros dispositivos pedagógicos TERRITÓRIOS DO CBA

35. Festival Internacional de Cinema
Agroecológico – FICAECO 135
36. Festival de Arte e Cultura da
Agroecologia (FACA) 138
37. Feira Saberes e Sabores 141
38. Feira da Agrobiodiversidade 145
39. Terreiro de Inovações Camponesas 149
40. Vivências de Turismo de Base
Comunitária (TBC) nos CBAs 152

Apresentação

Metodologias na Boca do Povo

É COM GRANDE ALEGRIA QUE APRESENTAMOS O CADERNO SÍNTESE DOS Processos dos CBAs – Experimentações, Inspirações e Caminhos na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 2. Esta publicação é resultado das sinergias estabelecidas entre a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), a Comissão Local responsável pela organização do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (Rio de Janeiro-RJ, 2023) e o Projeto Desaguar de Memórias, Sistematização e Aprendizados do 12º CBA. É fruto também das experiências acumuladas nos 20 anos da Associação.

Desde sua fundação, em 2004, a ABA Agroecologia participa, enquanto uma associação científica, do debate público brasileiro, adotando uma perspectiva crítica em relação ao modelo de produção e ocupação territorial que norteou o desenvolvimento agrícola e agrário nacional, caracterizado pelas grandes monoculturas de exportação, formas predatórias de exploração do trabalho humano e persistentes desigualdades no acesso à terra, à água e a biodiversidade. Em aliança com diferentes organizações, busca potencializar, através de sua atuação institucional, referenciais de pesquisa e de produção de conhecimentos, metodologias, estratégias de ação coletiva e modos de viver, fortalecendo a Agroecologia nos mais diferentes contextos.

É importante lembrar que o modelo de ciências agrárias que se estruturou na esteira da chamada Revolução Verde, sobretudo a partir de meados do século XX, fomentou a constituição, nos países do Sul global de toda uma rede pública e privada de instituições técnico-científicas e educacionais, que passaram a incorporar, ainda que com exceções, uma visão determinista e universalista dos processos de mudança tecnológica na agricultura e no sistema agroalimentar. De acordo com essa abordagem, a eficiência e eficácia das novas tecnologias e modos de organização da produção e consumo de alimentos seriam evidenciadas pelos elevados índices de produção e produ-

tividade alcançados por um conjunto selecionado (e bastante reduzido) de variedades de plantas e raças de animais desenvolvidas pela pesquisa. Cultivadas em ambientes altamente artificializados, através da utilização intensiva de máquinas agrícolas, agrotóxicos, fertilizantes químicos e combustíveis fósseis, sua produção teria como principal objetivo abastecer as cadeias agroindustriais de processamento,

por **Claudia Job Schmitt, José Nunes e Natália Almeida**

Presidência da ABA-Agroecologia,
gestão 2024–2025

distribuição de alimentos e matérias primas, dinamizando, neste mesmo movimento, a produção de insumos agrícolas.

Como tem sido ressaltado por diferentes pesquisadores¹, as narrativas épicas que impulsionaram a Revolução Verde e o advento de uma agricultura de base industrial, em diferentes partes do mundo, enaltecendo o poder da ciência, da tecnologia e dos próprios cientistas no desenvolvimento de uma produção agrícola de base industrial, são o reflexo de uma epistemologia sustentada por relações de saber-poder que buscam legitimar determinadas formas de conhecimento, em detrimento de outras, marginalizando, desvalorizando, desconectando e colocando em perigo a diversidade de sistemas de produção de conhecimento agrícola e alimentar, desenvolvidos historicamente nas diferentes regiões do mundo. Com base nessa visão, de inspiração malthusiana, “a fome e a insegurança alimentar são percebidas como resultado da escassez de alimentos e não de desigualdades estruturais ou falhas na garantia de direitos” (CABRAL, PANDEY e XU, 2022, p. 250).

Ecossistemas dessas narrativas também se fazem presentes nos discursos em favor de uma Agricultura 4.0, concebida como resultado da convergência entre uma nova geração de biotecnologias, sistemas avançados de comunicação e informação digital, entre outras inovações. Nesse novo projeto de modernização tecnológica, o futuro da agricultura e do sistema agroalimentar seria pautado, cada vez mais, por atores privados ligados ao mundo corporativo: as grandes empresas de insumos; corporações internacionais ligadas à indústria de software, hardware e Big Data; startups financiadas pelo capital de risco e/ou por grandes corporações; entre outros agentes. Caberia ao Estado, fragilizado por políticas de austeridade fiscal e diferentes mecanismos de exploração rentista, um papel acessório na implantação deste novo “ecossistema de inovação”.

No Brasil, esta visão unilinear do desenvolvimento agrícola e agrário, que se repete em velhas e novas narrativas, têm negligenciado, historicamente, “os múltiplos regimes indígenas e camponeses de uso da terra, baseados em unidades produtivas coletivas ou familiares, cuja atividade produtiva é orientada para o bem-estar das famílias e comunidades envolvidas, com benefícios concomitantes que são o fornecimento de alimentos para a sociedade (ALMEIDA, Mauro William B. v.15, n. 1, 2023, p.253 – 264)”. Apaga-se com isso, não raro com violência, a riqueza biológica,

¹ Ver, por exemplo: CABRAL, Lídia; PANDEY, Poonam; XU, Xiuli. Epic narratives of the green revolution in Brazil, China, and India. *Agriculture and Human Values*, v. 39, n. 1, p. 249-267, 2022.

social e cultural associada a uma ampla diversidade de agriculturas e práticas de extrativismo sustentável, desenvolvidas nos diferentes biomas brasileiros, com base em sistemas complexos e ecologicamente resilientes de manejo dos ecossistemas.

Vale reforçar que as pressões exercidas por diferentes agentes sobre os territórios camponeses, assentamentos de reforma agrária, terras indígenas, quilombos, comunidades urbanas, entre outros espaços de vida, têm sido determinantes para a desestabilização de uma multiplicidade de sistemas contextualizados de produção de conhecimentos e manejo sustentável de plantas e animais. A expansão dos monocultivos e dos grandes projetos de infraestrutura, juntamente com o avanço da fronteira turística, da especulação imobiliária urbana e da exploração minerária, têm contribuído para a desterritorialização destas populações, desestruturando espaços de vida e sistemas territorialmente enraizados de produção e consumo de alimentos.

Na atual quadra da história, as limitações inerentes a esse modelo produtivista e difusionista de Pesquisa e Desenvolvimento, considerando a sua capacidade de responder aos desafios que estão colocados no cenário atual, marcado pela crise climática, pelo aprofundamento das desigualdades sociais e pelo avanço de novas formas de colonialismo verde, são bastante evidentes. Como aponta Jennifer Clapp (2023)², nos últimos cinquenta anos, as vulnerabilidades do sistema agroalimentar têm sido explicitadas pela ocorrência de crises cíclicas, marcadas pela elevação dos preços dos alimentos e pelo agravamento da insegurança alimentar. Navegando em meio a múltiplos desafios, os sistemas mercantilizados de produção e consumo de alimentos têm se tornado, nas últimas décadas, cada vez mais concentrados e menos propensos a mudanças.

Segundo dados do grupo ETC (2022)³, no ano de 2020, quatro empresas controlam 50% do mercado global de sementes e 62% do mercado de agrotóxicos, sendo que apenas seis delas detinha 50% do mercado de máquinas agrícolas. Através de diferentes esquemas de participação acionária horizontal, grandes empresas especializadas na gestão de ativos operam em distintos setores da cadeia agroindustrial, estabelecendo todo um sistema de monopólios entrelaçados, e concentrando poder e riqueza em dimensões inimagináveis. Os

² Ver: CLAPP, Jennifer. Concentration and crises: exploring the deep roots of vulnerability in the global industrial food system. *The Journal of Peasant Studies*, v. 50, n. 1, p. 1-25, 2023.

³ Ver: ETC. Food barons 2022: crisis profiteering, digitalization and shifting power. ETC Group – September 2022. Disponível em: https://www.etcgroup.org/files/files/food-barons-2022-full_sectors-final_16_sept.pdf. Acesso: 20/08/2024.

resultados dessas dinâmicas de concentração capitalista têm se traduzido em níveis crescentes de insegurança alimentar e degradação dos processos ecológicos de sustentação da vida. Segundo dados da FAO, em 2023, cerca de 713 a 757 milhões de pessoas, nas diferentes regiões do planeta, foram afetadas pela fome. No ano de 2022, 2,83 bilhões de pessoas em todo o mundo não tinham condições de usufruir de uma dieta saudável⁴.

Nesse cenário desafiador, a ABA tem procurado exercitar uma concepção multidimensional da Agroecologia, como ciência, movimento político e prática social, "portadora de um enfoque científico, teórico, prático e metodológico que articula diferentes áreas do conhecimento de forma transdisciplinar e sistêmica, orientada a desenvolver sistemas agroalimentares sustentáveis em todas as suas dimensões", em permanente diálogo com os atores sociais que constroem a agroecologia⁵. Trata-se de desenvolver conceitos, métodos e estratégias visando restabelecer as conexões existentes entre ciência e ação pública articulando, em novos moldes, o ensino, a pesquisa e a extensão. Para isso, torna-se necessário, enfrentar as inúmeras contradições que atravessam a prática de uma ciência popular, crítica, criativa e contextualizada, em um esforço permanente no sentido de reconstruir os nexos existentes entre o conhecimento acadêmico e o mundo da vida, posicionando os processos de produção do conhecimento em uma nova paisagem material, ética, política e cultural.

É possível perceber que, com o passar do tempo, os desafios da Associação e do cenário da Agroecologia no país foram se tornando mais complexos. Novas interfaces foram sendo estabelecidas entre as práticas agroecológicas contextualizadas, os processos de produção de conhecimentos e as dinâmicas de ação coletiva voltadas à transformação da agricultura e dos sistemas agroalimentares. Neste cenário, não basta lutar, apenas, pelo fortalecimento da Agroecologia nas instituições de ensino e pesquisa, buscando um reconhecimento dessa agenda ou área de pesquisa em um espaço dominado historicamente pelas ciências agrárias convencionais. Ao longo do tempo, a Agroecologia foi tecendo relações com diferentes áreas do conhecimento – a Saúde, a Educação, a Nutrição, as Ciências Humanas e Sociais, a Geografia, entre tantas outras – buscando dialogar, de forma qualificada, com um amplo conjunto de atores para além da academia.

⁴ Ver: FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2024. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2024 – Financing to end hunger, food insecurity and malnutrition in all its forms*. Rome, 2024.

⁵ Ver: Estatuto ABA-Agroecologia. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/estatuto-aba-agroecologia/>. Acesso em: 20/11/2024.

Fomos aprendendo, nessa trajetória, que repensar a ciência envolve, entre muitas coisas, rever os métodos que escolhemos para produzir e partilhar conhecimentos. Nesse caminho, há sete anos atrás, como um desdobramento do Projeto de Sistematização dos Núcleos de Agroecologia – construído pela ABA-Agroecologia e apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), do Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA) entre 2015 a 2017, – lançamos a primeira edição do “Caderno de Metodologias – Experimentações e Caminhos na Construção do Conhecimento Agroecológico”⁶. Em 2017, 28 fichas foram elaboradas como uma forma de partilhar as diferentes atividades, processos e tecnologias pedagógicas e participativas exercitadas nesse projeto. Metodologias que foram construídas e exercitadas coletivamente, em mais de 34 oficinas, caravanas e seminários de sistematização animados pela ABA-Agroecologia naqueles anos.

Através da presente publicação, lançada exatamente um ano após a realização do CBA no Rio de Janeiro (2023), procuramos dar sequência a esse esforço coletivo de sistematização e reflexão metodológica, lapidando a inteligência coletiva que estrutura os fazeres relacionados, de forma mais direta, à organização dos CBAs. Durante a organização do 12º CBA, buscamos conectar as lições aprendidas no último Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), realizado em Belo Horizonte, com os acúmulos das três últimas edições dos CBAs: Belém (2015), Brasília (2017) e Sergipe (2019).

O esforço no sentido de reconhecer o que já havia sido feito gerou na Comissão Local do Rio de Janeiro um desejo de que a experiência de execução das comissões que estruturam o Congresso pudesse ser sistematizada e partilhada, de modo que os novos começos pudessem ser mais estimulantes e estruturados, proposta que foi acolhida pela Diretoria da ABA-Agroecologia. O trabalho desenvolvido pelas Comissões, na construção dos diferentes ambientes do Congresso, que reuniu mais de 4.700 participantes inscritos, com apresentação de inúmeros trabalhos.

Por fim, reafirmamos que essa é uma publicação que nos parece importante para a memória da Associação, sendo resultado de muita dedicação

e trabalho que entre tantas direções, poderá contribuir na preparação do próximo CBA e além. Sua elaboração é fruto do esforço das várias comissões que compuseram a última edição do Congresso e sabemos que não

⁶ Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/caderno-de-metodologias/>. Acesso em: 20/11/2024.

tivemos o tempo necessário para fazer uma reflexão mais coletiva sobre termos, processos, nomenclaturas, objetivos e inúmeros outros detalhes que não são pequenos. Não existe na ABA-Agroecologia uma única compreensão sobre o que são os CBAs, qual sua relação entre Ciência e Práticas Agroecológicas e outras tantas questões.

Na ficha técnica do material, vocês poderão consultar quem foram as pessoas que buscaram sistematizar impressões, olhares e aprendizados dentro de cada metodologia/ficha. Essas pessoas buscaram traduzir os acúmulos de tantas outras pessoas que trabalharam, pesquisaram e foram encontrando caminhos para sintonizar práticas, ideias e discursos dentro de um contexto limitado de tempo, espaço e recursos.

Destacamos ainda a definição em torno do que é um Congresso da ABA-Agroecologia, o que temos expresso aqui são narrativas acumuladas nas últimas edições, mas sabemos que neste momento, onde celebramos os 20 anos da Associação, a própria concepção do que é um CBA está, ao mesmo tempo, em construção e revisão. Apostamos que os Congressos da ABA-Agroecologia carregam como eixo central a construção do conhecimento agroecológico.

Esperamos que esse esforço inicial possa ganhar contornos mais tranquilos de debate e revisão. E, neste sentido, convidamos, à todas as pessoas associadas, parceiras e demais colaboradores à navegar pelo conteúdo também buscando adaptá-lo, qualificá-lo e, principalmente, estimulando espaços de revisão e amadurecimento onde possamos sedimentar melhor as concepções que, neste constante fluxo, ainda carecem de tempo para exercitarmos lugares comuns

Boa leitura!

O Projeto Desaguar

Projeto Desaguar de Memórias,
Sistematização e Aprendizados do 12º CBA

“A memória está em tudo e garante que nada se esqueça do que é. É também a continuidade das coisas, da pedra que é pedra, das marcas sobre a pedra, da água, da luz. A memória é o tempo, uma liga que sincroniza e aglutina a vida. A memória pode ser o que nunca acaba ou a lembrança de algo que não existe mais. A memória também é transformação.”

Trecho do livro ANTES O MUNDO NÃO EXISTIA, que trata da história da criação do mundo sob a cosmologia do povo Desana, do Alto Rio Negro – Amazonas, pelos autores Umúsin Panlõn Kumu e Tolamãñ Kenhíri. A obra, que faz a transição da narrativa oral para a escrita, é considerada o primeiro livro de autoria indígena, e ilustrado, publicado oficialmente no Brasil na década de 1980.

FAZENDO ALUSÃO AOS CONHECIMENTOS E ENSINAMENTOS dos povos indígenas e pretos, sabemos que foi preciso muita gente para segurarmos o céu e conseguirmos realizar o Congresso Brasileiro de Agroecologia, vivenciado no Rio de Janeiro em 2023. A construção do 12º CBA plantou sua primeira semente em junho de 2022. Durante a caminhada, exercitamos e produzimos diversos processos, atividades, oficinas, materiais e sentidos, que foram intensamente cultivados e desaguararam na realização desse CBA. O Congresso aconteceu após um conjunto de fatos e eventos que marcaram o Brasil, num período desafiador para o país, tanto política quanto socialmente. No cenário político, a crise se intensificara após o impeachment da presidente brasileira, seguido da ascensão da extrema direita à presidência na eleição seguinte. Dentre esses fatos conjunturais da macro política brasileira, cabe ainda lembrar

também que o CBA Sudeste aconteceu após a maior crise sanitária mundial das últimas décadas, a Pandemia da Covid-19, que interrompeu o calendário periódico que previa a realização de um Congresso no ano de 2021.

Após quatro anos sem encontros nacionais do movimento agroecológico, o 12º CBA no Rio

**Por Marília
Nepomuceno e
Natália Almeida**

Coordenação do Projeto Desaguar

de Janeiro significou o romper de encontros represados. O Congresso buscou refletir sobre os desafios contemporâneos, a crise socioambiental alastrada e agravada em todos os biomas brasileiros, e a inadiável dedicação de atenção aos modos de vida e legados ancestrais que historicamente nos ajudam a vislumbrar e exercitar outras formas de habitar a terra, produzir, distribuir e consumir alimentos, salvaguardando as vidas que existem neste mundo, e produzem alternativas e respostas ousadas, concebidas e desenvolvidas coletivamente, para permitir a estruturação da coerência entre a grande arena onde se estrutura a Agroecologia no Brasil.

No centro do Rio de Janeiro, no bairro da Lapa, essa edição do Congresso fomentou e ampliou o CBA, afirmando o lema “Agroecologia na Boca do Povo”. O evento de 2023 é o sucessor do 11º CBA, ocorrido anteriormente em Sergipe, em 2019, e também do legado do 4º e último Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), ocorrido em 2018. Herdando o acúmulo de um processo de construção coletiva de duas décadas, inspirado por todos os desafios e aprendizados anteriores. Além de representar uma continuidade, o Congresso junto a Comissão Local se propôs a ampliar antigas e novas pautas e temas, gerando espaços e perspectivas, tanto dentro do Congresso quanto no próprio campo ampliado e complexo da Agroecologia. Em Sergipe, experimentamos a realização do Congresso em uma Universidade Pública (UFS), com o objetivo de proporcionar de forma mais acolhedora e contextualizada a participação de povos originários e comunidades populares e tradicionais no centro do debate agroecológico. No 4º e último Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), ocorrido em 2018, fomos convidadas a ocupar as praças públicas, que nos ensinou no mínimo dois elementos estruturantes e norteadores para o evento no Rio de Janeiro. Em 2023 ampliamos os aprendizados e nos espalhamos por espaços da Universidade Pública (Escola de Design da UFRJ) e outras instituições e equipamentos históricos e de cultura da cidade, como a Fundação Progresso, o Circo Voador, o Centro de Teatro do Oprimido, a Praça do Passeio Público, o Armazém do Campo do MST, o Centro Cultural Pequena África, A Cozinha Solidária do MTST, a Gastromotiva, a Catedral Metropolitana São Sebastião, dentre outros.

A escolha do bairro da Lapa como território para o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia foi motivada por seu relevante valor social, representando um espaço significativo para o diálogo sobre questões

centrais e pertinentes ao campo agroecológico. A proposta de popularizar o debate sobre Agroecologia nas ruas e enfrentar os desafios históricos relacionados às questões étnico-raciais e de classe, tornando essas discussões mais acessíveis, impulsionou a escolha e realização do Congresso nesse espaço, situado no coração do Rio de Janeiro, com o lema “**Agroecologia na Boca do Povo**”. O Congresso trouxe para o centro da segunda maior capital do país reflexões sobre o papel da ciência crítica, comprometida e contextualizada no enfrentamento dos motivos que levaram o Brasil a retornar ao mapa da fome, incentivando a convergência de estudos e políticas públicas voltadas para a transformação desse cenário, e enfrentando também as reflexões acerca do impacto da maior crise sanitária das últimas décadas, a pandemia de Covid-19, e dos quatro anos de retrocessos nos direitos garantidos pela Constituição de 1988, assim como as ameaças à democracia.

O material produzido e organizado pelo *Projeto Desaguar de Memórias, Sistematização e Aprendizados do 12º CBA* está distribuído entre essa e outras publicações e ações. Sendo elas:

1. **Caderno Síntese de Processos dos CBAs:** Experimentações, Inspirações e Caminhos na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 2”;
2. **Rio do Tempo: memórias dos 20 anos de ABA:** Agroecologia e Oficina Rio do Tempo da ABA-Agroecologia: navegando pelas memórias coletivas dos 20 anos da Associação (novembro/2024);
3. **Caderno** “Como Fazer uma Cozinha Agroecológica”;
4. **Encontros de Avaliação e Sistematização** dos aprendizados e desafios do 12º CBA (fevereiro e abril/2024);
5. **Seminário da Frente de Alimentação do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia:** Cozinha das Tradições, Cozinha da Reforma Agrária, Ação Contra a Fome, Comedorias e Feiras (agosto/2024);
6. **Seminário Ampliado de Planejamento da ABA**-Agroecologia sobre “Tapiris de Saberes” com Grupos de Trabalho e Revistas (dezembro/2024);
7. Reimpressão do **Caderno de Metodologias**, Experimentações e Caminhos na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 1 (2017).

Além do material desta publicação que você está acessando, o “Caderno de Metodologias, Experimentações e Caminhos na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 2”, um conjunto de outros exercícios faz parte do trabalho de sistematização das memórias e aprendizados do CBA, animados e produzidos pela equipe do Desaguar. A publicação de “Como Fazer Cozinhas Agroecológicas”, lançada também em Dezembro de 2024, ficará disponível no site da Associação a partir de 2025, e a impressão em tecido do “Rio do Tempo da ABA-Agroecologia”, que estampa no curso do rio acontecimentos marcantes dos últimos 20 anos da Associação Brasileira de Agroecologia, também ficará disponível virtualmente no site da ABA-Agroecologia, podendo receber inserções do público que o acessar e quiser ajudar na sua composição, em 2025.

COMO ESSE CADERNO ESTÁ ORGANIZADO?

Além dos textos introdutórios, ao todo são 40 fichas com sínteses metodológicas que chegam como legado da nossa memória e produção conjunta no movimento agroecológico, e na produção de Congressos, tendo como principal referência o 12º CBA, realizado na cidade do Rio de Janeiro, nos dias 20 a 23 de novembro de 2023. A escolha de costurar experiências, escutar quem já fez e organizar adaptações e propostas a partir das últimas edições permitiu que as intenções, procedimentos e cuidados relacionados aos ambientes e processos dos congressos promovidos pela ABA-Agroecologia pudessem ser recuperados.

Para isso apresentamos um Caderno organizado em três partes:

Parte 1

Arrumando a casa: Processos sementes

Nessa primeira parte tratamos desde a “arrumação” inicial da comissão local até os processos relacionados à captação de recursos e gestão financeira do Congresso, abordando cuidados iniciais importantes;

Parte 2

Frentes de ação: Comissões temáticas e estruturais

Aqui englobamos processos que criam a base de ação das frentes e atividades do Congresso, onde encontra-se a maior parte das fichas sistematizadas neste caderno. Elas estão distribuídas pelas cinco grandes frentes de um CBA, sendo elas: Acolhida, Alimentação, Cuidados, Comunicação e Cultura, Metodologia e Linguagens;

Parte 3

Outros dispositivos pedagógicos: Territórios CBA

Nessa última seção, destacamos atividades que costumam alguns processos preparatórios e envolvem outras redes e organizações, sendo elas: Feira de Sabores e Saberes, Feira da Agrobiodiversidade, o Festival de Cinema (FICAECO), o Festival de Arte e Cultura da Agroecologia (FACA), o Terreiro das Inovações Camponesas e as Vivências territoriais: Turismo de base comunitária pós CBA. Essas metodologias foram destacadas neste material, neste momento, devido à sua relevância durante a construção das últimas edições dos Congressos, mas há outros processos e metodologias que podem ser futuramente sistematizados.

Apostamos nas **“fichas-síntese”** enquanto estratégia intencional de partilha, comunicação e prática, compreendendo-as como produto de intensos processos de sistematização, escuta, partilha, resumo, priorização e visibilização dos esforços feitos por um conjunto de pessoas comprometidas com a “feitura das coisas”. Elaborar textos reflexivos, densos e recheados de conteúdo poderia afastar esse material de um conjunto de pessoas que ainda está distante das práticas convencionais acadêmicas de pesquisa, reflexão e leitura. Dessa forma, optamos por partilhar pequenas pílulas, temperos, para o que já é feito em cada lugar-espaço-comissão. Assim como dissemos no primeiro volume (2017), não há forma única, fechada e controlada de fazer o que fazemos no campo da produção do conhecimento agroecológico.

Os processos educativos são, antes de tudo, processos de encantamento, e esperamos que essas fichas possam servir como inspiração e contribuição para novos movimentos. Como gostamos de dizer, parte é intencional, e parte é fruto da potência de cada lugar, cada história, cada coletivo e as trajetórias que vamos tecendo no cotidiano da vida.

Fazemos os CBAs porque acreditamos na força dos encontros e na construção de soluções para as múltiplas crises societárias, a partir do diálogo entre os coletivos e movimentos populares, pois acreditamos que a universidade e a educação são direitos. Fazemos CBAs, porque sabemos da seriedade da ciência crítica, comprometida e contextualizada, mas também de que ela é feita de celebração, festa, fé e magia. Um dos compromissos deste material é aperfeiçoar e suavizar os caminhos percorridos para a realização de um Congresso até outro, inspirar novos processos descentralizados, e contextualizados às dinâmicas dos territórios, e partilhar estratégias metodológicas que potencializem a Agroecologia enquanto ciência, prática e movimento.

INFORMAÇÃO IMPORTANTE SOBRE ESTA PUBLICAÇÃO

Flexão dos plurais no Gênero Feminino ao longo da publicação:

Em celebração e desejo de visibilização a todas as mulheres que constroem a Agroecologia no Brasil, e que tecem a vida produtiva e reprodutiva no mundo que conhecemos, a linguagem priorizada e os plurais usados nas fichas que compõem essa publicação serão todos referidos e direcionados ao gênero feminino. Ao lermos, por exemplo, "agricultoras" durante o texto, estaremos englobando também os "agricultores" nesse plural feminino, e fazendo o exercício de entender a linguagem e narrativa sobre o mundo a partir dos sujeitos femininos. Dessa maneira, convidamos também a pessoa leitora a interpretar os sujeitos ocultos das frases como "pessoas", para ajudar a dar sentido ao entendimento dos sujeitos das frases que seguirão, como indicamos, no feminino, a exemplo de "pessoas agricultoras".

Assim, exercitamos juntas, e convidamos a todas as pessoas que se debruçarem sobre essa publicação e textos, a pensarem no mundo e nas generalizações dos sujeitos a partir do gênero feminino. Afinal de contas, pluralizar é muito usual em nosso mundo, mas não deveria tornar-se um reforço às nossas questões geradoras de desigualdades sociais. A língua praticada pelas brasileiras é categórica na formação de nosso inconsciente coletivo.

Dentro da mata: a pretexto do prefácio

O BRASIL É SUSTENTADO POR MUITOS CHÃOS. ESSA CONSTAÇÃO e defesa desloca o sentido de uma nação erguida e mantida somente nas vigas coloniais. Os chãos daqui são profundos, são corpos de muitas camadas, que se expressam como fundamentos da memória ancestral e comunitária de muitos mundos lavrados aqui ao longo do tempo. Por isso, saio na defesa de que uma leitura do Brasil em suas profundezas demanda escutas telúricas e pactos responsáveis com a vida em toda a sua diversidade ou, nas palavras do mestre Antônio Bispo dos Santos, uma ética confluyente em biointeração.

O Brasil, por mais que carregue o fardo do terror colonial, inclusive em seu nome, não pode ser reduzido a um empreendimento do agronegócio, herdeiro direto das *plantations*. A destruição da mata, o espólio da biodiversidade, o aumento da temperatura da terra, das águas e do ar não podem reduzir o lugar que habitamos. Dessa maneira, quais seriam as formas possíveis de batalha em uma realidade aterrorizada pelo contínuo da violência colonial? Penso que uma das maneiras de adentrar nesse jogo é reivindicar os mundos que aqui habitam, mesmo diante dessa constante de terror.

De ponta a ponta nesse país, nas bordas de rios, praias, dentro das matas, quintais, roças, lajedos, rodas, esquinas, barracões, aldeias, terreiros, favelas e corpos, vibram saberes ancestrais e comunitários que enredam repertórios táticos de inscrições contrárias à totalização do mundo. A tarefa da descolonização no Brasil, como uma lavra permanente, passa por aquilo que comunidades quilombolas e indígenas têm nominado como luta pela terra/território e suas retomadas. Entendendo que a retomada perpassa as dimensões materiais de defesa da vida, mas avança no transbordamento delas, uma vez que alude às práticas de saber e às dimensões espirituais da existência.

Nesse sentido, em diálogo novamente com a sabedoria de Nêgo Bispo, firma-se o ponto: "a terra dá, a terra quer". Não coincidentemente, o título de sua obra é também um aforismo da filosofia do culto aos orixás das

tradições iorubás no continente africano, recodificadas no Brasil. Esse aforismo diz sobre as várias temporalidades da existência e os ciclos que a vida, em termos diversos, performa no tempo grande. Ou seja, a terra dá tudo o que é necessário à vida, mas

por **Luiz Rufino,**

Professor da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro

também pede que possamos cultivar alimentos que nutram a existência em termos amplos. A terra, como o sustento da vida em um planeta que baila no ar, nos pede uma poética sensível do cuidado e da relação entre todas as coisas vivas.

As palavras imantadas por corpos diversos, sabedorias plurais e forças comunitárias presentes neste caderno nos indicam seguir mata adentro. Ou seja, há muito por fazer, porém muito também tem sido feito. Essa gira não começou agora e não terminará tão cedo. Nas margens daqui, cotidianamente pessoas diferentes adentram as matas desse Brasil profundo para lavar os alimentos que aplacarão a fome existencial das oprimidas da história. Os roçados dentro das matas dessa aldeia-quilombo contarão que, onde se vê a opressão histórica, há batalha sendo travada e germina a esperança lavrada por tantos mundos que nos cabem.

O Chão Comum dos Congressos Brasileiros de Agroecologia

Porque fazemos CBAs e os desafios da construção de uma nova ciência!

“Agroecologia na boca do povo” é um chamado coletivo à ação e à reflexão da necessidade urgente de fortalecer os sistemas de abastecimento popular de alimentos. “Na boca do povo”, nos desafiamos, ao mesmo tempo, a pensar e a aprender com as agricultoras, agricultores, povos e comunidades tradicionais os múltiplos significados que a agroecologia é capaz de assumir”

CHÃO COMUM – Princípios Políticos e Metodológicos do 12º CBA

DE PASSO EM PASSO, DE MÃO EM MÃO, FORMAS E SENTIDOS vão sendo criados. Em um país de desigualdades abissais, o campo da Agroecologia se vê desafiado a tratar de temáticas sensíveis, como a fome, o racismo, as injustiças climáticas e a defesa de uma ciência engajada e cada vez mais popular.

Seguir e compreender as transformações da agricultura em nosso país é um dos motes do nosso Congresso. Buscamos, assim, evidenciar como a produção de commodities, a expulsão dos povos e comunidades tradicionais e a concentração de terras e de riquezas são parte de um

sistema político de produção de desigualdades e de crises, sejam elas ecológicas ou sociais. As relações coloniais atravessam a história do Brasil e são parte da constituição de um modelo de agricultura imerso em violências.

Aqui, colocamos um chamado à ciência da Agroecologia, que por essência deve ser coletiva e tecida entre saberes

adaptado do texto de Helena Lopes, **Chão Comum – Princípios Políticos e Metodológicos do 12º CBA** e do texto de Natália Almeida, **Carta Sudeste – Mobilização e Encantarias 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia**

cotidianos, geracionais e produzidos nas diferentes instituições de ensino, pesquisa e extensão.

As complexidades que se apresentam devido aos últimos anos enfrentados em nosso país não são poucas. Fome, autoritarismo, medo, pandemia e corrupção. Exercitar diálogos é difícil quando somos atravessados por tantas camadas de desigualdades e injustiças. É com os pés no chão, ali onde as plantas crescem, onde a agricultura de base camponesa cultiva alimentos, cultura, saberes e esperança, que buscamos as inspirações, a força, e nos propomos a construir os CBAs.

A ciência se tornou uma engrenagem determinante nesse tipo de agricultura, seja através de apoio do Estado ou de entes privados que subsidiaram o desenvolvimento de agrotóxicos, adubos químicos e de variedades de sementes de alto rendimento. Com isso, queremos apresentar de forma rápida como a agricultura é um pilar central do desenvolvimento do Brasil. A condição de ser latifundiário é estrutural da formação do Brasil, ainda que esse status quo, assim como as empresas agrícolas e a própria ciência associada, sejam objetos das constantes transformações em curso. Ao mesmo tempo, contudo, certas condições têm reproduzido a expulsão dos povos de suas comunidades e territórios, o apagamento dos saberes associados à multiplicidade de agriculturas possíveis, a concentração fundiária, a exploração das/os trabalhadoras e trabalhadores e o favorecimento da monocultura em detrimento da diversidade.

Sob essa perspectiva, a destruição das agriculturas é a destruição de formas de constituir mundos. É a retirada da dignidade de quem antes plantava e morava. A escravização dos povos africanos, a expropriação dos povos indígenas e seus territórios. A imposição de um não ser pelo branco é, além da condenação à morte do corpo, o esfacelamento de toda uma possibilidade coletiva de vir a ser. O futuro não será sem os saberes, a reparação e a garantia dos direitos dos povos. É preciso “traçar de novo a estrada”, transitar entre campos e cidades, onde, nas periferias, assentamentos, quilombos, aldeias e comunidades, a diversidade de plantas e culturas em resistência cotidiana insistiu em crescer, porque têm na ancestralidade a inspiração dos passos.

A agricultura urbana, seu espraiamento nas favelas, periferias e regiões periurbanas, é uma expressão tanto da resistência estabelecida quanto da importância da agricultura na constituição de pertencimento – plantar e

morar. É nesses lugares que o povo negro e tantos povos empobrecidos, expulsos do campo, constroem suas vidas e travam lutas para reconstituir dignidades, muitas vezes em completa ausência de políticas e serviços públicos. Na inseparabilidade entre ciência e política, temos construído as edições do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA).

Ao longo dos anos é possível identificar dizeres no campo agroecológico que definem, ainda que em variações, a Agroecologia como uma ciência, uma prática e um movimento social. **Nessa definição, chama atenção como a ciência da Agroecologia emerge associada a diferentes fazeres que, em uma lente conservadora, poderiam gerar duras críticas sobre a sua não-neutralidade.**

A ciência convencional é utilizada por algumas/uns autoras/es para colocar em evidência certas características auto-atribuídas como imparcialidade, universalidade, comparabilidade e produzida exclusivamente por expert. Essa ciência, distante do senso comum, é parte de um processo histórico baseado em cisões, que remontam a centenas de anos, na Europa renascentista, do século XVII.

De volta ali, estaríamos diante de determinados marcos que contribuíram na consolidação do que hoje chamamos e conhecemos como Ciência. Neste bojo de histórias, ainda que não tecida no plano causal, a estratégia determinante foi a separação das pessoas da natureza e da cultura, e entre quem pode conhecer e aquilo ou aquelas/es que podem ser conhecidas/os. Essas divisões seculares nos atravessam até os dias de hoje e se configuram em um ambiente no qual a Ciência teria constituído, por fim, um mundo moderno, distinto do mítico, baseado em fatos e na produção de uma verdade única.

Fortalecer a vitalidade da ciência da Agroecologia é urgente. Trata-se da possibilidade de contar novas histórias sobre conhecer o mundo e de projetar soluções coletivas para as crises que nos assolam. Transitando entre conceitos, a Agroecologia se caracteriza como a “ciência dos lugares”⁷, que só se realiza a partir da realidade concreta de quem leva as sementes ao

solo, cultiva as plantas, dos encantados e dos tambores, onde se encontra o ritmo da colheita e da dança que carrega no corpo.

Os “lugares” são onde os povos constroem pertencimentos, por isso, é papel da ciência da Agroecologia

⁷ GOMES DE ALMEIDA, Sílvia. Construção e desafios do campo agroecológico brasileiro. *Revista Agriculturas, Rio de Janeiro/AS-PTA*, (n. esp. Agricultura familiar camponesa na construção do futuro), 11 maio 2009.

compreender as condições ecológicas e sociais dessas formas de habitar, assim como as violências em curso e os processos de desterritorialização pautados no racismo, nas violências de gênero e na lógica propagada pelo modelo de agricultura vigente. A compreensão dessas condições aponta para duas dimensões entremeadas, a do lugar e a da multidisciplinaridade. A ciência da agroecologia só se realiza junto aos povos e é, por essência, constituída por múltiplas disciplinas.

A diferenciação da ciência que propomos em relação à ciência convencional é evidente sob essa ótica. As soluções científicas que o campo agroecológico propõe são constituídas de forma coletiva e orientadas pela diversidade dos lugares e saberes de quem ali vive. A resposta uníssona e universal não existe. É no encontro entre pesquisadoras/es, saberes e o chão onde se pisa que a ciência da Agroecologia se realiza. Cultura e arte são parte desse entremeio, porque “uma ciência triste é aquela em que não se dança” e que não sabe reconhecer sua constituição como parte das percussões e cortejos que avisam que outras formas de produzir conhecimentos são possíveis e estão em curso.

ABA-AGROECOLOGIA: 20 ANOS DE TRAJETÓRIA

A Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia) foi formalizada em 2004 e reúne pesquisadoras e pesquisadores de todo o Brasil envolvidas/os em diversas áreas de conhecimento. Dos institutos federais, das universidades, dos centros de pesquisas, das organizações de assistência técnica e extensão rural, profissionais e estudantes de várias áreas, a exemplo, da saúde, das ciências sociais, das ciências agrárias, da terra e das biológicas, tecem cotidianamente a ciência da Agroecologia.

Na ABA-agroecologia, essa teia de conhecimentos ganha vida a partir dos Grupos de Trabalho (GTs), organizados nos seguintes temas: Agrotóxicos e Transgênicos; Campesinato e Soberania Alimentar; Construção do Conhecimento Agroecológico; Cultura e Comunicação; Economia Solidária e Agroecologia; Educação em Agroecologia; Juventudes; Manejo de Agroecossistemas; Mulheres; Povos e Comunidades Tradicionais, Etnicidades e Ancestralidade; Saúde; Animais; Biodiversidade; e Infâncias. Tais GTs realizam um conjunto de atividades ao longo dos anos, que organizam as

reflexões no âmbito da associação e publicam a partir dos mais diversos canais de comunicação científica o pensamento e concepções das/os associadas/os e da própria ABA, sobre os mais diferenciados temas.

Nessa caminhada têm sido fundamentais os esforços para manter a publicação da Revista Brasileira de Agroecologia e dos Cadernos de Agroecologia. Tais revistas significam autonomia institucional para garantir uma perspectiva editorial condizente com nossos princípios epistêmicos, metodológicos e políticos. A ABA vem, ainda, ao longo desses 20 anos ocupando o espaço institucional, se posicionando sobre a elaboração, execução, monitoramento e avaliação de políticas públicas. Um desses casos é a participação da ABA na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica -CNAPO.

Especificamente sobre o CBA a ABA-Agroecologia vem organizando-os desde 2006. O I CBA foi realizado na cidade de Porto Alegre (RS). Nesse CBA participaram mais de 3.000 pessoas e cerca de 400 trabalhos foram apresentados. Até então não existia a ABA-Agroecologia, que foi criada no ano seguinte, em 2004, durante a segunda edição do CBA, realizada também em Porto Alegre. A ABA-Agroecologia, desde seu nascimento, articulou-se à ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), criada em 2002. É do fazer coletivo e em rede, do encontro entre quem constrói a Agroecologia, que a ABA-Agroecologia ganha vida.

Ao todo, foram organizadas doze edições do CBA. **Desde o seu começo, o CBA teve como princípio a presença dos agricultores e das agricultoras que, com a lida cotidiana, movimentam os fazeres científicos da Agroecologia. Trata-se de um exercício coletivo de fazer ciência, que desafia a perspectiva ocidental, orientada por divisões entre quem é autorizado a falar e quem, por outro lado, é objeto do conhecimento.**

Essa concepção sobre ciência no âmbito da ABA-Agroecologia e do CBA, além de desautorizar as separações entre a produção do conhecimento científico e os saberes populares, desautoriza também a separação entre agroecologia e a política. Assumimos que a neutralidade da ciência não existe.

A Agroecologia é aliada da agricultura familiar, do campo e da cidade, das lutas dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, dos movimentos camponeses, de direito à moradia, feministas e antirracistas. É, assim, também, uma ciência interessada nos desafios que se colocam à sociedade de forma ampla como a produção de alimentos acessíveis e de

qualidade e a garantia da segurança alimentar e nutricional, a justiça climática e o enfrentamento das desigualdades, sejam elas raciais, de gênero ou de classe.

Em 2023, o XII CBA ganhou vida, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), com o lema “Agroecologia na boca do povo”. Esse lema foi a tradução da ciência que acreditamos: popular e entremeada à solução dos desafios que estamos imersos, especialmente, a fome. Na “boca do povo” colocamos em evidência não só a capacidade de produção de alimentos saudáveis e diversos pela agricultura camponesa, urbana, familiar, indígena e quilombola, mas também a necessidade de garantia de acesso a esses alimentos pelos diferentes setores da sociedade, especialmente os mais vulneráveis.

É na “boca do povo” que a Ciência também se faz, na tessitura epistêmica orientada pelas múltiplas possibilidades de aprender e ensinar e no engajamento daquilo que se coloca como desafio coletivo. A Ciência que acreditamos encontra lugar seguro entre quem se dedica à construção de horizontes justos, sociais, políticos ou ecológicos. O XII CBA se concretizou como um espaço no qual pensamos e construímos juntas e juntos.

Após um longo e desafiador período de distanciamentos, imposto pela pandemia de COVID-10, é chegada a hora de reconstruirmos nossa caminhada coletiva. É tempo de plantar sementes compromissadas com as colheitas que desejamos ver florescer. É tempo de ousar na construção das alianças entre campo e cidade, de restaurar e fortalecer nossos diálogos e convergências em torno da ciência, da democracia, da defesa dos territórios e do Bem Viver. É tempo de retomadas. É tempo de ocupar as ruas com a força que a Agroecologia acumulou nos últimos anos enquanto ciência cidadã, prática ancestral e movimento popular organizado.

É tempo de navegar pelas águas que movem as regiões que sediam os CBAs, é tempo de renovar as tramas que conectam as organizações sociais, os movimentos sociais, os coletivos, as Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão. No chão dos vários territórios que conectam os estados, assentam-se trajetórias de luta e uma vasta memória de construção da Agroecologia enquanto um movimento nacional plural orientado pela “unidade na diversidade”.

A Agroecologia praticada e vivida pelos territórios compõe um mosaico colorido de sotaques, cores, abordagens e perspectivas. A construção dos CBAs tem o desejo de ocupar as suas cidades sedes e vários outros cantos

do país em um grande movimento descentralizado de alianças políticas tecidas regionalmente. Em um caldeirão de atividades orientadas pelo diálogo com as cidades, redes e movimentos populares atuantes em campos de resistência convergentes, bem como a partir dos acúmulos de diferentes redes populares, espera-se que essas alianças possam ocupar a centralidade das reflexões e metodologias que sustentarão e darão contorno ao próximo CBA.

Os CBAs partem ainda do compromisso de celebrar a história da ABA-Agroecologia, a memória da Agroecologia percorrida a partir das edições passadas dos congressos e do crescente processo de diálogos e convergências que estamos tecendo no Brasil e na América Latina. Reconhecendo a força na nossa trajetória coletiva, o CBA Sudestino compõe ainda o calendário de celebrações dos 20 anos da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), realizadas em 2022.

Para o CBA do Rio apostamos também na força da Rede de Núcleos de Agroecologia (Comboio Agroecológico do Sudeste), nos vínculos que tecem a ANA em cada um dos quatro estados da região e nas inúmeras instituições de ensino, pesquisa e extensão, nas organizações e nos movimentos populares que constroem a agroecologia, no campo e na cidade.

Nesses 20 anos de ABA os Núcleos de Agroecologia (NEAs) tornaram-se também locus central da construção do conhecimento que realizamos. É a sua mobilização e suas elaborações com diferentes coletivos de pesquisadores/as, estudantes, agricultores/as que inundam os CBAs de conhecimentos, apresentados em milhares de trabalhos nos mais diferentes formatos e linguagens. São os NEAs ainda que representam espaços que propiciam a formação agroecológica nos diferentes níveis de ensino, desde o ensino médio, como nos Institutos Federais, até a pós-graduação e universidades de diferentes estados do Brasil. Os NEAs atuam ainda como espaço de rica formação continuada para pesquisadoras/es e extensionistas a serviço em empresas públicas como a EMBRAPA e outras empresas estaduais de pesquisa e ATER.

Assim a Agroecologia se constrói e é convocada a mostrar sua força, a colorir as esperanças após tempos tão sombrios e seguir movendo um convergente movimento que unifique e amplifique nossas vozes e resistências.

“Ninguém caminha sem aprender
a caminhar, sem aprender a fazer
o caminho caminhando, refazendo
e retocando o sonho pelo qual se
pôs a caminhar.”

Paulo Freire, **Pedagogia da
Esperança**. Rio de Janeiro:
Paz e Terra, 1997.

I



ARRUMANDO A CASA

PROCESOS SEMENALES



DEFINIÇÃO DA SEDE COMO É ESCOLHIDA A CIDADE QUE ABRIGA O CBA?

“Segura sua mão na minha para fazermos,
juntas, o que eu não posso fazer sozinha.”

LIRA ALLI

O QUE É?

São nossas redes que nos sustentam. Não basta que exista desejo, boa vontade e recursos financeiros. Para que um CBA se estruture é preciso muito mais do que um grupo expressivo de pessoas e orçamento. É preciso, sobretudo, que ideias fortes sustentem e movimentem redes simbólicas, sensíveis, epistemológicas e políticas. Nada será mais potente do que um coletivo de organizações unido, coeso e disposto a trabalhar de forma cooperativa e propostas de incidência metodológica, temática e política tecidas conjuntamente. Brincamos que todo o resto se ajeita e ganha a forma possível e necessária. Há duas maneiras de definir a sede dos congressos da ABA-Agroecologia: a primeira é através de aprovação de propostas na Assembléia do Congresso anterior, e a segunda é por meio da submissão de projetos aos editais públicos lançados no site da Associação. Os dois caminhos requerem uma série de articulações e cuidados específicos para cada processo e local.

PRINCÍPIOS

- * Os Congressos Brasileiros de Agroecologia são realizados preferencialmente no segundo semestre dos anos ímpares, intercalando sua periodicidade com os Congressos da Socla — Sociedade Latinoamericana de Agroecologia. As datas são definidas em comum acordo entre a Comissão Organizadora da proposta selecionada e a Diretoria Ampliada da ABA-Agroecologia;
- * O Congresso tem como objetivo proporcionar o encontro e a interação de grupos interessados e vinculados à Agroecologia, sejam agricultoras, estudantes, pesquisadoras, extensionistas, educadoras e demais categorias interessadas. A proposta é promover processos participativos e de amplo diálogo entre a sociedade civil organizada, a academia e o poder público, em torno deste tema altamente estratégico, respeitando princípios da ecologia de saberes; além de garantir a equidade de gênero, raça e etnia;
- * O tema do Congresso é designado pela Comissão Organizadora em comum acordo com a Diretoria Ampliada durante

- o planejamento do evento, não sendo um requisito obrigatório para a candidatura;
- * Prever, em termos de proposta política, metodológica, logística e de apoio, as possibilidades de construção das estruturas e espaços que compõem os CBAs;
- * Cuidados com as possibilidades de acesso à cidade sede do Congresso, tais como transporte aéreo (quantidade de voos) e rodoviário, alojamentos, hospedagens, bem como a oferta de estabelecimentos para as refeições, além de acessibilidade adequada para portadoras de necessidades especiais;
- * Clareza e qualidade da proposta; viabilidade da proposta; melhor estrutura para realização do Evento; estratégias para obtenção de recursos e garantias para adequada realização do Congresso; facilidades de acesso, locomoção e acomodações do local proposto; capacidade e experiência da Comissão Organizadora em organizar um evento da envergadura do CBA; com potencial de desenvolver e atualizar regularmente uma página web e demais ações de comunicação detalhadas para o Congresso.

COMO FAZER?

Não há receita de bolo em quase nada do que fazemos, mas o pontapé inicial é ainda mais autêntico. Em cada local o processo assume rumos e contornos muito específicos. Aqui reunimos apenas cuidados que podem ser importantes nessa germinação.

- * **Encontros sementes:** virtuais e presenciais, de escuta e articulação com pessoas associadas da ABA-Agroecologia atuantes no território e região, vinculadas a diferentes instituições, garantindo representatividade de organizações públicas de ensino, pesquisa e extensão. A presença de universidades, escolas, institutos federais, unidades da Embrapa e órgãos de extensão rural é essencial e estruturante. Também é importante incluir organizações sociais, movimentos sociais, coletivos urbanos e rurais, redes e demais parceiros nos encontros seguintes. Começar bem é a chave!
- * **Desenhar princípios e processos:** Elaborar coletivamente, ao longo dos encontros iniciais, os principais confortos da proposta do grupo, buscando definir organicidade e divisão de tarefas, fluxos de comunicação e espaços de tomada de decisão, além de princípios, cuidados, objetivos, tema central e propósito, possíveis organizações sedes e componentes principais do projeto;
- * **Pactuando decisões e formatos:** Progressivamente, após amadurecimento do grupo animador, incorporar pessoas atuantes nas mais diversas áreas de construção do Congresso (ver ficha 2).

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Cuidados com o processo místico durante os movimentos iniciais, proteção espiritual e garantia de espaços seguros para alinhamentos e cuidados pessoais entre o grupo são

determinantes. Não é alegórica a necessidade de manter um grupo ou algumas pessoas destacadas para observar e manter a harmonia entre as pessoas e comissões, oferecendo escuta e acolhimento na gestão de conflitos e desafios.

“A mística refere algo intangível, é a qualidade de confiança, coragem e firmeza ante situações favoráveis ou adversas da luta pela terra. Mística é também o nome dado a cerimônias com características rituais realizadas precipuamente com intuito motivacional. Entretanto, longe de limitar-se ao encorajamento dos militantes, tais cerimônias desempenham importantes funções políticas e organizativas, com relevância atestada por serem atividades prescritivas, objeto de regulação e reflexão especializada”.

IN CHRISTINE CHAVES — RITUAIS DA MÍSTICA.
A MÍSTICA DO MST E AS APORIAS DA AÇÃO
COLETIVA, Revista de Antropologia.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * Estudar editais, projetos e pareceres anteriores do CBA.

 **Experiência do CBA Sudeste:**
tinyurl.com/ficha-01-01

- * Círculo de Cultura como método de colheita, escuta e alinhamento de expectativas.

 **Confira como fazer:**
tinyurl.com/ficha-01-02



DESENHANDO PROCESSOS E FLUXOS AS COMISSÕES DOS CBAS

“Mobilizar, apresentar e multiplicar o fazer coletivo da ciência da agroecologia.”

SITE 12º CBA

O QUE É?

A palavra “comissão” vem do latim “*committere*”, que significa “unir, juntar, combinar”, enquanto “*mittere*” significa “enviar ou lançar” e refere-se às atribuições de funções, encargo e incumbências. “*Comissio*”, outra palavra matriz, trata do significado apontado ao conjunto de pessoas escolhidas para estudar e agir sobre determinado assunto. As Comissões de Trabalho de um CBA são instâncias colegiadas de caráter permanente ou constituídas de forma temporária (duração vinculada a conclusão das atividades às quais deram origem), criadas para atender objetivos estruturantes do Congresso ou emergenciais do evento. Na última edição do Congresso, também apontamos uma proposta de criação de Frentes de Trabalho, compreendendo as áreas temáticas centrais que, por sua vez, reúnem diversas comissões. As frentes, assim como as comissões, são formadas por equipes que trabalharão diretamente na execução de ações estruturantes ou no acompanhamento do trabalho de equipes contratadas por sua animação.

PRINCÍPIOS

- * **Coordenação Compartilhada e Animação:** Suas atividades precisam ser coordenadas preferencialmente por uma dupla de pessoas com carga horária específica para seu envolvimento, devendo atuar em conjunto com outras instâncias e com toda a comissão local do evento. O ideal é que as pessoas possam ser liberadas pelas organizações parceiras do CBA para coordenar e compor as comissões. Nos casos em que essa sessão não é possível, é necessário organizar, de forma progressiva, contratações para as comissões prioritárias;
- * **Registros, Repasses e Integração:** É importante evitar retrabalhos e estimular o diálogo entre as comissões para que as ações possam ser fortalecidas. Relatórios breves, destacando cuidados e encaminhamentos, podem ser enviadas periodicamente por e-mail e nos grupos de WhatsApp destinados para isso;
- * **Priorização e captação de recursos:** Ainda que exista uma comissão dedicada à captação de recursos, é fundamental que, de posse dos princípios políticos, as próprias comissões também construam estratégias de

viabilização financeira de suas propostas, descentralizando a responsabilidade, o que pode sobrecarregar a equipe de gestão de recursos;

- * **Autonomia e Comunicação:** Outro cuidado importante é evitar que a comissão de coordenação geral exerça um papel de controle e monitoramento que reduza a autonomia dos grupos. Havendo comunicação e alinhamento com os princípios e métodos da coordenação geral, é fundamental que cada comissão tenha autonomia e liberdade para construir caminhos e alternativas de viabilização das suas ações.

COMO FAZER?

1. **Definir como será constituída a coordenação geral do Congresso:** Sugere-se um grupo de 4 a 6 pessoas que tenham disponibilidade de atuarem juntas, com liberações institucionais que progressivamente possam se tornar integrais. As instituições que compuserem essa coordenação geral também precisam prever aportes financeiros ou se responsabilizar por sua captação;
2. **Montagem das Frentes de Trabalho Principais:** É fundamental que pessoas de referência possam ser destacadas para coordenar as grandes áreas e, progressivamente, montar as demais comissões;
3. **Estudar Projetos e experiências anteriores:** Agendar encontros de intercâmbio com as comissões dos CBAs anteriores para escuta, estudo dos projetos e contato com os projetos, documentos e instrumentos de trabalho e gestão de tarefas;
4. **Definir métodos de comunicação e gestão da informação:** Combinar o uso de ferramentas de gestão de tarefas, os locais de armazenamento e gestão de documentos.

Alinhar também os modelos de documentos para planejamento;

Definir grupos no WhatsApp com os temas de responsabilidade de cada um pode ser necessário. É importante ter atenção para os grupos não esvaziarem e os fluxos de diálogos ocorrem em paralelo ao coletivo, o que provavelmente é umas das coisas que mais tiram energia do processo coletivo!

5. **Construção de cenários e repactuação de rotas:** Esse é um ponto central para que o planejamento não assuma proporções inexecutáveis e para que um plano básico possa ser executado;
6. **Reuniões periódicas gerais:** De acordo com as dinâmicas locais, definir um conjunto de encontros ampliados de alinhamento com representantes nacionais e um cronograma de reuniões mensais com a comissão local e todas as comissões;
7. **Desenho das Frentes e Comissões de Trabalho após CBA:** No 12º CBA, a Coordenação Geral foi composta por cerca de 4 a 6 pessoas, com encontros semanais. A Coordenação das Frentes abrangeu a Secretaria Executiva e Coordenação Geral;
8. **No 12º CBA tivemos as seguintes Frentes de Trabalho:**
 - a) **Frente de Produção e Gestão Financeira:** secretaria executiva, coordenação de produção, coordenação de gestão financeira e captação;

- b) **Frente de Ciências e Saberes:** coordenação de eixos, gestão do sistema e da plataforma e equipe de vídeos;
- c) **Frente de Acolhida:** inscrições, hospedagens, mobilizações de processos preparatórios, brigadas de jovens, voluntárias, acampamentos e mobilização das isenções — indígenas, comunidades tradicionais, juventudes e movimentos sociais;
- d) **Frente de Alimentação:** Cozinha Central, Cozinha das Tradições, Comedorias, Ação Contra a Fome e Feira Saberes e Sabores;
- e) **Frente de Comunicação e Cultura:** assessoria de imprensa, rede de comunicadoras/es, rádio, Lojinha CBA, cenografia, Festival de Arte e Cultura, Memorial dos Encantados e Festival de Cinema;
- f) **Frente de Metodologia:** Programação, Lançamento de Livros, Terreiro de Inovações Camponesas, Carta Política, Relatoria e Sistematização;
- g) **Frente de Cuidados:** Tenda da Saúde e Cura, Ciranda, Segurança, Gestão de Resíduos e Outras Tecnologias;
- h) **Frente das Feiras:** Espaço Institucional (Estandes) e Feira da Agrobiodiversidade.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



CBA em movimento! Multiplicar conhecimentos e ampliar redes de troca da agroecologia. Conheça as comissões do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-02-01





FINANCEIRO

“Põe a semente na mão de quem semeia. Põe a semente na mão do semeador. Põe a semente na terra e deixa germinar. A semente nasce e cresce. Ela vai dar bom fruto e vai saciar.”

DONA JOSEFA

O QUE É?

A equipe administrativa-financeira no CBA acompanha todo o processo de captação e tramitação de recursos junto às instituições parceiras e financiadoras, bem como o planejamento e a execução financeira, a prestação de contas geral por projeto ou fonte financiadora e a sistematização do processo. Por isso, é muito importante que o planejamento e a organização da equipe estejam bem alinhados e incluam experiências para lidar com as adversidades que possam surgir.

PRINCÍPIOS

- * **Tomada de decisão:** É fundamental que o planejamento e as tomadas de decisão sejam feitas em diálogo com o administrativo financeiro e observem o orçamento e o fluxo financeiro disponível em cada etapa. Além disso, é importante construir e analisar cenários possíveis do evento;
- * **Transparência e Confiabilidade:** Ter controles apurados, capazes de minimizar incertezas, garantindo um grau de segurança e

credibilidade ao processo de execução financeira e prestação de contas, além de manter a transparência em relação aos cenários;

- * **Garantir acesso a um ecossistema de fornecedores agroecológicos e da economia solidária** para atender às demandas do Congresso.

COMO FAZER?

1 ano antes do CBA

- * Acompanhar os processos de tramitação de recursos: elaborar projetos, organizar documentos e acompanhar o progresso da tramitação;

6 meses antes do CBA

- * Construir e aprimorar instrumentos de controle, como planilhas e manuais de execução financeira;
- * Familiarizar-se com os manuais, procedimentos e instrumentos financeiros das organizações executoras, como modelos de contratos, formulários, processos e fluxos;

- * Produção e execução financeira de atividades preparatórias e liberação de equipes: elaboração de cotação de preços e contratos, liberação de pagamentos, atualização de controles orçamentários.

Durante o CBA

- * Liberar os pagamentos e acompanhar os fluxos de produção, mantendo contato com as comissões para resolução de eventualidades.

Após o CBA

Prestação de Contas (5 meses)

- * Encaminhar os pagamentos contratuais;
- * Elaborar os relatórios de prestação de contas para as instituições financiadoras, em diálogo com as pessoas responsáveis pela elaboração dos relatórios de atividades;
- * Elaborar o relatório financeiro descritivo.

Após o CBA

Processo de sistematização e memória (12 meses)

- * Elaborar e acompanhar o orçamento de sistematização de memória;
- * Execução Financeira de encontros de avaliação e sistematização, edição, finalização e publicação de produtos.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Um dos desafios é alinhar o fluxo entre articulação de recursos e tramitação burocrática, por isso, é importante manter o pagamento e o fluxo de caixa durante os meses pré-produção, além de compreender e dominar processos administrativos de organizações distintas. Algumas dicas podem ajudar no processo, como: a) estabelecer diálogos constantes com as comissões de

trabalho, buscando entender as demandas e alinhar as necessidades com o orçamento, sempre com atenção às pessoas; b) definir e padronizar procedimentos administrativos e criar ferramentas de administração para gestão financeira; c) monitorar o orçamento de forma contínua, mantendo as planilhas e outros instrumentos de gestão sempre atualizados e; d) antecipar o quanto antes os processos de captação e tramitação burocrática dos recursos, para garantir fluxo de caixa no período de pré-produção e produção.

DADOS IMPORTANTES QUE AJUDAM A ILUSTRAR

Na última edição os recursos foram distribuídos entre 9 organizações parceiras: ABA, ASPTA, EMBRAPA, FINEP, FIOTEC, H&L, MPA, MTST, e NAPEC. O financiamento do Congresso se deu a partir da mobilização e construção de uma rede com 22 instituições financiadoras (Confira mais detalhes na ficha 5 – Captação de recursos).





PARCERIAS E QUINTAL DE ESTANDES

“É chegada a hora de reconstruir nossa caminhada coletiva após um longo e desafiador período de distanciamentos. É tempo de plantar sementes compromissadas com as colheitas que desejamos ver florescer. É tempo de ousar na construção das alianças entre campo e cidade, de restaurar e fortalecer nossos diálogos e convergências em torno da ciência, da democracia, da defesa dos territórios e do bem viver. É tempo de retomadas. É tempo de ocupar as ruas com a força que a Agroecologia acumulou nos últimos anos enquanto ciência cidadã, prática ancestral e movimento popular organizado.”

CARTA CBA SUDESTE 2023

O QUE É?

A construção de parcerias é uma premissa na edificação de um CBA. Não é preciso justificar a importância dessas parcerias nem as maneiras específicas de serem tecidas no chão de cada local e de cada momento histórico. Essa ficha busca registrar alguns aprendizados e cuidados importantes, tendo como referência as últimas experiências de realização dos Congressos.

PRINCÍPIOS

- * Articular e mobilizar as organizações de base popular;
- * Envolver as Instituições de Ensino, Pesquisa e Extensão;
- * Captar financiamentos públicos e colaborativos;

- * Manter o diálogo com o poder público, buscando influenciar políticas públicas e estabelecer parcerias que estimulem legados.

COMO FAZER?

É fundamental criar fixos para a instalação dos ambientes das instituições parceiras, lembrando que os estandes e quintais podem ser construídos de várias formas, a depender do espaço e da estrutura disponível. Além disso, também é importante ter um espaço institucional para reuniões entre diferentes órgãos, promovendo o diálogo com o público. As medidas abaixo foram construídas a partir da quantidade de parceiros e espaço disponível:

Planejamento e produção da infraestrutura necessária

Estande com metragem de 30,25m², montagem de paredes e divisórias em sistema com painéis brancos, com 2,20m de altura, para todos os estandes, com 1, 2 ou 3 paredes, conforme planta. Montagem de pergolado de travessas de alumínio sem forro nas testeiras e áreas necessárias à estruturação das paredes. Montagem de testeiras com 1,0m x 0,50m, em sistema com painel branco, com logo impresso aplicado, sendo 01 para cada frente de estande, conforme planta. Execução de instalações elétricas. Comunicação visual externa para identificação de cada estande em adesivo impresso aplicado em estrutura de sistema — 1,0 x 0,50m cada. Mobiliário: 01 mesa base metálica e tampo de vidro redondo; 03 cadeiras com rodízios estofadas, tipo secretária; 01 televisor de 43" com pedestal e 01 lixeira.

mudanças e reajustes em função de nossas limitações técnicas e financeiras;

- * A montagem dos estandes devem acontecer no dia anterior ao CBA, e o espaço dos estandes deverá permanecer em funcionamento até a tarde do último dia;
- * Definir escalas para a ocupação dos espaços.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

É importante definir previamente contrapartidas e trocas justas e coerentes às necessidades do CBA. Além disso, produzir uma análise sobre o perfil das organizações pode ajudar a compreender o equilíbrio entre perfis e a necessidade de aproximação de algumas áreas específicas.



- * As pessoas de referência para esse diálogo devem ser definidas tanto pelo CBA quanto por cada uma das organizações parceiras;
- * É importante lembrar que todo o **processo de ocupação desses espaços**, transporte, escala de pessoas presentes nos espaços e produção de materiais é de responsabilidade integral das organizações;
- * Construir um **mapa provisório de ocupação**, ressaltando que podem ocorrer



CAPTAÇÃO DE RECURSOS

“Uma outra economia acontece”.
PAUL SINGER

O QUE É?

A captação de recursos do CBA é um esforço coletivo que visa financiar a realização do Congresso, incluindo sua preparação, por meio de diversas fontes. Esse recurso não se restringe a iniciativas da comissão organizadora, mas envolve também organizações parceiras e redes territoriais. Portanto, é fundamental que a captação tenha início cerca de um ano de antes do evento. Os esforços das organizações e comissões são acompanhados pela comissão de captação de recursos, que em conjunto com a gestão financeira, busca equilibrar as possibilidades de financiamento com as demandas de projetos.

PRINCÍPIOS

* **Outras Economias:** Não se viabiliza um CBA apenas com os recursos captados pela comissão de captação. Organizações parceiras e redes territoriais também empenham esforços para viabilizar o Congresso. Destacam-se o trabalho de mobilização e o custeio de despesas logísticas que garantem a participação de agricultoras, estudantes e povos e comunidades tradicionais. Também empregam recursos financeiros, humanos e serviços no processo de construção coletiva das comissões que planejam e constroem o CBA;

- * **Fortalecimento de parcerias:** Os esforços de captação de recursos partem do contato com organizações que historicamente financiam a pauta agroecológica e se expandem para incluir novas organizações financiadoras, ampliando a rede de relações agroecológicas. Nessa perspectiva, busca-se possibilitar também a continuidade de diálogos entre essas organizações, com a proposição de ações que transcendem o campo do Congresso e visam fortalecer os territórios e suas organizações;
- * **Incidência política:** O processo de captação de recursos para o Congresso não se limita à viabilização financeira do evento. Ele também visa articular e fortalecer parcerias no campo agroecológico, com ações e desdobramentos antes e após o Congresso, buscando influenciar a formulação de políticas e a alocação de recursos públicos;
- * **Política de captação:** É importante destacar que está vedada a possibilidade de captação de recursos de empresas que atuem com qualquer tipo de ação conectada à cadeia do agronegócio, mineração, bancos privados e outros financiadores que não estejam alinhados com os princípios e cuidados da ABA-Agroecologia.

MATERIAIS

- * **Inscrições:** Os recursos provenientes de inscrições entram gradualmente na ABA e representam cerca de 10% dos recursos captados. No entanto, são fundamentais para equilibrar o fluxo de caixa do Congresso, especialmente em momentos em que não há recursos disponíveis ou prazos de pagamento em outras organizações executoras. As inscrições reforçam o caráter e financiamento coletivo do congresso;
- * **Emendas Parlamentares:** As emendas parlamentares constituem uma das principais fontes de financiamento do Congresso, viabilizado a partir das parcerias políticas entre as organizações parceiras e parlamentares. Devido ao longo tempo de tramitação burocrática que esse recurso exige, é necessário maior antecedência nos processos de diálogo e captação. Esses recursos são fundamentais para cobrir as despesas de produção e infraestrutura dos espaços, mobilização e acolhida de participantes;
- * **Recursos ministeriais:** As emendas representam um montante expressivo de recursos para o financiamento do congresso, porém, para além do valor financeiro, os esforços de captação junto aos ministérios buscam fortalecer a incidência em políticas públicas;
- * **Recursos mobilizados por organizações parceiras e comissões:** Os recursos dos projetos mobilizados pela ASPTA e pela ABA, em colaboração com parceiros financiadores, desempenham um papel fundamental na execução das despesas do processo preparatório do 12º CBA, principalmente para o pagamento de pessoal durante os meses de planejamento e o custeio das atividades preparatórias.

COMO FAZER?

1. O processo de captação de recursos se inicia cerca de 1 ano antes do CBA;
2. Para subsidiar a articulação de parcerias e financiamentos, utilizamos como base o projeto executivo do congresso;
3. As comissões elaboram suas propostas e têm autonomia para articular parcerias e captação de recursos, seguindo as diretrizes e princípios estabelecidos;
4. As instituições parceiras da coordenação coletiva, em conjunto com a diretoria da ABA, ativam as parcerias políticas e institucionais para captação de recursos;
5. A comissão de captação de recursos e gestão financeira acompanham a elaboração desses projetos, garantindo coerência com os objetivos do projeto executivo e com as diretrizes de captação. Também acompanha a tramitação burocrática, garantindo os tempos e processos para liberação do recurso.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Percebemos duas dimensões distintas e complementares na mobilização de parcerias e recursos:

1. O diálogo e a articulação com possíveis organizações parceiras e;
2. A tramitação burocrática. É importante considerar e sintonizar essas duas dimensões para garantir um bom fluxo na efetivação dos procedimentos que viabilizam a “chegada” dos recursos de forma adequada e em tempo hábil. Além disso, é importante compreender e sistematizar com mais antecedência as demandas das comissões, além de orientar a escrita de projetos e a definição orçamentária para as atividades propostas,

para que dessa forma possa existir informações que subsidiem os processos de captação de recursos.

Dados importantes

No 12º CBA houve cerca de 24 organizações parceiras e financiadoras;

9 emendas parlamentares

Valor total captado = 7.375.297,15 (sete milhões trezentos e setenta e cinco mil duzentos e noventa e sete reais e quinze centavos).

32% dos recursos emendas parlamentares;

33,5% dos recursos TED's ministeriais;

10% dos recursos inscrições;

30% dos recursos de organizações parceiras.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Experiência do 12º CBA para financiamento coletivo do Congresso:
tinyurl.com/ficha-05-01



PROCESSOS PREPARATÓRIOS: CBA EM MOVIMENTO



O rio riu, ri por sob a risca da canoa
O rio viu, vi e ninguém jamais ouviu
O rio, ouviu, ouvi a voz das águas
Asa da palavra, asa parada agora'

A TERCEIRA MARGEM DO RIO,
MILTON NASCIMENTO

O QUE É?

Ao longo das vinte edições, um aprendizado importante adquirido é que o CBA não acontece apenas durante os dias do evento, o CBA é culminância, é rio que desagua, é movimento. A proposta da mobilização a partir do CBA em movimento vem da ideia de processos territoriais de preparação e conexão com as experiências desenvolvidas nas comunidades, quilombos, territórios indígenas, favelas, assentamentos e universidades que possam florescer no Congresso. É uma abordagem crítica, que busca descentralizar o saber incorporando a construção de novos paradigmas teórico-metodológicos, entrelaçando-os com os movimentos sociais e com os saberes dos povos do campo, dos mares, das florestas e das águas.

PRINCÍPIOS

- * **Mobilização de grupos e coletivos:** As atividades preparatórias podem ser construídas a partir da comissão organizadora do CBA ou de forma autogestionada, pelas redes locais de Agroecologia, os GTs da ABA, os Núcleos de Estudos de Agroecologia (NEAs) e outros movimentos. A ideia é gerar mobilização a partir de qualquer grupo ou coletivo que esteja interessado em se organizar;
- * **Utilizar ferramentas artísticas e lúdicas:** As possibilidades são infinitas e o uso de ferramentas artísticas e lúdicas são essenciais para a maior integração. Use e abuse da criatividade!
- * **Experienciar atividades pré CBA:** Atividades como a Feira da Economia Solidária, a Feira de Troca de Sementes, a Ciranda Infantil e a Tenda da Cura podem ser desenvolvidas previamente em eventos locais, junto às comunidades, com a intencionalidade de mobilizar e amadurecer reflexões e apontamentos rumo ao Congresso, já que essas atividades são espaços especiais presentes no CBA.

FLUXOS E TEMPOS

Os processos preparatórios só são potencializados quando chegam de forma organizada e sincronizada com as atividades propostas pelos GTs e pela Comissão local da edição do CBA. Ações internacionalizadas conseguem surtir maior impacto nacionalmente, contribuindo, inclusive, para a sistematização e o monitoramento dos processos.

MATERIAIS

Abaixo, sugerimos alguns materiais pedagógicos que podem inspirar na preparação dos processos preparatórios:

- * **Sistematização do IV Encontro Nacional de Agroecologia:** Sentir, Pensar e Agir — O processo preparatório;
- * **O Fazer Coletivo da Agroecologia:** Metodologias, processos colaborativos e diálogo com a sociedade: Caderno de Metodologias: Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico;
- * **Cartilha Chão Comum** — Princípios políticos e metodológicos do 12º CBA;
- * **CBA em Movimento:** Mobilização e processos preparatórios do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia.

COMO FAZER?

1. **Construir em rede:** Dialogar e se organizar a partir das redes de Agroecologia que já atuam no território. Juntas somos mais fortes;
2. **Planejar:** Identificar os principais objetivos da atividade, público e metodologias que serão utilizadas;
3. **3. Encantar:** Agroecologia é arte, cultura e comunicação! É importante planejar a atividade tendo esses pontos como estruturais;
4. **Distribuir tarefas:** Cada grupo possui acúmulos e sabedorias específicas, sendo assim, cada um pode contribuir com suas fortalezas para o coletivo;
5. **Sistematizar:** Todas as ações são muito mais potentes caso estejam sistematizadas e organizadas para dialogar durante os dias do Congresso, por isso, deve haver preferência na escrita de um resumo ou relato para ser publicado e apresentado durante o CBA.

APRENDIZADOS E DICAS

Dados importantes que ajudam a ilustrar:

Na 12ª edição do CBA foi proposto como processo preparatório o “Projeto de Oficinas de Escrita Científica”. Durante o projeto, foram realizadas 40 Oficinas de Escrita Científica, entre regionais e estaduais, envolvendo todas as regiões do Brasil. O foco dessa mobilização foi a escrita e a sistematização das experiências agroecológicas.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 **IV ENA — Caderno 2:**
tinyurl.com/ficha-06-01

 **IV ENA Caderno 3:**
tinyurl.com/ficha-06-02

 **Caderno de Metodologias**
Inspirações e Experimentações
na Construção do Conhecimento
Agroecológico:
tinyurl.com/ficha-06-03

 **Cartilha do Chão Comum**
do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-06-04



II



COMISSÕES
TEMÁTICAS E
CINCO FRENTES
ESTRUTURAS
DOS CBAs:

Frente de Alimentação



COZINHA DA REFORMA AGRÁRIA

O cerne da Cozinha da Reforma Agrária e da Frente de Alimentação do CBA, como um todo, gira em torno da politização dos alimentos e de nosso consumo. A Frente foi construída através de alianças acerca do alimento e da Agroecologia, visto que compreendemos que o alimento envolve reflexões e práticas em torno da ciência, política e práticas.

O QUE É?

A Cozinha da Reforma Agrária é um espaço construído para ofertar comida agroecológica e popular para as pessoas que participam e receberam isenções (pessoas vinculadas aos movimentos sociais, povos e comunidades tradicionais e agricultoras, de maneira geral), além das pessoas que trabalham no Congresso.

Desde 2017, os CBAs buscam ofertar refeições agroecológicas e populares para as pessoas que participam do evento. A primeira experiência de compra, produção e partilha de alimentos em parceria com os movimentos sociais foi realizada em Sergipe, no 11º CBA, realizado em 2019. Nesse momento, a cozinha foi chamada de "Território da Alimentação", sendo abastecida por uma rede de cerca de 40 famílias sergipanas de agricultoras camponesas, que forneceu nove toneladas de alimentos, utilizados na preparação dos cafés da manhã, almoços e jantares oferecidos durante os 4 dias de Congresso.

No caso do 12º CBA, a Frente de Alimentação dividiu-se em 4 sub-frentes, compreendidas como 4 processos diferentes, sendo elas: a Cozinha da Reforma Agrária, Cozinha das Tradições, Comedorias e Ação Contra a Fome, para dar conta das demandas e atividades que envolviam alimentos no Congresso.

Aqui vamos nos deter no processo de construção da frente da cozinha central, que ocupou a Fundação Progresso. Nessa edição, ela foi chamada de "Cozinha da Reforma Agrária", pois se tratava de uma parceria entre as trabalhadoras do Movimento Sem Terra de Minas Gerais (MST-MG). O espaço da Cozinha da Reforma Agrária contou com uma rede de em média xxx agricultoras que forneceram alimentos para o evento. Nessa edição, foram destinadas 3 refeições por dia para cerca de 1.000 pessoas.

PRINCÍPIOS

- * Fortalecimento de circuitos curtos de comercialização, focando em produtos produzidos no território e seu entorno;
- * Valorização de grupos e movimentos que já têm experiência com a produção de refeições em grandes eventos populares;
- * Redução de resíduos e trabalho cooperativo com todas as demais comissões do Congresso;
- * Alimentos preferencialmente agroecológicos e advindos da transição agroecológica;
- * Operação popular feita a partir da inclusão de mestras cozinheiras e agricultoras;
- * Cardápio formulado para visibilizar a cultura e a identidade culinária do território sede do Congresso;
- * Boas condições de segurança de trabalho e remuneração.

COMO FAZER?

- * **Estruturar Comissão:** Essa comissão foi dividida a partir dos seguintes sub-grupos de trabalho: compras, montagem do cardápio e planejamento geral. Os grupos de trabalhos formulavam proposições, organizavam dados e monitoravam a execução das tarefas. Nesse momento, além das representações políticas, tornou-se determinante a inclusão de profissionais da nutrição, contratadas, com experiência no monitoramento de grandes operações de cozinha e com sensibilidade para o diálogo e interação com o perfil das produtoras da Agroecologia;
- * **Levantar doações e produção:** Essa etapa exige tempo e muita mobilização. Nas experiências passadas do CBA, a criação de um formulário online que circulou nas redes de agroecologia para o levantamento da oferta

de alimentos locais e regionais foi determinante. No 12º CBA houve um formulário que foi encaminhado para cooperativas e associações, além de outros coletivos informais entre pessoas e profissionais autônomas, que ainda não estavam organizadas nas redes, para que pudessem vender suas produções de alimentos.

No 12º CBA, recebemos 49 inscrições de organizações e pessoas com interesses em vender alimentos para as cozinhas do CBA.

- * **Formular o cardápio:** Esta etapa só é possível após o dimensionamento do universo real de oferta. Complementações estratégicas, simbólicas e políticas são determinantes na finalização das propostas. No Rio de Janeiro, a inclusão de cooperativas de pescadoras trouxe qualidade para a construção de um cardápio representativo da região, estruturado na perspectiva da história local e dos alimentos, ajudando a contar a história de resistência das agriculturas locais;

“Em 2023, preparamos uma feijoada para receber o pessoal no primeiro dia; moqueca de peixe e bobó de jaca com mandioca e moqueca com leite de coco de mamão verde no segundo dia; Em seguida tivemos o “dia sem carne”, que ofereceu uma moqueca, também de jaca verde — simbolizando a força de muitas mulheres da agricultura urbana do Rio de Janeiro; E no último dia, a gente teve uma comida mais mineira, que foi pernil e salpicão”

COMISSÃO ORGANIZADORA DA COZINHA DA REFORMA AGRÁRIA.

- * **Elaborar o projeto executivo de infraestrutura física, relacionado à operação da cozinha:** Estimar o número de pessoas que irão se alimentar, estudar o tamanho de panelas, fogões, tomadas, quantidade de equipe de operação e recursos necessários.
- * **Montar da equipe de operação:** Montar, contratar e alinhar a equipe que ficará responsável pela preparação das refeições, definindo seu fluxo e escalas de trabalho.

A equipe envolvida na cozinha do 12º CBA foi composta de, em média, 60 pessoas, com escalas e revezamento de tarefas.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Fazer visita técnica antes de realizar o desenho de distribuição do espaço e utensílios da Cozinha.

No 12º CBA, foi elaborado um primeiro desenho da distribuição do espaço da cozinha feito pela própria comissão, no entanto, após a visita técnica foi necessário reestruturar o desenho da cozinha, remanejando os espaços dos utensílios e eletrodomésticos. Por isso, recomenda-se visitar o espaço da cozinha com significativa antecedência.

É preciso dimensionar o quantitativo da alimentação, prevendo o destino para possíveis excedentes;



No 12º CBA, entendemos com a experiência do evento anterior que é fundamental manter uma rede muito bem articulada e ativa, alinhada aos horários de finalização dos cafés da manhã, almoços e jantares do evento. Essa rede deve facilitar a busca e distribuição de alimentos já prontos que não foram consumidos naqueles turnos. É essencial contar com organizações e coletivos que já trabalham com esse tipo de serviço e distribuição, garantindo os parâmetros sanitários relacionados ao armazenamento e distribuição de alimentos prontos;

- * Alessandro Molon (PSB — RJ);
- * Aurea Carolina (PSOL/MG);
- * Elvino Bohn Gass (PT/RS);
- * Fernanda Melchionna (PSOL);
- * Rogério Correia (PT/MG);
- * Talíria Petrone (PSOL/RJ);
- * Vivi Reis (PSOL/PA);
- * Leonardo Monteiro (PT/MG);
- * Padre João (PT/MG);
- * Patrus Ananias (PT/MG).

É importante destacar que essas conexões e alianças foram assuntos tratados nos barracões de saberes e nas conferências do congresso.

A cozinha da Reforma Agrária buscou fazer um diálogo direto com mecanismos operados através de algumas políticas públicas de comercialização e aquisição de alimentos da agricultura familiar e camponesa. O recurso para a aquisição de alimentos da Cozinha foi articulado através de recursos da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutrição do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS), e emendas parlamentares encaminhadas dos mandatos de 10 deputados federais:

Aprendemos também que pode ser muito oportuno comunicar que as pessoas podem transportar alguns alimentos (exemplo: frutas, pães e suco) para consumirem em outros espaços do Congresso.

Na última edição foram organizados os inscritos em turnos, para que pudessem estar bem distribuídos quando fosse o momento de consumir as refeições na Cozinha da Reforma Agrária:

	Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Grupo 4
Café	7h30–8h	8h–8h30	8h30–9h	9h–9h30
Almoço	11h30–12h10	12h10–12h50	12h50–13h30	13h30–14h10
Jantar	18h–18h30	18h30–19h	19h–19h30	19h–20h30

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * Experiência da Cozinha do CBA de Brasília, em 2017, com a Rede Cerrado — Anais do VI Congresso Latino-americano de Agroecologia; X Congresso Brasileiro de Agroecologia; V Seminário de Agroecologia do Distrito Federal e Entorno; 12 a 15 de setembro de 2017, Brasília/DF

 tinyurl.com/ficha-07-01

- * Experiência do Território da Alimentação do CBA de Sergipe: “Um forte processo de articulação entre campo e cidade, construído entre movimentos sociais, cooperativas e diferentes organizações que compõem a Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA). Fomos conhecer as histórias de vida e de luta das agricultoras e agricultores familiares que produziram e que irão fornecer os alimentos”.

 tinyurl.com/ficha-07-02

 **Conheça a experiência da Cozinha da Reforma Agrária do CBA do Rio de Janeiro:**
tinyurl.com/ficha-07-03





COZINHA DAS TRADIÇÕES (CDT)

“Quem nunca viu, venha ver caldeirão sem fundo ferver...”

O QUE É ?

No contexto dos CBAs, a Cozinha das Tradições (CdT) é compreendida como um dispositivo pedagógico que tem como centro as práticas e os saberes em torno das cozinhas, da cultura alimentar e das comidas tradicionais dos territórios. Fruto do acúmulo de muitas iniciativas, a Cozinha das Tradições nasceu há cinco anos, no interior do CBA de 2019, através de um esforço da Rede Sergipana de Agroecologia (ReSeA) e de mulheres pesquisadoras conectadas ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Tradicionais, vinculado à Universidade Federal de Sergipe (GRUPAM-UFS). Em 2023, a CdT retorna ao 12º CBA através da parceria entre organizações atuantes na cidade do Rio de Janeiro, sendo elas: Agricultura Familiar e Agroecologia (AS-PTA), Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ESDI-UERJ), Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ) e o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (OTSS).

Nas últimas duas edições do CBA, portanto, a Cozinha das Tradições se tornou um ambiente integrado, dedicado à preparação, reflexão e divulgação de receitas e alimentos tradicionais. As CdTs se estruturam como um lugar de materialização da memória alimentar dos territórios sede do Congresso, promovendo trocas simbólicas e culturais a partir da experiência

comunitária existente e das redes que compõem o evento. As Cozinhas também se configuram como um processo metodológico participativo, que visa salvaguardar as memórias vinculadas aos patrimônios materiais (casas, utensílios e fogões) e imateriais (saberes e modos de fazer) dos povos e comunidades tradicionais dos campos, das águas e das cidades.

PRINCÍPIOS

- * **Processos prévios de pesquisa enraizados nos territórios:** Mapeamento e identificação das comunidades tradicionais e imersão nos territórios quilombolas, indígenas, povos de terreiros, comunidades urbanas e demais povos e comunidades tradicionais. Essa abordagem inclui a sensibilização e a formação por meio de oficinas colaborativas sobre as práticas e ofícios em torno da memória alimentar desses grupos, garantindo a inclusão de aspectos simbólicos da memória afetiva e da territorialidade;
- * **Mutirões populares com mestras e mestres:** Atividades prévias de construção coletiva de fornos e fogão de barro à lenha e demais estruturas a partir das tecnologias ancestrais, materiais e imateriais dos territórios;
- * **Começo, Meio, Começo:** Como legado das últimas duas edições, a Cozinha das Tradições segue sendo um projeto que mantém atividades através da Rede Sergipana

de Agroecologia (ReSeA) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alimentos e Manifestações Tradicionais da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A CdT foi acolhida também pela Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ como um espaço permanente de atividades, com programação de atividades periódicas abertas ao público durante todo o ano. Além disso, a CdT se organiza no Estado do Rio de Janeiro a partir do Fórum de Comunidades Tradicionais (FCT), sediado em Paraty, Angra dos Reis e em Ubatuba, no Estado de São Paulo;

- * **Gerar trabalho e renda:** Possibilitar a participação dos grupos de cozinheiras e cozinheiros em eventos, encontros, feiras e demais atividades, bem como possibilitar a produção e replicação de tecnologias e utensílios (panela em barro, colheres de pau, gamelas etc), produtos têxteis, intercâmbios, capacitações e demais interações que podem ser comercializadas;
- * **Acolhida adequada das mestras:** As mestras devem ser remuneradas e acolhidas, acessando uma infraestrutura de conforto e segurança necessária para seu bem estar durante a participação na atividade (transporte, hospedagem, alimentação — além de apoio específico para aquelas que são mães);
- * **Mestras no centro:** A construção das instalações da CdT devem ser feitas por mestras dos territórios, podendo contar também com a presença de pedreiras e arquitetas. Na cozinha, a centralidade está nas mestras e mestres que preparam os alimentos e transmitem os saberes. A CdT é construída em parceria com instituições, pesquisadoras e universidades, que devem reconhecer o protagonismo central dos povos e comunidades

tradicionais, assumindo uma posição de escuta ativa e apoio;

- * **Conexão com a agricultura e cultura alimentar dos territórios:** Os alimentos utilizados na CdT devem vir dos territórios, valorizando e respeitando as receitas tradicionais e os modos de produzir, fomentando circuitos locais, as maneiras como os povos se relacionam com a natureza e os rituais na elaboração das comidas;
- * **Diálogo intergeracional:** Garantir a troca de conhecimentos entre mestras e mestres dos saberes ancestrais e as juventudes dos territórios;
- * **Cozinha como processo de formação política:** As atividades envolvidas na estruturação das CdTs possibilitam o contato com processos de aprendizagem coletivos que fortalecem identidades, geram autonomia e visibilidade para os coletivos participantes., Além disso, contribuem para a construção e qualificação de ações em redes, reforçando vínculos com outras agendas e pautas políticas, como as questões que envolvem gênero, raça e classe;
- * **Qualificação em processos técnicos e gerenciais:** As atividades da CdT devem propiciar não apenas um debate político sobre comer, produzir e beneficiar alimentos, mas também sobre as práticas, ofícios e tecnologias que qualifiquem a autonomia, os processos de gestão e manipulação de alimentos, bem como a oferta de serviços de alimentação agroecológicos e populares.



No caso de encontros prévios: Para articular e organizar as memórias das cozinheiras, seus saberes e práticas, a proposta é rememorar o seu modo de viver, de cozer, e de cuidar da memória alimentar de seu povo e comunidade. Em 2023, fizemos 10 encontros em territórios distintos, mais dois de preparação na cidade onde aconteceu o CBA (RJ). Em cada um dos encontros havia em média 15 mulheres mestras cozinheiras. Envolvemos em torno de 150 mulheres nesses momentos. Para o CBA em si vieram de 3 a 5 mulheres de cada um dos territórios. Conheça o Projeto: “Afluentes do Rio (Articulação de Agroecologia no Rio de Janeiro — AARJ)”

COMO FAZER?

1. Realizar o mapeamento e identificação das comunidades tradicionais na cidade e entorno da sede do Congresso, produzindo possíveis imersões nas comunidades;
2. Sensibilizar, a partir da memória alimentar de cada comunidade, a realização de formações locais que possibilitem o diálogo e a construção participativa da CdT;
3. Animar mutirões de construção do espaço da CdT no Congresso a partir de tecnologias ancestrais construtivas de terra;
4. Organizar a programação do espaço com debates, formações e oficinas das memórias ancestrais das mulheres dos territórios visitados durante o CBA;
5. Planejar, financeiramente e operativamente, após o CBA, o legado das ações e discussões construídas com os povos e comunidades tradicionais no território.

Na Cozinha das Tradições do CBA de Sergipe foram preparadas 13 receitas enraizadas nas identidades das comunidades tradicionais. Elas foram preparadas por sete grupos, que expuseram a riqueza da cultura alimentar sergipana. Camponesas e camponeses, marisqueiras, catadoras de mangaba, sertanejas e famílias urbanas produtoras encantaram com os seus saberes e fazeres ao preparar pratos recheados de resistência, memória e afeto. Além disso, dialogam sobre as potências e os desafios para a preservação de seus rituais alimentares, alguns deles, inclusive, reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial de Sergipe.

No 12º CBA foram construídas 2 edificações em pau-a-pique, a Casa da Fala e a Casa da Escuta. Saberes tradicionais e saberes acadêmicos.

No 11º CBA foram construídos pela mestra Madá um forno de barro à lenha, no qual ela assou as suas tradicionais queijadinhas, e um forno para produção de farinha de mandioca, onde o agricultor e assentado da reforma agrária, Sr. Pereira, torrou a farinha durante o Congresso. O recurso destinado à CdT chegou ao CBA através de emendas parlamentares, direcionadas à Cozinha através de deputados que acreditam na agroecologia como saída para nossas crises contemporâneas.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * É importante ancorar a iniciativa das CdTs em diálogo com projetos de pesquisa em curso, organizações sociais de agroecologia ou novas iniciativas que possam garantir e qualificar os processos de pesquisa, articulação e execução das atividades preparatórias;
- * Construir, junto com voluntárias e lideranças dos povos e comunidades tradicionais, as estruturas (pequenas casas de pau a pique, além de fornos e fogões), criando um ambiente propício para a preparação de receitas que trazem a ancestralidade de nossa cultura, utilizando alimentos da terra, do mar e dos rios.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * No contexto do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia, as instalações da CdT foram construídas e acolhidas dentro das

instalações da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI-UERJ), no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Para saber mais: “Cozinha das Tradições” percorre territórios tradicionais do RJ para construir a alimentação do 12º CBA:

tinyurl.com/ficha-08-01
tinyurl.com/ficha-08-02

No 11º CBA, a Cozinha das Tradições foi instalada no campus da Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão/SE. Para saber mais, e vídeo:

tinyurl.com/ficha-08-03
tinyurl.com/ficha-08-04

Link com as fotos:
tinyurl.com/ficha-08-05





AÇÃO CONTRA A FOME

“O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer”

QUARTO DO DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

O QUE É?

Em 2023, aconteceu pela primeira vez a “Ação Contra a Fome!” no âmbito do CBA, em diálogo com a Campanha Mundial de Combate à Fome. A ação foi concebida pela Frente de Alimentação do 12º CBA em parceria com organizações que historicamente já desenvolvem ações de distribuição de alimentos na região, com o propósito de expressar coerência entre discurso e prática, garantindo a oferta de alimentos agroecológicos não apenas para o público do Congresso, mas também para pessoas em situação de vulnerabilidade social e condição de vida nas ruas em torno do Congresso. A ação esteve organizada em dois eixos: o primeiro compreendeu o conjunto de entregas de aproximadamente 2.850 refeições durante os 4 dias de Congresso, e o segundo compreendeu a doação de alimentos in natura, agroecológicos, para 6 coletivos que já atuam na produção das refeições para pessoas em situação de vulnerabilidade social e em situação de rua. Os alimentos foram adquiridos por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e, também, com apoio da Fundação Banco do Brasil, o que permitiu a produção e distribuição de quentinhas e de kits/cestas de alimentos in natura, os quais foram destinados às entidades parceiras que desenvolviam ações de distribuição de alimentos na região da Lapa, Rio de Janeiro, em 2023.

A iniciativa da Frente de Alimentação do 12º CBA consiste na primeira compra de alimentos, via PAA, para destinação à Cozinhas Solidárias, no Brasil. À época, já existiam projetos aprovados com este propósito, entretanto nenhuma entrega havia sido realizada.

A Frente de Alimentação do 12º CBA articulou as Cozinhas Solidárias com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e as Agricultoras Familiares, estas últimas organizadas pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

O Programa PAA foi criado pelo art. 19 da Lei nº 10.696/2003, reinstituído pela Lei nº 14.628, de 20 de julho de 2023 e regulamentado pelo Decreto nº 11.802, de 28 de novembro de 2023. Reunindo duas finalidades centrais, promover o acesso das pessoas à alimentação, sobretudo as mais vulneráveis, e incentivar a produção da Agricultura Familiar, permitindo que o Governo Federal compre alimentos produzidos pela Agricultura Familiar (beneficiárias fornecedoras) e doe os alimentos para entidades beneficiárias receptoras (redes socioassistenciais

públicas e filantrópicas, instituições de ensino, saúde e justiça). Também podem ser beneficiárias receptoras os equipamentos de segurança alimentar e nutricional (Restaurantes Populares, Cozinhas Comunitárias, Bancos de Alimentos, entre outros) que atendem pessoas vulnerabilizadas, sem acesso à comida de forma regular e adequada, ou seja, que estão em situação de insegurança alimentar.

A coordenação do Programa é de responsabilidade do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome — MDS, e sua regulamentação — feita por meio de resoluções — cabe ao Grupo Gestor (integrado pelo próprio MDS, pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (MDA), pelo Ministério da Fazenda (MF) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

A operacionalização do PAA se dá de duas formas. A primeira delas, executada pelo MDS que, em parceria celebrada mediante Termos de Adesão com estados e municípios, repassa recursos para que agentes públicos adquiram alimentos de CNPJs de organizações de Agricultoras Familiares — AF, indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais — PCTs e, então os repassem para as entidades beneficiárias receptoras. Existem duas modalidades de Termo de Adesão, sendo uma de alimentos em geral e outra específica para o leite.

A segunda forma de operação se dá sob responsabilidade da Conab, que realiza a aquisição de alimentos diretamente através dos CNPJs das organizações de beneficiárias fornecedoras, sem a mediação de estados e municípios. Nesta forma, existem 3 modalidades: Compra Direta — CD, Compra com Doação Simultânea — CDS e Apoio à Formação de Estoques — FS.

No caso do CBA, a modalidade utilizada foi a CDS — Compra com Doação Simultânea, quando uma organização vende sua produção para o PAA-Conab e a entrega é feita diretamente para as entidades beneficiárias receptoras.

PRINCÍPIOS

- * Garantir refeições produzidas com alimentos agroecológicos;
- * Doar alimentos in natura para coletivos que já atuavam com oferta de refeições à população em situação de rua e em vulnerabilidade social;
- * Fortalecer a rede já existente no território, estimulando a conexão das pessoas e organizações que trabalham pelo combate à fome nas ruas;
- * Assegurar a compra de produção agroecológica coerente com o Congresso, com atenção especial para as agricultoras que trabalham com alimentos livres de veneno. É fundamental criar condições favoráveis para o diálogo e trabalho em conjunto entre a rede de agricultoras agroecológicas e as instituições que promovem iniciativas de combate à fome nas ruas;
- * Produzir uma experiência palpável de conexão dos mecanismos vigentes entre os Programas e Políticas Públicas de Aquisição de Alimentos e a rede de agricultores agroecológicos no território, a fim de resolver questões reais e da vida cotidiana das brasileiras.

A Comissão responsável pela Frente de Alimentação do Congresso atuou como uma ponte articuladora entre coletivos e grupos da cidade que desenvolviam atividades similares, mas que não necessariamente já haviam trabalhado juntos, fortalecendo os laços entre eles. A Comissão também ofertou insumos in natura para a produção das refeições, além de realizar o apoio na produção das refeições, montagem e logística de distribuição.

A partir da experiência de 2023, entendemos que é importante garantir o início dos processos que dizem respeito à aquisição de alimentos via CONAB e PAA, no mínimo, com 3 meses de antecedência. Para que haja tempo hábil em relação ao levantamento da produção, checagem da regularidade da documentação das agricultoras familiares — para que a compra possa ser realizada a partir do CNPJ de suas organizações (DAP, CAF ou NIS), e também acerca das certificações sobre alimentos orgânicos e agroecológicos. Além de ser importante que a proposta de compra de alimentos realizada esteja de acordo com os pré-requisitos e princípios do PAA, que prevê, por exemplo, paridade de gênero entre as agricultoras envolvidas na compra.

COMO FAZER?

1. Mapear a rede existente no território, tanto de agricultoras agroecológicas capazes de fornecer alimentos quanto das organizações e coletivos que já atuam com a produção e doação de refeições no território;
2. Compreender contextos, preferências e dinâmicas territoriais da população em situação de rua, a partir das experiências já existentes, com a finalidade de construir um plano de ação durante o evento;
3. Planejar previamente o projeto físico e financeiro que contemple dinâmicas de logística e de produção;
4. Articular recursos e parcerias que possam oferecer estrutura para a ação acontecer;
5. Organizar previamente a compra e doação de alimentos;
6. Visitar espaços parceiros e planejar com a produção do evento as etapas de execução de cada entrega.
7. Processo preparatório — relato da experiência do mutirão prévio ao 12º CBA:

“Realizamos uma ação um final de semana antes do CBA, entregando esses alimentos in natura para as instituições parceiras dessa atividade. Depois, no último dia do CBA, momento em que tivemos muitos alimentos da Cozinha da Reforma Agrária que sobraram, doamos novamente, ampliando essa rede, entregando a mais de dez instituições as doações de alimentos agroecológicos in natura, que somaram mais de seis toneladas de alimento. Essa construção se deu através de uma parceria com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na perspectiva de receber alimentos do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Então, todo o alimento que doamos e que usamos para produzir as comidas da Ação Contra a Fome foi comprado através do PAA. Produzimos uma experiência capaz de deixar visível que é possível articular essa rede de produção de alimentos livres de venenos, produzidos por agricultoras agroecológicas, com ações que produzem impacto social de ponta a ponta, como a realização da entrega de alimentos através das Cozinhas Solidárias. Mobilizamos essa engrenagem para produzir as refeições na Cozinha Solidária da Lapa, por exemplo. A alimentação foi feita na Cozinha Solidária da Lapa, na Ação Cidadania e no Quilombo da Gamboa. Recebíamos esses alimentos in natura, enviávamos para esses espaços, as quentinhas eram produzidas e uma equipe que montamos, composta por esses mesmos coletivos e movimentos sociais, entregou as quentinhas durante o CBA. Construímos um fluxo exitoso, que beneficiava desde as pessoas que produzem os alimentos agroecológicos até o consumidor final das alimentações: as pessoas em situação de rua”.

DANÚBIA GARDÊNIA, uma das responsáveis pela frente de alimentação do 12º CBA.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Pensar nos legados do Congresso Brasileiro de Agroecologia: Cozinha Solidária no RJ recebe R\$ 140 mil para reforma, equipamentos e produção. Ação é uma das primeiras a receber investimento após reconhecimento das cozinhas como política pública:

tinyurl.com/ficha-09-01

Conheça a rede envolvida na Ação Contra Fome do 12º CBA: Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), a Ação Cidadania, a Gastromotiva e grupos locais que também já realizam ações de entrega de quentinhas — como a Espaço Cultural Cozinha da Lapa, o Quilombo da Gamboa, o coletivo “Banquetaço” e a Pastoral do Povo de Rua. Além disso, conseguimos construir uma parceria com a Prefeitura da cidade, através da Coordenadoria de Segurança Alimentar da Prefeitura e da 1ª Coordenadoria de Assistência Social (1ª CAS) do Rio de Janeiro.



Notícia da parceria com o movimento “Ação Contra a Fome”:
tinyurl.com/ficha-09-02



COMEDORIAS



Saborear a diversidade, reconhecer as sabedorias das cozinheiras e agricultoras”

COLETIVO DAS COMEDORIAS 12º CBA

O QUE É?

Comedorias foi o nome dado a um dos espaços de comercialização de alimentos dentro do 12º CBA. Em 2023, o espaço reuniu 32 barracas de comidas prontas, que formavam nossas praças de alimentação. No Congresso do Sudeste, as barracas estavam ocupadas por grupos indicados por articulações vindas do movimento agroecológico. A alimentação agroecológica também foi oferecida a participantes e visitantes do CBA que não estavam credenciados na Cozinha da Reforma Agrária. Nessa edição, tivemos dois espaços diferentes de Comedorias divididos entre a praça do Passeio Público, dentro da feira de Sabores e Saberes, e outro na Fundação Progresso (principal sede do evento).

No 12º CBA houve uma diversidade de comidas: caiçara, indígena, quilombola, de territórios periféricos e favelas, prato feito agroecológico, comida viva, comida vegetal, comida afrodiáspórica, alimentos da pesca artesanal, produtos da mata atlântica, como a juçara, e alimentos tradicionais da cultura e dos hábitos das agricultoras urbanas da região metropolitana do RJ, como produtos com jaca verde, taioba, chaya e outras. A mesma metodologia vivenciada nas Comedorias do Congresso de 2023 também aconteceu em outros CBAs, mas não com esse nome.

PRINCÍPIOS

Promover um espaço de comercialização de comidas prontas dentro do congresso, com foco em alimentos agroecológicos e vinculados às culturas locais e aos territórios que abrigam o evento;

- * Convidar representações que já atuam no território, como as articulações locais e estaduais de agroecologia, e outros grupos que já realizam feiras e oferecem serviços de venda de alimentos prontos, preferencialmente agroecológicos;
- * Valorizar as experiências das pessoas com suas culturas e hábitos locais, e promover a geração de renda;
- * Ser um espaço de troca e interação entre as pessoas que estavam circulando no espaço e os grupos de cozinheiras;
- * Reconhecer experiências historicamente construídas no território, mesmo que essas não façam parte das redes de agroecologia, a exemplo das iniciativas desenvolvidas por coletivos periféricos, animadas por mulheres negras e vinculadas à cultura negra e indígena.

COMO FAZER?

1. Mapear a rede existente no território, sobretudo de mulheres cozinheiras que realizam serviços de alimentação e venda de alimentos prontos;
2. Coletar informações e contatos junto aos movimentos sociais do território. Ao longo do período pré-CBA, fomos construindo e visualizando quem eram as mulheres cozinheiras que já prestavam serviços, tanto de alimentação e venda de comidas prontas como a prática de feira, trazendo uma diversidade de alimentos para dentro das comedorias do congresso;
3. Além da articulação pré CBA, é importante manter a mobilização para garantir o apoio às cozinheiras durante a realização do evento, acompanhando as barracas para identificar possíveis necessidades e ajudar a coordenação a resolver as demandas;
4. Desenvolver formulários de cadastro para serem enviados às pessoas indicadas no processo de articulação das comedorias;
5. Fomentar reuniões de preparação, para promover o encontro do grupo e dialogar sobre os seguintes tópicos:
 - a) Fazer o mapa dos alimentos que serão servidos, para garantir a diversidade;
 - b) Reforçar orientações de boas práticas de manipulação;
 - c) Orientar sobre cuidados, para evitar os impactos ambientais;
 - d) Dialogar sobre a precificação, de maneira que seja justa para as cozinheiras e para o público;
 - e) Tirar dúvidas sobre a estrutura do evento;
6. Criar um manual do Expositor, documento-síntese com orientações para os dias de evento;



Para acessar:

tinyurl.com/ficha-10-01

7. Realizar um planejamento detalhado com a equipe de produção, fazendo visitas técnicas e outras ações necessárias para o planejamento da execução;
8. Organizar equipe de apoio, instalação, e acompanhamento dos coletivos durante o Congresso;
9. Realizar avaliação do processo e dos resultados.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * **A importância de batizar os espaços do CBA:** Em 2023, a Comedoria Benê Ricardo, um dos espaços do 12º CBA, carregava o nome de uma inspiradora mulher preta do interior de Minas Gerais, pioneira na gastronomia brasileira. Essa foi uma forma de homenagear todas as mulheres cozinheiras, mestras das grandes panelas, quituteiras, chefes de cozinha que, tendo em mãos saberes ancestrais, transformam a terra em refeições deliciosas, levando a Agroecologia à boca do povo;
- * **Apoio das Nutricionistas:** Formar grupos de nutricionistas alinhadas com o movimento agroecológico para acompanhar e orientar as boas práticas de manipulação e cuidados, garantindo sua presença tanto nos encontros preparatórios quanto durante o evento;
- * **Identidade e Embalagens:** Fazer do cuidado com as embalagens um princípio das comedorias, construindo coletivamente com as cozinheiras, de forma que seja possível utilizar embalagens de menos impacto ambiental em consonância com a realidade delas;
- * **Aliança com a equipe de produção:** Estabelecer um bom diálogo com a equipe técnica de produção desde o início do processo, de forma a garantir o alinhamento da estrutura e detalhes do evento, evitando ruídos na comunicação. Isso permitirá articular os grupos com as orientações corretas, prevenindo desgastes desnecessários ao longo do processo.





MOBILIZAÇÃO INDÍGENA

“A Agroecologia é uma realidade realizada a séculos, o que deveria acontecer numa escala planetária.”

AILTON KRENAK, 12 ° CBA.

O QUE É ?

A décima segunda edição do CBA definiu um marco histórico a partir da ABA, pois foi a primeira vez que contamos com a participação de um Grupo de Trabalho Indígena (GTI) para discutir as pautas e mobilizar os indígenas de todo o Brasil que constroem a defesa pela agroecologia a partir de suas próprias cosmovisões. A partir do entendimento de que os territórios indígenas são historicamente agroecológicos, o GTI articulou e manteve diálogo constante na construção do 12º CBA, levantando pautas específicas, trazendo a diversidade de experiências da agricultura, saberes e manejos ancestrais, além de organizar a ida dos grupos para o Congresso e contribuir para a construção de caminhos, diálogos e parcerias. Dessa forma, buscou garantir que as experiências e as vivências indígenas sejam não apenas visibilizadas, mas incluídas como componentes fundamentais da política e dos movimentos agroecológicos no país.

Nessa última edição, a participação indígena foi um divisor para o movimento agroecológico indígena, reunindo mais de 40 povos indígenas de todo o país, com a presença ativa

de mulheres e homens, jovens, anciões e anciãs, construindo, a partir da participação ativa, a condução do evento, a elaboração de proposições, dentre outras atividades. Na Tenda Povos Indígenas, houve debates de pautas específicas, tais como compartilhamento das realidades dos territórios, discussões sobre políticas, presença de instituições governamentais e não-governamentais e fortalecimento do GT Povos Indígenas da ANA. Representantes indígenas (homens e mulheres) também participaram ativamente em outros espaços do evento (Conferências, Tapiris de Saberes, outros Barracões de Saberes, Cozinha das Tradições, FICAECO, FACA).

PRINCÍPIOS

* **Construir e organizar coletivamente:** É importante que desde o início da mobilização haja um alinhamento com coletivos já organizados, como o GT de Povos Indígenas da ANA e lideranças que possam formar outras lideranças para articular mais grupos e etnias;

- * **Manter o diálogo:** É determinante a manutenção de um bom diálogo para mobilizar e manter as pessoas engajadas e articuladas para participar no Congresso.
- * **Garantir a representatividade:** Os povos indígenas precisam estar representados não apenas dentro dos espaços exclusivos, mas também é importante garantir sua contribuição de modo estrutural no CBA, com participação desde a comissão organizadora, incluindo conferencistas e espaços de debates e decisão;
- * **Apoiar demais espaços de interlocução:** Apoiar o GT Povos Indígenas da ANA na realização de seus eventos específicos.

COMO FAZER?

1. Fortalecer o GT Povos Indígenas da ANA como articulador dos povos indígenas na construção da participação nos eventos e espaços de debates e decisões;
2. Organizar reuniões periódicas para definir as estratégias de mobilização dos povos;
3. Fazer captação de recursos para garantir alimentação, diárias, hospedagem e deslocamento, isso garante que um número maior de pessoas possam chegar ao Congresso;
4. Definir um procedimento e prazo para a indicação dos nomes de participantes;
5. Apoiar eventos específicos idealizados e organizados pelos povos indígenas via GT Povos Indígenas da ANA como processos preparatórios;

MATERIAIS UTILIZADOS

No contexto do 12º CBA, foram realizados contatos virtuais e presenciais, como a contratação de empresa para fazer, especificamente, o deslocamento dos indígenas participantes durante

os dias do evento. As passagens e diárias foram possibilitadas via apoio da FUNAI e MPI.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Toda a logística dos povos deve ser pensada de forma individual e coletiva, pois cada pessoa e cada grupo enfrentam especificidades que devem ser consideradas ao pensar seu deslocamento. Identificar e apoiar pessoas potenciais que possam contribuir com os espaços de acordo com seus acúmulos e conhecimentos é de fundamental importância para o sucesso da participação e do evento, como, por exemplo, indígenas comunicadores, que podem somar com a cobertura de comunicação, enriquecendo esse trabalho a partir de uma perspectiva indígena.

O apoio dos servidores da FUNAI e MPI ao GT Povos Indígenas da ANA foi muito importante para a participação dos grupos, tanto no deslocamento da aldeia até o local de execução do evento quanto no acompanhamento durante o evento.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

O Grupo de Trabalho Indígena (GTI) da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) (2023): tinyurl.com/ficha-11-01



HOSPEDAGEM SOLIDÁRIA

“Agroecologia não é apenas um conjunto de práticas agrícolas, é uma abordagem para a vida que acolhe a diversidade, o cuidado e a colaboração com a natureza. Ela promove uma sociedade onde o acolhimento se dá entre as pessoas e entre os seres vivos que compartilham a terra.”

VANDANA SHIVA

O QUE É?

A hospedagem solidária foi desenvolvida com o intuito de acolher de forma inclusiva a diversidade de pessoas que contribuem para a Agroecologia no Brasil e no mundo, valorizando a participação de estudantes, profissionais, pesquisadoras, agricultoras, povos e comunidades tradicionais no Congresso Brasileiro de Agroecologia. A partir da compreensão de que alguns participantes têm recursos limitados e que seria possível construir uma rede de solidariedade com moradores que teriam um cantinho em suas casas, a hospedagem solidária foi uma opção para acolher congressistas durante os dias do evento na cidade que sedia o CBA, propondo-se a ser uma experiência que promove trocas, conexões e até o cultivo de novas amizades no nosso balaio agroecológico.

PRINCÍPIOS

Para iniciar a hospedagem solidária é importante construir princípios de escolha, dado que se espera que o número de solicitantes seja

superior ao número de anfitriões. No 12º CBA, os princípios foram:

- * Estar inscrita no Congresso;
- * priorização de estudantes, agricultoras, povos e comunidades tradicionais;
- * Preferencialmente com trabalhos a serem apresentados.

COMO FAZER?

1. Elaborar um edital inicial apresentando a proposta da Hospedagem solidária, contendo informações básicas do Congresso, como lema, data e formas de participação;
2. Nesse edital, convoque anfitriões (pessoas dispostas a receber congressistas em suas casas);
3. Invista na comunicação para atrair parceiros, a comissão local é essencial para ativar as redes de contatos, mostrando o potencial da hospedagem como uma ação de solidariedade;
4. Crie um formulário de inscrições para anfitriões e outro para hóspedes



Existe um modelo do CBA 2023 disponibilizado para te ajudar!

5. Faça um levantamento com a disponibilidade de vagas em cada hospedagem, incluindo locais oferecidos, distância e meios de acesso ao local do evento. Em alguns casos, algumas hospedagens podem ser desconsideradas em função da distância e/ou outras questões. Esse levantamento auxiliará na escolha das prioridades (conforme os critérios previamente definidos);
6. Cruze os dados básicos entre hóspedes e anfitriãs;

Exemplos: fumantes/não fumantes; pessoas com dificuldade de locomoção e hospedagens com acessibilidade etc.)

7. Após observar todos os dados do formulário que podem, a princípio, trazer uma melhor experiência nessa definição de alocação dos congressistas, coloque hóspedes e anfitriões em contato. Como é um processo colaborativo, a partir desse momento o diálogo fica direto entre eles.

MATERIAIS UTILIZADOS

As redes sociais são essenciais para divulgar e dialogar com a sociedade sobre a proposta da hospedagem solidária. Vídeos e publicações informativas são ferramentas importantes para isso. Os formulários bem desenvolvidos são peça fundamental para coletar dados básicos dos hóspedes e anfitriões.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Em 2023, no 12º CBA, foi a primeira vez que o Congresso experimentou essa metodologia, e alguns aprendizados foram evidenciados, como:

- * Necessidade de forte engajamento de pessoas amigas e parceiras na cidade para serem anfitriões. Construir uma lista de indicações de conhecidos e parceiros que poderiam anfitriar, para além das divulgações via rede sociais, é a forma mais efetiva de mobilização;
- * Alguns detalhes nos formulários são importantes para o "match" perfeito, como: afinidade (ou não) com animais, apartamento com elevador, tipos de hospedagem (cama, rede, colchão,) entre outros;
- * Construir planos de comunicação para apresentar o Congresso para a cidade meses antes do evento (as pessoas precisam saber que o evento vai acontecer!);
- * É preciso criar uma forma de incluir as informações das crianças que eventualmente estejam acompanhando pai e/ou mãe nas respostas dos formulários dos hóspedes;
- * A comissão precisa se organizar com antecedência para não haver atropelos;
- * As Comissões que trabalham com todos os tipos de hospedagem, como indicação de hotéis, hostels, acampamento e hospedagem

solidária, devem estar alinhadas e em diálogo, inclusive sobre seus cronogramas;

- * Inserir no campo de observações e sugestões um espaço para o hóspede informar se tem algum medo e/ou fobia ou alguma outra questão importante para está contemplado no formulário;
- * Criar um fluxo com a equipe de credenciamento. O acesso à listagem de inscritos para a equipe de hospedagens é essencial para checar as informações;

Exemplo

Se a candidata a hóspede está de fato inscrita, em qual categoria e se apresentará trabalho.

- * Alguns protocolos precisam ser realizados para garantir segurança de todas, como documentação de anfitriãs e hóspedes;
- * Fazer publicações em parceria com as demais comissões de hospedagem, explicando todas as possibilidades que o Congresso poderá oferecer. Assim, espera-se minimizar as desistências;

Há pessoas que se inscrevem em um tipo de hospedagem e depois desistem por ter sido lançada outra que mais a interessa.

- * É essencial que a equipe seja composta por pessoas que tenham conhecimento do território que irá acolher o CBA, para que a organização consiga filtrar a dinâmica dos deslocamentos, distâncias e segurança da casa dos possíveis anfitriãs até o local do Congresso;
- * É essencial ter um WhatsApp profissional. O diálogo com as anfitriãs e hóspedes feito somente pelo e-mail pode não ser suficiente.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 Hospedagem solidária no IV ENA (2018): tinyurl.com/ficha-12-01

 Hospedagem solidária no 12º CBA (2023): tinyurl.com/ficha-12-02





ACAMPAMENTOS

“A agroecologia se constroi em redes, onde o conhecimento circula entre agricultores, pesquisadores e comunidades. São essas conexões que fortalecem a terra e a vida, unindo esforços para cultivar um futuro sustentável.”

ANA PRIMAVERSI

O QUE É?

Diversas estratégias são desenvolvidas para democratizar a participação de uma maior diversidade de grupos em eventos de agroecologia, e a hospedagem é sempre uma das principais demandas, e no CBA não é diferente, os acampamentos são uma estratégia de junção dos diversos grupos em um mesmo espaço de convergência e hospedagem, o que garante a sociabilização e acolhida de diferentes grupos sociais e políticos que participam do CBA.

PRINCÍPIOS

O Acampamento precisa ser sonhado e construído ativamente com a juventude e movimentos organizados que constroem historicamente o CBA. O acampamento se fortalece como um espaço de acolhimento, organização, interação e diálogo entre os sujeitos que irão participar ativamente do congresso.

COMO FAZER?

1. Organizar um coletivo com representantes dos movimentos sociais, dos grupos organizados de Juventude (GT de Juventudes da ABA, Via Campesina e ANA) e povos e comunidades tradicionais;
2. Buscar locais com estrutura adequada para acolher o acampamento;
3. Realizar visita técnica prévia para:
 - a) Calcular capacidade do camping a partir do tamanho do local, capacidade dos banheiros e chuveiros (identificando necessidade de implementação de estrutura adicional);
 - b) colocar tudo que venha previamente....
4. Fazer Projeto Técnico, contendo infraestrutura, equipe e programação conforme o perfil e detalhamento da cidade sede do CBA;
5. Planejar a programação do acampamento com detalhes: mapeamento das caravanas, horário para credenciamento, mapa de distribuição, horário de permanência no acampamento, horário de encerramento do acampamento, saída das caravanas;

6. Organizar a metodologia para receber as inscrições do acampamento com critérios pré estabelecidos dos grupos prioritários;
7. Criar critérios de prioridade considerando principalmente estudantes e povos e comunidades tradicionais;
8. Realizar inscrição prévia de todas as pessoas que irão participar para envio de informes e orientações.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 **Acampamento no XI CBA:**
tinyurl.com/ficha-13-01

 **Acampamento no 12º CBA:**
tinyurl.com/ficha-13-02



DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Importante realizar um processo participativo de construção do acampamento com os movimentos;
- * Sempre que possível adotar a prática dos banheiros secos, pela importância pedagógica e permacultural;
- * Pontos importantes na escolha do local: Acessibilidade, disponibilidade de água potável, se há cobertura ou não, presença de banheiros e chuveiros, área de convivência e outros detalhes que sejam coerentes com os princípios agroecológicos;
- * O objetivo é que o acampamento possa ser isento para todos os participantes que necessitem, mas, caso necessário, pode ser aplicado taxas simbólicas para a manutenção do local;
- * É importante considerar as condições climáticas da região na época do evento;





HOSPEDAGEM HOTEIS

“Pisa ligeiro, pisa ligeiro que não pode com a formiga não assanha o formigueiro”.

O QUE É?

Na busca por estratégias que garantam o melhor acolhimento para todas as pessoas que se achegam para o Congresso, no contexto do 12º CBA, a comissão local mapeou e visitou hotéis e hosteis nas proximidades do evento, em um raio de até 2km, com o objetivo de reunir e compartilhar informações para acolher as congressistas com segurança e qualidade, indicando estabelecimentos dispostos a firmar parcerias com a Agroecologia.

PRINCÍPIOS

- * Procurar hotéis e hostels seguros: Que possuam valores, acessibilidade, qualidade do serviço, fácil mobilidade, e que ofereçam diálogo aberto para parcerias com a Agroecologia e agricultura familiar;
- * Proporcionar diálogos sobre o congresso para as demais hóspedes que estejam acomodadas durante os dias do CBA;
- * Se possível, divulgar a agroecologia para os hotéis e hostels parceiros;

COMO FAZER?

1. Faça uma boa descrição do evento, com datas, local, expectativa de quantidade e perfil do público;
2. Crie um e-mail institucional;
3. Mapeie as redes de hotéis e hosteis nas proximidades do local onde será o Congresso, a estratégia vai além de mapear de forma online;
4. Envie um e-mail para os locais mapeados com as informações do Congresso e do público, juntamente com o link das redes sociais e site, para que suas equipes possam checar as informações. Proponha o agendamento de uma visita técnica;
5. Na visita técnica, apresente as informações relevantes do congresso e distribua materiais impressos sobre o que é o Congresso. Avalie o atendimento, a segurança do local, a qualidade do serviço, das acomodações, a receptividade e a disponibilidade e interesse para parcerias. Apresente as propostas de parcerias.
6. Caso a avaliação da visita seja positiva e haja abertura para a parceria, envie um e-mail de agradecimento e retorne com todos os acordos descritos para a validação da parceria;

No 12º CBA dialogamos com as gerentes sobre a possibilidade de inserção de produtos da agricultura familiar agroecológica no cardápio de café da manhã e/ou no bar (aqui é necessário indicar uma lista de parceiros fornecedores da agroecologia), além de descontos através de um cupom específico para os congressistas;

7. Elabore uma lista com as principais informações sobre as parcerias: como nome, se é hotel ou hostel, tipo de acomodação, endereço, distância até o local do Congresso, contato, faixa de preço, estrelas, o tipo de parceria firmada, e como acessar. Divulgue também no site do CBA.

MATERIAIS UTILIZADOS:

1. E-mail institucional
Ex.: hospedagem.12º CBA@gmail.com;
2. Planilhas no excel para sistematização das informações e acompanhamento do andamento das parcerias;
3. Materiais digitais e impressos com as principais informações do congresso:
 - a) Data;
 - b) Local;
 - c) Público estimado;
 - d) Perfil dos congressistas;
 - e) Pautas do evento.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Faça esse mapeamento com bastante antecedência, principalmente se a data do Congresso for próxima a feriados ou grandes eventos;
- * Faça as visitas técnicas em dupla para conseguirem dialogar sobre as percepções antes de fechar a parceria.





BRIGADA DAS JUVENTUDES

“É necessário preparar a juventude para que ela compreenda o papel que deve desempenhar no processo de libertação e desenvolvimento do seu povo.” Amílcar Cabral

O QUE É?

A Brigada da Juventude é um agrupamento de jovens inspirado na experiência dos movimentos sociais, em especial no Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), que organizam, preparam e atuam nas comunidades camponesas, bairros populares e cidades com ações políticas de diálogo com a sociedade. O Movimento ainda atua com a agitação e propaganda, desenvolvendo trabalhos de produção cultural.

No contexto do CBA, as brigadas realizam um importante papel na mobilização e apresentação do Congresso para a população da cidade sede. A pluralidade de atividades e a proposta de ocupação de locais públicos buscam evidenciar e fomentar diferentes formas de construir e experienciar o conhecimento agroecológico, além de promover o amplo e democrático acesso à informação, contemplando não só as pessoas inscritas no evento, mas também aquelas que transitam nesses espaços.

PRINCÍPIOS

- * Realizar formações políticas com a juventude;
- * Promover processos preparatórios para o CBA;
- * Gerar integração da juventude do campo e das cidades;

- * Integração dos movimentos sociais com coletivos que desenvolvem atividades culturais;
- * Realizar atividades de agitação e propaganda para dialogar com a sociedade.

COMO FAZER?

- 4. Processo formativo:** Com a intenção de aprofundar o conhecimento e trazer o sentimento de pertencimento da juventude sobre o território e a construção do CBA, as atividades da Brigada da Juventude realizam um processo formativo. Nesse momento, as jovens mergulham no universo vivido pela comissão organizadora e aprofundam o conhecimento sobre o território que abriga a população que viveu o CBA.;
- 5. Realizar oficinas culturais:** Essa construção propicia oficinas de batuque, teatro, confecção de elementos de comunicação, de materiais artísticos e de divulgação, ensaios, entre outras. As atividades podem acontecer no espaço sede do Congresso, com intervenções artísticas, distribuição de materiais de divulgação, agitação e propaganda através da arte e cultura, convidando a população a participar nos espaços de integração e diálogo do CBA nas ruas e feiras livres;
- 6. Durante o Congresso:** A Brigada da Juventude fica responsável por animar os

espaços com intervenções culturais, de modo a contribuir para comunicar onde estão os principais locais das atividades;

EXPERIÊNCIA ANTERIORES

 Brigada da Juventudes Mãe Bernadete do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-15-01

MATERIAIS UTILIZADOS:

- * Instrumentos musicais;
- * Alto falante;
- * Material de divulgação, por ex. lambes, estandartes, panfletos, faixas.



DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

É importante explorar as potencialidades do coletivo, identificando aptidões, como saber tocar instrumentos, escrita de poesias e materiais de comunicação. A identificação e diálogo com os grupos locais de arte e cultura contribuem para um maior alcance de jovens já organizadas na cidade. Historicamente, os Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) mobilizam juventudes agroecológicas nas universidades, sendo importante realizar ações estratégias em conjunto com as brigadas.

O coletivo precisa manter sua animação, portanto, momentos de integração com a equipe do CBA são essenciais!





INSCRIÇÕES/ISENÇÕES

“A agroecologia é, antes de tudo, um ato de solidariedade entre as pessoas e a natureza.”

JOÃO PEDRO STÉDILE

O QUE É?

Com o objetivo de obter uma inclusão maior de diferentes movimentos, redes, grupos e coletivos, os processos coletivos preparatórios fortalecem redes e reconhecem a força dos movimentos sociais organizados. O 12º CBA buscou construir reflexões que integrassem as demandas de participação e a inclusão no Congresso com as condições objetivas e operacionais de acolhimento das pessoas. Diferente de grande parte dos congressos científicos, que não possuem essa flexibilidade, 1.000 vagas de isenção de inscrição foram reservadas para quatro grandes categorias: juventudes, via campesina, povos indígenas e comunidades tradicionais. Viabilizar materialmente a realização do CBA não é tarefa simples e as inscrições desempenham um papel essencial nesse financiamento, portanto, campanhas de conscientização também são importantes.

PRINCÍPIOS

* **Representantes dos movimentos e coletivos:** É importante que dentro da comissão local, na diretoria da ABA e nas demais frentes de trabalho, tenham representantes dos coletivos atuando de forma orgânica, para que a construção do processo seja

acompanhada e dialogada desde o princípio da organização da edição;

* **Critérios por categoria:** Cada categoria tem seus critérios específicos de seleção, que são construídos internamente a partir dos grupos que estão articulados com a ABA e com a construção do CBA.

COMO FAZER?

1. Definir número de isenções e categorias;
2. Pré definir grupos e movimentos sociais que serão responsáveis pela seleção dos isentos de cada categoria, por exemplo: no caso das juventudes, quem fica responsável é o GT de juventudes da ABA e da Via campesina;
3. Realizar reuniões prévias para definir coletivamente os procedimentos para seleção das isenções;
4. Definir formulários que estabeleçam recebimento da lista de solicitação de isenção e que os dados cruzem com o solicitado na inscrição geral do evento;
5. Informar nas redes sociais e no site todas as modalidades de inscrição que existem, bem como as possibilidades de desconto a partir das categorias, com bastante antecedência à data de realização do evento;

6. Impulsionar a campanha de inscrições como forma de financiar as isenções;
7. Informar para cada pessoa isenta os procedimentos de credenciamento a partir dos representantes de cada categoria.

MATERIAIS UTILIZADOS

No contexto do 12º CBA, foi criado um formulário de solicitação de isenção, além da elaboração e uso de planilhas de dados dos participantes. Também foi designada uma pessoa para filtrar os dados, excluir duplicidades, fechar e divulgar as listas.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Alguns critérios foram criados durante o 12º CBA e podem orientar na garantia de uma maior representatividade de cada grupo, tendo como base os seguintes critérios:

- a) No mínimo 20% de representantes do estado do Rio de Janeiro (por exemplo: Juventudes 200 vagas, 40 pessoas do Rio)
- b) Paridade de gênero;
- c) Representatividade racial;
- d) Diversidade sexual;
- e) Considerar representatividade de regionalidades, valorizando desde redes nacionais até coletivos locais territorializados.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Conheça o informe sobre isenção do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-16-01





CREDECENCIAMENTO

“Chega pra cá minha gente
Convida a companheira
Juntamos os movimentos
Presentes na caminhada...”
MAICON CATINGUEIRO, CORDE-
LISTA E DA REDE PARAIBANA DE
NÚCLEOS DE AGROECOLOGIA

O QUE É?

Ao longo dos anos, o CBA vem buscando coerência nos processos e isso também diz respeito à inclusão e diversidade na participação do evento. Para isso, existem categorias com valores diferenciados para possibilitar uma maior acessibilidade ao evento, com o objetivo de garantir, além da presença de pesquisadoras, cientistas e professoras, a presença de grupos e sujeitos que constroem a Agroecologia nos territórios. O espaço de credenciamento é estruturante na organização do congresso, pois a partir dele é feita a primeira recepção das congressistas e a checagem de informações.

PRINCÍPIOS

O credenciamento é um processo diretamente conectado às inscrições do Congresso. As diferentes faixas de preços das inscrições visam garantir o acesso de diferentes grupos. Ao mesmo tempo, as inscrições também trazem princípios políticos, porque a partir desses

recursos e de um processo coletivo de financiamento o Congresso pode ser realizado, garantindo políticas de inclusão para as pessoas que não podem pagar.

COMO FAZER?

1. As inscrições e os valores precisam estar decididos assim que o site for lançado, porque é a primeira expectativa de quem vai participar;
2. É importante considerar mudanças nas faixas de preço ao longo do tempo, porque isso garante que o Congresso vá se auto financiando. preço mais caro no final não é para prejudicar ninguém, mas para fomentar que mais pessoas contribuam previamente;
3. O sistema de inscrições deverá ser conectado ao sistema de credenciamento que será utilizado durante o Congresso;
4. Todas as outras informações importantes, como pessoas que têm acesso à alimentação e acampamento, devem ser integradas,

- de forma prévia, ao mesmo sistema de credenciamento, evitando filas e conflitos;
5. É fundamental ter uma equipe específica para cuidar de todo o processo prévio de credenciamento, atentando para a organização de informações que devem estar alinhadas, como inscrições, alimentação, acampamento etc;
6. Nos dias do Congresso o credenciamento deve contar com uma estrutura própria, resistente à chuva, com tecnologias e equipe treinada para o processo;
7. Vale ainda organizar um coletivo de gestão política para acompanhar os dias do evento, mediando possíveis crises.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Na última edição foi utilizado um sistema integrado que continha informações sobre inscrições, alimentação e acampamento. Com o número de inscrições ou CPF, as congressistas acessavam o kit de participante, contendo bolsa, caneca, bloco, caneta, e crachá, obtendo, assim, as informações previamente definidas sobre acesso à alimentação e a hospedagem gratuitas. Esse processo, ainda que passível de melhorias, facilitou o trabalho da produção durante o Congresso, evitando as filas ao longo do credenciamento e possíveis conflitos.

Uma das políticas afirmativas praticadas nessa edição foi a isenção do valor das inscrições para 1.000 pessoas, que também tiveram acesso à alimentação e hospedagem gratuitas. Isso foi feito por meio de uma equipe específica, que contribuiu junto com os movimentos sociais, grupos e coletivos na identificação dessas pessoas.

Durante os quatro dias do Congresso no Rio de Janeiro foram disponibilizados, gratuitamente no espaço do credenciamento, 300 ingressos para o público em geral para todos os espaços do CBA. Os ingressos foram entregues por ordem de chegada e apenas 1 por pessoa.

É importante que o credenciamento aconteça em todos os dias do evento, para casos como acesso de imprensa ou até mesmo de congressistas que circulem em dias específicos.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

O que você precisa saber sobre o credenciamento e acolhida do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-17-01





VOLUNTÁRIAS

“Educação: Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperança, amor e liberdade.”

LUÍZ RUFINO

O QUE É?

O Congresso Brasileiro de Agroecologia está reunindo cada vez mais pessoas, para isso é muito importante ter uma equipe competente e atenta para acolher as congressistas que chegam para experienciar da melhor forma o CBA. A comissão organizadora desenvolve um papel essencial ao longo dos meses anteriores ao CBA, porém, existem tarefas organizativas que demandam um maior número de pessoas e que podem ser apoiadas por pessoas disponíveis apenas nos dias do evento. As voluntárias são pessoas que chegam nos dias próximos ao Congresso para contribuir com as demandas de trabalho de forma voluntária.

PRINCÍPIOS

- * **Formação presencial ou virtual:** Todas as pessoas precisam passar previamente por reuniões ou momentos de formação, presenciais ou virtuais, para planejar a inserção nas comissões de trabalho e garantir seu cadastramento no sistema de isenções;
- * **Disponibilidade para reuniões durante o Congresso:** É importante que as voluntárias estejam disponíveis para fazer avaliações

contínuas durante o Congresso caso seja necessário alinhar as expectativas e demandas de trabalho, para que a dinâmica das atividades se mantenham organizadas.

COMO FAZER?

1. Organizar uma lista de atividades e tarefas que estão pendentes e que precisam de apoio, juntamente com as coordenadoras das comissões do Congresso;
2. Construir um documento orientador que descreva como se dará o trabalho e as possibilidades ou não de hospedagem, alimentação e isenção dessas pessoas;
3. Disparar um formulário para cadastro das interessadas;
4. Definir quais serão as coordenadoras que irão receber e acompanhar as voluntárias;
5. Criar uma lista com orientações básicas para as voluntárias;
6. Dividir tarefas e fazer uma escala de trabalho para cada pessoa;
7. Realizar encontros virtuais prévios de preparação e alinhamento do coletivo;
8. É importante que durante o CBA haja momentos de escuta e diálogo com as

voluntárias, pois dúvidas podem surgir durante o evento e elas são importantes para o apoio de todos que estão no Congresso.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Como se tornar voluntária para o 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-18-01

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Durante o Congresso surgirão muitas demandas e para não sobrecarregar as voluntárias, é importante que sejam estabelecidos horários de trabalho com pouca carga horária e escalas para que elas também possam aproveitar o Congresso, visto que a grande maioria são estudantes universitárias.



O certificado de trabalho é sempre muito importante para reconhecer o trabalho desse grupo.

Priorizar pessoas que estão localizadas na cidade sede do CBA diminui as demandas de hospedagem e alimentação, além de serem pessoas estratégicas por conhecerem rotas, localização e dicas da cidade.

Organizar um local para a recepção dos Congressistas, funcionando como um posto de dúvidas onde os voluntários podem se encontrar para se dividir nas possíveis demandas emergentes do dia/período,





CIRANDA INFANTIL MARIA CAROLINA DE JESUS

“Esse texto é para ousar dizer que a Agroecologia tem que expandir seu fazer, botar na ordem do dia que é da criança que parte a tal da soberania”

CAIO MENESES E LUANA FREITAS. Trecho da Carta-Cordel-
Manifesto Apresentada no encerramento do 11º CBA.

O QUE É?

Historicamente, as Cirandas Infantis são espaços construídos a partir da experiência de movimento sociais do campo, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros grupos que tecem acúmulos e saberes nessa construção. Os caminhos da Agroecologia nos aproximam de novas possibilidades, **vivenciar a Agroecologia brincando** é o convite do Espaço Ciranda Infantil. A proposta é construir um território do brincar com vivências lúdicas de acolhida e integração das crianças que acompanham os adultos participantes do Congresso. A programação do espaço brincante deverá construir troca de saberes intergeracionais, integrada ao lema do evento. Os acúmulos do GT Infâncias da ABA-Agroecologia demarcam essa construção. Nesse sentido, é fundamental a existência de projetos contextualizados para cada edição, envolvendo colaboradoras, educadoras e outras parceiras dispostas a acolher com todo afeto as infâncias de territórios diversos e possibilitar o protagonismo

das crianças, tendo como pressuposto que a “Agroecologia Começa nas Infâncias”.

PRINCÍPIOS

- * **Cuidados com as mães da agroecologia e trabalhadoras:** A construção da cirandas permite que as mães e trabalhadoras do Congresso possam vivenciar os espaços da programação;
- * **Escuta e Assessoria das Mulheres:** A importância da presença de mulheres, contratadas com tempo e dedicação, para atuarem nos espaços de construção do conhecimento, escuta, e mobilização da ciranda;
- * **Promover o espaço a partir de uma lógica dialógica:** É fundamental nesses processos considerar o entrelaçamento entre a natureza e a cultura, as crianças e as educadoras;
- * **Integrar as crianças como sujeitos protagonistas e agentes de transformação social:** Garantir condições e estratégias pedagógicas para que as crianças expressem

seus sentimentos e impressões sobre o contexto em que vivem;

- * **Processos de aprendizagem:** Fomentar os processos de aprendizagem associados a um processo de politização agroecológica;
- * **Prezar por concepções e princípios pedagógicos freireanos:** É importante zelar por uma educação popular, democrática e libertadora;
- * **Envolver métodos e referências populares e anti colonialistas:** Prezar pelo uso de referências, materiais, brincadeiras e métodos advindos de culturas indígenas, quilombolas e de outras linguagens comunitárias é fundamental.

FLUXOS E TEMPOS

O cuidado com o processo começa bem antes de a atividade ser realizada — é necessário pensar individualmente e coletivamente sobre todos os momentos das atividades e planejá-las de acordo com o objetivo e tempo disponível para o evento.

- * Planejar e realizar atividades preparatórias pré CBA;
- * Articular demais necessidades com outras comissões, como alimentação, saúde e comunicação;
- * Elaborar um cronograma geral com divisão de tarefas e variação de turnos para que todos os espaços da Ciranda tenham colaboradoras e educadoras;
- * Pensar na questão financeira para ter um planejamento orçamentário das Cirandas.

COMO FAZER?

1. Elaborar atividades preparatórias: É importante definir um cronograma para a construção da programação e a atividades;

2. Executar o planejamento prévio ao CBA: Realizar reuniões em grupos, criar formulários para a inscrição de colaboradoras e participantes da Ciranda, além de criar um cadastro para a inscrição das crianças e mapear as propostas das oficinas;
3. Formação coletiva: Realizar formações para parceiras, pessoas contratadas e voluntárias da Cirandas;
4. **Definir coletivamente a comissão responsável:** Viabilizar a diversidade e integração de pessoas de diferentes áreas e formações que estejam dispostas a realizar as atividades com um olhar atento e escuta ativa para execução das oficinas participativas;
5. Divisão de espaços (ninhos) de acordo com a idade das crianças: Definir espaços com nomes que tenham fonéticas simples e distintas para facilitar a localização dos grupos nas Cirandas.

Para inspirar: no 12º CBA, os nomes dos ninhos (espaços da Ciranda) foram os seguintes: Tiê, Bem-Te-Vi, Tucano e Arara. Cada ninho foi organizado de acordo com a faixa etária das crianças.

6. **Estabelecer atividades e oficinas educativas:** Garantir a abertura de inscrições para as propostas das participantes na coordenação da Ciranda, atentar-se ao quantitativo de atividades, oficinas e representatividade das facilitadoras por espaço. As propostas precisam estimular e priorizar fundamentos pedagógicos, que valorizem a diversidade e estimulem atividades lúdicas e populares.

7. **Dados importantes do 12º CBA** que ajudam a ilustrar:

No 12º CBA do Rio de Janeiro (2023) tivemos 120 vagas para as crianças na Ciranda, e todas as vagas foram ocupadas. Contamos com uma equipe de 19 educadoras, 9icineiras e 4 voluntárias entre as 32 oficinas que foram construídas para as crianças, além de outras 5 atividades preparatórias.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

-  Confira a experiência do 11º CBA: tinyurl.com/ficha-19-01
-  Vídeo do 12º CBA: tinyurl.com/ficha-19-02
-  Confira a experiência do 12º CBA: tinyurl.com/ficha-19-03
-  Conheça o GT Infâncias: tinyurl.com/ficha-19-04





TENDA DA SAÚDE

“Saúde é a capacidade de lutarmos contra tudo aquilo que nos oprime.”
MST — SETOR DE SAÚDE

O QUE É?

A Tenda da Saúde tem como proposta ser um espaço de educação popular, de construção compartilhada de saberes e de cuidado a partir de práticas integrativas, populares e dos ofícios tradicionais das raizeiras, benzedeiras e parteiras. Além dos atendimentos, podem ser realizadas as atividades entre rodas de conversa, oficinas e práticas de cuidado. As atividades devem promover reflexões e vivências que partem da ressignificação do cuidado em saúde, construindo caminhos políticos e pedagógicos para a Agroecologia integrar saberes e práticas tradicionais e populares aos processos do Sistema Único de Saúde (SUS), além de fortalecer redes e movimentos sociais na luta pelo direito à saúde que, por sua vez, também envolve o direito à terra, à soberania alimentar, à água, dentre outros bens e recursos fundamentais para garantia da vida.

O nome do espaço de cuidado do 12º CBA foi uma homenagem em vida à mestra indígena Mayo Pataxó, que tem semeado e realizado atividades nas tendas da saúde durante os encontros de Agroecologia. Ela é uma grande inspiração de força, trazendo um olhar sobre o cuidado, a ancestralidade, e nossa real medicina, que vem das folhas, dos saberes e práticas dos povos e comunidades tradicionais.

PRINCÍPIOS

- * **Promover práticas de cuidado e cura:** Abranger as diferentes dimensões da saúde no contexto emocional, físico, espiritual e social, de modo a estimular o encanto e a relação íntima com os saberes, as ervas e as terapias integrativas;
- * **Valorizar as iniciativas coletivas e populares:** Baseado nas medicinas e conhecimentos tradicionais, de erveiras, raizeiras,

benzedeiras, mulheres, povos originários e comunidades tradicionais;

- * **Buscar a saúde a partir da força vital e relação harmônica:** Com a natureza e da necessidade de preservação e integração com o ecossistema;
- * **Fortalecer as organizações populares e agroecológicas:** De pequenas agricultoras (urbanas e rurais), erveiras, curandeiras, comunidades tradicionais para a manutenção das práticas e saberes tradicionais de curas e cuidados;
- * **Possibilitar o diálogo e convergências entre saberes e práticas:** Considerar as diferentes experiências de organizações populares e comunitárias, do Sistema Único de Saúde (SUS) e instituições de ensino que fazem interlocução com Saúde e Agroecologia.

FLUXOS E TEMPOS

O fluxo e a busca pelo cuidado na Tenda são diversos, podendo passar desde as trabalhadoras do espaço até aos participantes do Congresso, equipe e pessoas que estejam somente ali de passagem no seu cotidiano. Para contemplar a programação do Congresso, é importante pensar nas pausas e escaladas das colaboradoras da Tenda para que elas também possam aproveitar o espaço de cuidado e as demais atividades do evento, por isso, considerar os momentos de abertura e fechamento energético, momentos de cuidado entre terapeutas,icineiras, voluntárias e demais colaboradoras é um processo essencial.

MATERIAIS

No primeiro momento é importante entender a estrutura da Tenda e equipamentos necessários para as oficinas: fogão e pia; cadeiras, projetor, microfone e som. Para as terapias: maca, cadeiras de massoterapia, cadeiras, tapetes, e mesas de suporte de material. No segundo momento, deve-se definir os materiais necessários para as realizações das atividades e, se possível, buscar garantir a compra diretamente das terapeutas conectadas às redes de Agroecologia (óleos, tinturas, pomadas entre outros itens).

COMO FAZER?

1. **Trabalhar coletivamente:** valorizar a diversidade de sujeitas e práticas, movimentando e reconhecendo as medicinas ancestrais compartilhadas;
2. **Articular parcerias e coletivas:** que sejam referências nos saberes, cuidados, e cultivos de plantas medicinais do território sede do CBA;
3. **Realizar encontros semanais para sonhar a Tenda coletivamente:** Pode ser feito com encontros virtuais, para acolher novos coletivos, terapeutas e instituições;
4. **Dividir a Comissão em Subcomissões:** Secretaria, Cuidadoras individuais, Cuidadoras coletivas, autocuidado, incorporação, infraestrutura, oficinas e roda de conversa;
5. **Realizar reuniões semanais:** reuniões das subcomissões com tarefas preestabelecidas, com reunião quinzenal de toda a comissão: repasses, avanços e desafios;
6. **Tecer territorialmente a tenda:** é importante contratar coordenadoras locais;
7. **Avaliar e sistematizar aprendizados:** pensar a produção de relatórios e a organização de dados, resultados e legados.



DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Uma boa dica é comunicar para além do espaço da Tenda, de modo a conseguir colaborar e integrar as ações desenvolvidas nesse espaço com outros processos e comissões do Congresso. Para uma futura realização descentralizada da Tenda aconteça, é importante pensar de modo estratégico nessa distribuição, a fim de conseguir atender colaboradoras que estejam trabalhando no evento.



Espaço de Cuidados 'Dona Chica' busca terapeutas voluntários para atuar durante o XI CBA:
tinyurl.com/ficha-20-02



Saiba mais sobre Mayo Pataxó:
tinyurl.com/ficha-20-03



“Um dos nossos principais desafios foi conseguir moderar a integração com as demais ações do CBA. Permeiar melhor a participação das pessoas da Tenda na vivência e aprendizagens do Congresso é fundamental, também dialogar mais ativamente e contribuir com outros espaços como, por exemplo, com o Barracão da Saúde, para debater sobre a saúde e Agroecologia, e fazer com que essa rede potente e engajada se mantenha!” Marcelle Felipe, uma das Coordenadoras da Tenda da Saúde no 12º CBA no Rio de Janeiro (2023).

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Saúde Integral e Medicina Tradicional dizem muito sobre a agroecologia (2018):
tinyurl.com/ficha-20-01



GESTÃO DE RESÍDUOS



Palha, poda picada, resíduo orgânico e compostagem!

O QUE É?

Processo no qual catadoras, assessoras técnicas, agricultoras e a sociedade têm a oportunidade de refletir sobre coleta, destinação e processamento de resíduos. Nesse sentido, o objetivo dessa ação dentro do CBA busca impulsionar iniciativas organizadas de reciclagem popular articulada com o trabalho e a prática de “lixo zero”.

Lixo zero é um conceito que promove o máximo aproveitamento e correto encaminhamento dos resíduos recicláveis e orgânicos. O objetivo é o fim do encaminhamento desses materiais para os aterros sanitários ou incineradores.

PRINCÍPIOS

- * Articulação com os movimentos sociais, garantindo o envolvimento das catadoras de materiais recicláveis em todas as etapas dessa ação, inclusive no desenho de planejamento inicial e não apenas na execução da coleta;
- * Assessoria para a escolha das melhores opções de fornecedores e tipos de materiais em todas as comissões e processos do Congresso;

- * Coerência entre discurso e prática;
- * Redução dos impactos na geração de resíduos;
- * Fortalecimento e geração de renda para os movimentos sociais.

COMO FAZER?

1. Levantar informações e conversas iniciais com parceiras e comissões;
2. Realizar oficina presencial de planejamento, envolvendo os espaços sede e identificação dos processos em curso e dos possíveis legados;
3. Definir na oficina as subcomissões;
4. Elaborar projeto detalhado, considerando os seguintes itens:
 - a) organização da equipe
 - b) proposta técnica
 - c) plano de comunicação
 - d) levantamento de materiais
 - e) operação do processo logístico
5. Aprofundar construção de parcerias e captação de recursos
6. Definir o local de entrega voluntária do evento;
7. Construir métodos de separação dos resíduos do evento em: recicláveis, orgânicos e rejeitos.
8. Formar e capacitar a equipe de execução;



9. Planejar a divisão de tarefas e os processos de coleta durante o congresso em parceria com a equipe geral de produção;
10. Avaliar e sistematizar dados e resultados.

Dados do 12º CBA

5,9 toneladas de orgânicos destinados para a compostagem;

3 toneladas de materiais destinados para reciclagem;

90% do resíduo produzido foi reutilizado, reduzido ou reciclado;

32 pessoas na equipe de gestão de resíduos para operação, das quais eram 30 pessoas da Cooperunião, do bairro do Jacarezinho, cidade do Rio de Janeiro, e 2 pessoas na coordenação geral.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * **Experiência do Lixo Zero no IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA):** Nesse caso, os recicláveis secos foram tratados pela Coopesol-Leste, gerando trabalho e renda para as catadoras. Os resíduos orgânicos foram compostados no Centro de Vivência em Agroecologia do Taquaril (Cevae Taquaril) e se transformam em adubo para as agricultoras, materializando, na prática, a convergência e integração das lutas da agroecologia e da reciclagem popular. Para saber mais, acesse o caderno de sistematização "Memórias do IV ENA O Fazer Coletivo da Agroecologia: Metodologias, processos colaborativos e diálogo com a sociedade", através do link:



tinyurl.com/ficha-21-01



comunicação, arte
e cultura





ASSESSORIA DE IMPRENSA

“Comunicar a agroecologia até que ela esteja na boca, nos corpos e na vida de todas as pessoas”

COLETIVO DE COMUNICAÇÃO DO 12º CBA

O QUE É?

A Assessoria de Imprensa tem como principal objetivo gerenciar a informação para repassá-la de maneira eficaz por meio de diversos canais, buscando dar alcance e promover a incidência no diálogo com diferentes setores da sociedade. Os conteúdos podem ser direcionados a grandes canais de comunicação (TV aberta, jornais impressos, influenciadores de redes sociais e outros veículos), redes, governos e instituições parceiras, ou canais com temáticas específicas.

Os coletivos de Assessoria nos CBAs têm o papel de traduzir as informações volumosas, acadêmicas e carregadas de militância, tornando-as acessíveis para o interesse público. Através do contato com as redações de TVs, jornais, portais, sites e redes sociais, a assessoria tem o objetivo de divulgar os materiais e emplacá-los como mídia espontânea, ou seja, sem a necessidade de pagar por aquele espaço.

Está nas atribuições da assessoria filtrar as informações relevantes dos setores, analisar as que têm potencial para se tornar notícia e redigir materiais escritos interessantes, que podem ser um texto chamado de *release*, ou gravar vídeos e áudios para enviar aos veículos.

PRINCÍPIOS

- * Garantia de dados quantitativos que expressem e traduzam a relevância da Agroecologia e das pautas priorizadas em cada edição do Congresso;
- * Busca por experiências territoriais que apontem caminhos concretos para a superação dos desafios identificados, evidenciando a diversidade das práticas agroecológicas;
- * Produção de diferentes materiais em linguagens diversas e acessíveis;
- * Abordagem com foco em apresentar as soluções que a Agroecologia traz.
- * Garantir narradoras, inclusive no campo da ciência institucionalizada, para que sejam as porta-vozes, expressem a diversidade das identidades dos territórios e incluam mulheres, jovens, mestras, povos e comunidades tradicionais, periferias urbanas e demais grupos invisibilizados.

COMO FAZER?

1. Contratar coletivos de comunicação aliados e coerentes junto aos princípios da Agroecologia;
2. Garantir um *mailing* (uma lista de e-mails e telefones) sempre atualizado e manter um relacionamento constante com as jornalistas das redações;
3. Produzir entrevistas e conteúdos cujas temáticas tenham sido definidas em comum acordo com a coordenação geral do CBA e com a rede de comunicação do Congresso.

Produzir perfis de participantes que vieram de longe; de coletivos que trabalham com algo específico em alguma região; falar sobre os animais que estiveram presentes no evento, entre outros detalhes ricos para elaborar conteúdos de comunicação que promovam o engajamento.



DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

1. Garantir um espaço seguro e organizado para o armazenamento do conteúdo;
2. Elaborar um plano de recompensas para as pessoas voluntárias da comunicação, e organizar as pautas e demandas para que todas tenham suas atividades muito bem definidas;
3. Destacar pessoas da equipe para publicar todo o material;
4. Buscar influenciadoras digitais para disseminar o conteúdo publicado e produzir conteúdo em colaboração com a ABA-Agroecologia;
5. Abordar com mais profundidade as histórias das pessoas que compõem o CBA, apresentando fatos e curiosidades específicas dentro o universo da Agroecologia.



COBERTURA COLABORATIVA E REDE DE COMUNICAÇÃO POPULAR CBA

“A comunicação popular deve contribuir para a construção da cidadania na comunidade. Essa é uma comunicação emergente que vem do povo ou tem a ver com ele. É a partir desse conceito que refletimos sobre o papel desse tipo de comunicação para o conhecimento de direitos e deveres e para a prática da cidadania.”

CRISTIANE REIMBERG CITANDO CICÍLIA PERUZZO (1991)

O QUE É?

Rede colaborativa formada por jornalistas e comunicadoras de diferentes lugares do Brasil, da América Latina e de outros países. Tendo em vista a dimensão e diversidade do Congresso, é importante convocar comunicadoras populares para colaborar voluntariamente na missão de expandir as fronteiras da Comunicação Agroecológica. Entre as principais tarefas da Rede de Comunicação, estão: colaboradoras de texto (reportagens, blog e redes sociais); apoio no site (publicação de conteúdo e backend); produção de material gráfico para plataformas online e para impressão; apoio na produção da Rádio CBA e apoio em foto e vídeo nos eventos presenciais pré-CBA.

PRINCÍPIOS

* **Diálogo Interinstitucional:** Parceria, integração e ação colaborativa envolvendo diferentes instituições públicas, governamentais e outros coletivos independentes. Organizações de base ou sem fins lucrativos, coletivos ou redes de comunicação comunitária e popular;

* **Comunicação Popular:** Prezar pelos princípios da comunicação comunitária de base popular, ou seja, promover uma comunicação emergente que vem do povo e dialogue com ele. O povo deve aparecer como protagonista de novas práticas sociais, culturais e políticas. Conferir os princípios sistematizados na publicação “Propostas para comunicação agroecológica” disponível abaixo.

COMO FAZER?

1. Convocar a rede a partir de Encontros Virtuais da Comunicação Ecológica, animado pela Coletiva de Comunicação da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), e pela coordenação do CBA;
2. Formar de coletivos ou setoriais que possam coordenar os processos de comunicação por área;
3. Construir ferramentas de recebimento, processamento e gestão de tarefas garantindo prazos e distribuição das demandas de maneira eficaz.

EXPERIÊNCIAS INSPIRADORAS

 **Experiência de chamamento e ficha de inscrição do 12º CBA:**
tinyurl.com/ficha-23-01

 **Livro “Propostas para comunicação agroecológica”:**
tinyurl.com/ficha-23-02

 **5 passos para criar um coletivo de comunicação comunitária — Criar espaços de comunicação também é pensar na formação de comunicadores:**
tinyurl.com/ficha-23-03

 **Oficina da ANA fortalece conexões entre Comunicação e Agroecologia:**
tinyurl.com/ficha-23-04

 **Video do Encontro Virtual da Comunicação Agroecológica rumo ao 12º CBA:**
tinyurl.com/ficha-23-05

 **Caderno Acesso à Informação e Direito à Comunicação:**
tinyurl.com/ficha-23-06





RÁDIO CBA

De acordo com dados do Inside Rádio 2022, estudo anual da Kantar IBOPE Media sobre o consumo de rádio no país, o rádio é ouvido por 83% da população brasileira, considerando as 13 regiões pesquisadas regularmente pela empresa. Segundo o instituto, três a cada cinco ouvintes escutam rádio todos os dias e 58% estão ouvindo o meio em maior ou na mesma quantidade nos seis meses anteriores à pesquisa. Com relação ao tempo diário, a análise demonstrou que cada ouvinte passa, em média, 3h58 ouvindo rádio por dia. No Brasil, 7,4 milhões de brasileiros ouvem o rádio pela internet”.

VALOR GLOBO (2023)

O QUE É?

A comunicação através de recursos de áudio mantém lugar relevante na sociedade mesmo com todas as transformações ocorridas nos últimos anos. Seja por meio de programas de podcasts específicos, seja ocupando programas de rádio aberta ou a partir da instalação de sistemas físicos de comunicação através de rádio nos eventos, é certo o poder de alcance dessa linguagem.

PRINCÍPIOS

- * **Variedade de conteúdos:** em formato de entrevistas, músicas, receitas e outros conteúdos;
- * **Garantir a diversidade de saberes e identidades entre as entrevistas:** Desde quem faz a entrevista até quem é entrevistada. É

fundamental que jovens, mulheres, mestras, e lideranças dos territórios possam ser protagonistas e fonte dos conteúdos;

- * **Promover a comunicação inclusiva e acessível:** A linguagem radiofônica é uma das mais aceitas no compartilhamento de diferentes culturas e cosmologias, por ser vetora da oralidade como produtora de conhecimento, pois ao mesmo tempo que fornece informações e dados objetivos, ela é capaz de transmitir e compartilhar emoções e sentimentos entre diferentes públicos;
- * **Garantir a variedade de abordagens:** É essencial promover o uso livre e democrático, contextualizado aos territórios, propiciando a relação do conhecimento com as experiências, além de valorizar os conhecimentos populares e tradicionais de forma

mais direta, ao invés apenas de difundir informações. Isso inclui promover as experiências territoriais em diálogo com academia e movimentos populares.

COMO FAZER?

1. Garantir pessoas da rede da agroecologia com disponibilidade e experiência em rádio nos locais que sediam o Congresso, para avaliar a viabilidade das ideias propostas de acordo com as possibilidades locais e parcerias possíveis;
2. Desenhar e validar o planejamento de conteúdo e orçamento necessário (ideal e mínimo);
3. Construir estratégias de comunicação que dialogue com rádio difusão;
4. Dividir tarefas e construir cronograma de ações;
5. Garantir avaliação.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Utilizar os canais de rádio já existentes da ABA-Agroecologia criando novos programas nas contas já existentes;
- * Distribuir o material produzido para as plataformas de podcast também em formato de áudio nos grupos virtuais de WhatsApp;
- * Incluir relatos de experiências, músicas e poesias advindas de diferentes regiões, garantindo a diversidade de sotaques, culturas e identidades.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * **Agroecologia na Boca do Povo:** Podcast da Rádio CBA estruturado em quatro episódios recheados de informações. Uma iniciativa

de mobilização, produção de conteúdos e participação popular baseadas em mídias sonoras (rádio). A Rádio CBA fez parte das atividades desenvolvidas pela Comissão de Comunicação e Cultura do 12º CBA: Escute nosso podcast e fique por dentro do 12º CBA!



tinyurl.com/ficha-24-01

- * **Momento Agroecológico:** Programa semanal gravado com média de 4 minutos de duração. Entrevista de agricultoras, pesquisadoras e consumidoras de produtos agroecológicos, retratando iniciativas de agroecologia popular desenvolvidas em diversas regiões do país e apresentando os benefícios dessa prática na vida das trabalhadoras rurais:



tinyurl.com/ficha-24-02



Podcast CTA
Zona da Mata Mineira:
tinyurl.com/ficha-24-03

- * **“Chá com Agroecologia”:** Podcast feito para partilhar conhecimento e informações para estudantes, agricultoras, entre outros:



tinyurl.com/ficha-24-04





LOJINHA CBA

“O samba é rodando, a capoeira é rodando, o reggae é rodando, a gira é rodando, tudo nosso é na circularidade”.

ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS (NEGO BISPO)

O QUE É?

Essa iniciativa compreende a confecção de materiais promocionais institucionais. No caso da ABA-Agroecologia, são materiais conectados ao lema do Congresso ou de algum outro evento específico. Trata-se de criar objetos que possam ser comercializados. É desejável que essa ação faça parte do processo preparatório do CBA e, se possível, esteja dentro de uma campanha de comunicação e fortalecimento institucional cuidadoso, podendo produzir canecas, camisetas, bandeiras, adesivos, chaveiros, cartazes, sacolas e outros materiais.

PRINCÍPIOS

- * Cuidado institucional, levando em conta a natureza da instituição, no nosso caso, uma associação científica;
- * Planejamento de matérias primas mais ecológicas;
- * Fornecedores populares: cooperativas, coletivos de mulheres, jovens e das comunidades;
- * Cuidado estético apurado, boa resolução das imagens e autenticidade;
- * Preços de venda acessíveis.

COMO FAZER?

1. Planejar as possibilidades a partir dos orçamentos;
2. Conferir os melhores fornecedores;
3. Validar o conteúdo com os coletivos da ABA-Agroecologia e do CBA;
4. Fazer parceria para venda em pontos físicos, parceiros da Agroecologia;
5. Planejar a venda virtual com destaque para a previsão das taxas de envio e trabalho de divulgação;
6. Gerenciar e prever antecipadamente o uso dos recursos gerados com a venda dos produtos.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Garantir pessoas com disponibilidade e que não estejam em outras comissões de trabalho para cuidar dessa iniciativa;
- * Buscar alinhamento com a identidade visual e lema da edição do Congresso;
- * Pensar coleções de materiais pedagógicas e políticos;
- * O uso do próprio Instagram da ABA-Agroecologia como um caminho que pode ser mais simples do que um site para realizar as vendas on-line.



CENOGRAFIA POLÍTICA

Mística refere-se a algo intangível, é a qualidade de confiança, coragem e firmeza ante situações favoráveis ou adversas da luta.

Mística é também o nome dado a cerimônias com características rituais. Entretanto, longe de limitar-se ao encorajamento dos militantes, tais cerimônias desempenham importantes funções políticas e organizativas, com relevância atestada por serem atividades prescritivas, objeto de regulação e reflexão especializada. Embora tarefa de equipes rotativas, altamente valorizada, ela é considerada competência de militantes experientes, especialmente do setor de formação política. Mística é: a) uma qualidade ou valor; b) uma prática ritual; c) um “princípio organizativo” e d) um “método de trabalho de base. Em suas múltiplas dimensões, a mística é veículo e expressão da cosmologia, desempenhando papel político fulcral na articulação de suas instâncias organizativas e na propulsão da ação coletiva”.

Adaptado de “Rituais da Mística. A mística do MST e as aporias da ação coletiva”

CHRISTINE CHAVES em Revista de Antropologia (2022)

O QUE É?

Enquanto uma área de estudos e projetos, cenografia é o termo que se aplica ao estudo e à prática da concepção e execução de cenários para além do contexto do teatro. A cenografia considera o uso e a composição de diferentes elementos em um ambiente, entre os quais se destacam a estrutura existente, a iluminação, os sons, o figurino e a disposição das pessoas no espaço.

Na agroecologia, a cenografia é ressignificada como um dispositivo pedagógico carregado de capacidade narrativa. Por meio dos ambientes criados para convivência e trabalho, busca-se construir elementos que possam não apenas embelezar esteticamente os espaços, mas também transmitir mensagens políticas, afetivas e sensíveis relacionadas aos temas abordados. Para os nossos processos da agroecologia, não interessa apenas o resultado final. O modo

como as cenografias são concebidas, as formas e as pessoas envolvidas em sua confecção são determinantes para a realização do processo e resultado cenográfico, levando em consideração sua vocação enquanto dispositivo pedagógico.

PRINCÍPIOS

Assim como em outros processos, buscamos coerência entre discurso e prática, portanto, alguns cuidados são necessários:

- * **“Todo mundo pode fazer onde estiver” — replicabilidade popular:** Embelezar espaços e torná-los potentes do ponto de vista artístico e estético não pode ser privilégio de quem possui recursos financeiros para comprar materiais e artefatos específicos para a cenografia. Ainda que existam despesas e investimentos financeiros, nossa busca é por técnicas que possam ser facilmente replicáveis, com baixo custo, material de acesso comum em diferentes territórios e condições de vida. Esse princípio está conectado ao princípio da autonomia dos territórios produzirem e adaptarem seus próprios materiais e faz parte do cuidado em não centralizar processos, gerando e movimentando economias que podem criar mercados e vendas descentralizadas;
- * **Contexto histórico e territorial:** Considerar as habilidades locais, as cores, as texturas, os símbolos, signos e elementos das culturas populares e tradicionais de cada território que sedia o evento;
- * **Mestras e grupos dos ofícios populares:** Priorizar e envolver nos processos costureiras, artesãs, marceneiras, entre outras detentoras de saberes, fazeres e ofícios locais, prezando sempre pela contratação de grupos populares para a confecção de bolsas

e outros elementos. Apontamos o cuidado para que essas pessoas também sejam tratadas como colaboradoras na concepção das peças, e não apenas como executoras de serviços;

- * **Materiais ecológicos:** A redução de resíduos em um CBA é uma preocupação central. Nesse sentido, sabemos que a geração de materiais sem aplicabilidade após o uso cenográfico é uma prática comum e desafiadora. Essas preocupações estão no centro dos coletivos artísticos da agroecologia. É fundamental evitar o uso de materiais plásticos e progressivamente incorporar técnicas de baixo impacto, com recursos orgânicos e biodegradáveis ou que terão uso posterior para outras atividades e eventos.

COMO FAZER?

1. **Planejar a replicabilidade:** Algumas perguntas-chaves desse processo são: quais materiais temos disponíveis nesse coletivo, nessa rede e nesse território? Quais técnicas artísticas e manuais já fazemos ou temos disponíveis? Temos coletivos que descartam materiais que podem ser reaproveitados?
2. **Envolver mestras** e outros grupos de ofícios locais não apenas na execução das peças, mas também no planejamento;
3. Estudar, medir e **planejar a intencionalidade e a proposta de cada espaço**, fazendo um planejamento de cada ambiente;
4. **Fazer orçamentos e buscar parcerias** (doação de retalhos, escolas de sambas, centrais de reciclagem, viveiros e outros focos potenciais);
5. **Organizar uma equipe responsável** e planejar a divisão de tarefas;

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

“A doação de passarinhos”

No 12º CBA, não prevemos com toda a antecipação necessária, mas conseguimos antes do último dia garantir que todos os passarinhos confeccionados para o Congresso que ainda não tinham destino pudessem ser doados para nossos espaços parceiros. Destacam-se os passarinhos que foram para o Centro de Tradições Afro-Brasileiras Ylê Asê Egi Omim e para o Centro do Teatro do Oprimido (CTO). Além dos passarinhos, outras estruturas de bambu, cadeiras, tecidos, adereços e banners em lona tiveram seus destinos planejados. Vale conferir a ficha sobre “Gestão de Resíduos”, que detalha outros processos e parcerias possíveis (Ficha 21).



TUTORIAL

Passarinhos

Os passarinhos estão voando para o CBA! Aprenda a fazer essa arte e envie-a para o Congresso” — texto original de divulgação (2023)

Atenção, passarinhos de todo o Brasil! Estamos convocando artistas e coletivos agroecológicos a confeccionarem passarinhos artesanais para que eles voem até os espaços do 12º CBA e deixem nossos espaços encantados com a alegria e esperteza dos pássaros. Essa é uma proposta de mobilização e comunicação da poesia do Congresso. Cada grupo pode escolher a forma, o modelo e os materiais de confecção. O importante é valorizarmos e utilizarmos as técnicas artesanais, populares e tradicionais de nossos territórios, privilegiando materiais orgânicos como bambu, palha, madeiras, dentre outros. Em novembro, véspera do CBA, pedimos que as pessoas e os coletivos tragam seus passarinhos para o Rio de Janeiro (RJ). Cada um deles será cuidadosamente incorporado à cenografia do Congresso, simbolizando o voo e a migração dos pássaros, das pessoas, das ideias, das sementes, em um ciclo de vida e de esperança que está sempre se renovando. Assista ao vídeo abaixo e aprenda a fazer um passarinho inspirado na técnica do artista plástico Cláudio Guedes, que mora em Poços de Caldas (MG), onde mantém o seu atelier, o OBRA255.

Confra

Os passarinhos estão voando para o CBA! Aprenda a fazer essa arte e envie-a para o Congresso



tinyurl.com/ficha-26-01



CORTEJOS

Quando saímos às ruas em cortejo, estamos tão imbuídos de fé, esperança de sobrevivência, alegria e espiritualidade que, enquanto vamos caminhando (...) Nossos protetores, nossos guardiões, nossos antepassados (...) cantam e rezam o tempo inteiro, dança cantando, reza cantando e se manifesta de formas diferenciadas. E, à medida que vai passando esse povo poderoso, com uma força magnífica e ancestral, cada passo que ele caminha no espaço vai transmutando as energias: as negativas em positivas, as ruins em boas, os maus pensamentos em bons pensamentos. O momento de cortejo é um momento de limpeza, firmeza mental e espiritual. Estamos ali para nos firmarmos como pessoas, mas, também, para mostrar o que fazemos e acreditamos, servindo a Zambi e aos guias de luz.”

Texto adaptado de ISABEL CASIMIRA GASPARINO, Em “Piseagrama Comunidades”

O QUE É?

Desfile, peregrinação, procissão. Não é exata a origem dos cortejos, mas há registros em diferentes povos antigos dos festejos de boa colheita celebrados através de caminhadas pelas ruas e estradas, nas quais se faziam presentes máscaras, movimentos, técnicas circenses, instrumentos musicais, comidas e bebidas celebrando a fertilidade da terra e da vida. É a partir da organização estrutural dos cortejos em diversas culturas populares que diferentes linguagens artísticas se juntam para construir trajetos embalados por músicas e danças.

Atenta e buscando conectar cada vez mais as estratégias de diálogo da cultura popular, há alguns anos, principalmente desde o início das Caravanas Agroecológicas e Culturais em 2012 em preparação para o III Encontro Nacional de Agroecologia (III ENA), a agroecologia vem acionando os cortejos como ferramentas de mobilização e comunicação com a sociedade. **Para a agroecologia, os cortejos se transformam em atos políticos, cumprindo múltiplas funções**, entre elas: comunicação de pautas de resistência e proposição pública; valorização e reconhecimento das pessoas e mestras; aproximação de diferentes segmentos (acadêmicos

e governamentais) à linguagens artística; articulação de pessoas e coletivos culturais; e a implementação de estratégias de movimentação e orientação física dos coletivos nos espaços dos encontros.

Incorporados às práticas religiosas, principalmente católicas, e ao carnaval de rua, ou seja, entre o sagrado e o profano, **os cortejos se transformam em dispositivos artísticos, políticos e comunicacionais que percorrem trajetos em movimento**, nos quais um núcleo central produz, estimula e convida pessoas durante sua caminhada a se somarem ao passo e a participarem da composição da atividade.

PRINCÍPIOS

- * Reconhecer e incorporar grupos, coletivos e artistas locais que atuam historicamente no território e que estão alinhados com os princípios políticos da agroecologia;
- * Definir o sentido estético, afetivo e político das mensagens que deseja-se transmitir durante o cortejo;
- * Garantir o protagonismo de mulheres, mestras, crianças, jovens e grupos populares e tradicionais, evidenciando indígenas, coletivos negros e demais grupos com menor acesso histórico a lugares de visibilidade;
- * Garantir a produção de materiais comunicativos prévios, cobertura durante o percurso e após a realização do ato.

COMO FAZER?

A preparação em cada local será diferente, basicamente por dois motivos: as condições estruturais serão distintas e a disponibilidade dos grupos artísticos serão heterogêneos. Aqui seguem apenas alguns lembretes que deverão

ser adaptados. O primeiro passo quase sempre envolve realizar encontros de escuta, planejamento e articulação, destacando os seguintes cuidados:

1. Formar um **núcleo artístico local**, que busque articular múltiplas linguagens, entre elas: circo, dança, música (repente, RAP, slam), performance, artes plásticas, projeções, poesia entre outras possibilidades;
2. **Formar equipe de produção** que, entre outras orientações, será responsável por gerir as **autorizações e demandas de infraestrutura** que devem ser previamente preparadas junto aos órgãos componentes. Isso inclui a produção de documentos no prazo necessário para a liberação do trajeto na via pública e atender a demais necessidades de acordo com o local, a proposta e o número de pessoas envolvidas;
3. **Produzir materiais comunicacionais virtuais e físicos**, destacando a identidade visual, a produção de peças simbólicas, como estandartes, e demais cuidados da composição estética;
4. Destacar a articulação com a **rede de comunicação local para cobertura em diferentes linguagens**, sempre buscando a presença de representantes das mídias convencionais e de maior alcance no diálogo com a sociedade;
5. **Garantir a inclusão das mestras das artes, da agroecologia, das comunidades tradicionais urbanas e rurais, representantes religiosos e outras pessoas de relevância política** que devem ter lugar de destaque e cuidado específico durante o trajeto;
6. **Segurança e cuidados com saúde** devem ser pontos tratados exhaustivamente desde o início, incluindo a definição de locais onde as pessoas que conduzirão o processo poderão descansar, se alimentar e se preparar. Garantir

a hidratação da equipe artística durante o trajeto é imprescindível. Também é importante uma equipe de apoio para direcionar o cortejo e orientar a sinalização em momentos delicados, como a travessia de ruas e avenidas;

7. A depender do trajeto e da proposta, **planejar paradas e intervenções artísticas com falas** que apontam os objetivos da ação;
8. **Definir formas de diálogo e interação** com quem assiste e pode compor a travessia. Aqui é fundamental pensar em panfletos, lambes-lambes, carro de som e outras formas sutis e potentes de contato como a distribuição de comidas, água, mudas, flores, sementes e outros elementos;
9. Não esquecer de **avaliar e produzir registros** que possam inspirar outros processos.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Pensar em adaptações, no caso de chuva, para travessias em espaços abertos;
- * Envolver as infâncias e grupos de infanto-juvenis nos cortejos traz leveza e força;
- * Na definição dos grupos artísticos e composição do cortejo, refletir: qual energia, sentimentos, afirmações gostaríamos de trazer para esse momento de abertura do encontro ou atividade? Com que energia, sentimentos, afirmações queremos fazer a atividade do cortejo enquanto abertura, encerramento ou culminância?





MEMORIAL DAS PESSOAS ENCANTADAS

“As encantarias da natureza fazem parte de inúmeras culturas e tradições. Sendo seres visíveis ou invisíveis, os encantados habitam as matas, as águas, as montanhas e, na forma de animais ou não, seguem como mensageiras de cuidado, proteção e sabedoria.”

COMISSÃO DE ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO 12º

CBA ACIONANDO VÁRIAS REFERÊNCIAS

O QUE É?

Uma inovação do 12º CBA, o Memorial das Pessoas Encantadas nasce com a intenção de compartilhar a história de vida de pessoas inspiradoras que faleceram recentemente. O memorial é um dispositivo pedagógico de reconhecimento e contato com a memória da agroecologia, a partir da trajetória de vida de pessoas que dedicaram, de diferentes formas, suas ações, pesquisas, práticas e modos de estar no mundo às bandeiras de luta tecidas em torno da agroecologia e da defesa da vida, ou seja, o espaço também é dedicado à memória de lideranças dos territórios tradicionais, mestras da educação popular e da construção de novos sentidos e projetos da sociedade. No Memorial são dispostas diferentes mudas de árvores, e em cada uma delas é anexado um cartão com foto e informações básicas sobre a pessoa homenageada. Essas mudas encantadas são distribuídas ao final do Congresso, de maneira cuidadosa e articulada, de modo que os participantes do evento ou atividade possam levá-las para plantar em seus territórios em homenagem aos encantados.

PRINCÍPIOS

- * **Desafio de alocação:** Ser um espaço de quietude, acolhimento e poesia. Portanto, destaca-se a importância de alocá-lo em um espaço acessível e que promova uma ambientação apropriada, garantindo uma interação mais sensível das pessoas com o espaço. Contudo, é determinante elaborar uma sinalização adequada para contato e visitação;
- * **Por que árvores?:** Para os povos africanos do tronco linguístico Yorubá, foi através do pilar da criação (òpó-orun-óún-àiyé), que une o mundo transcendente ao imanente, que as entidades primordiais chegaram ao local onde deveriam iniciar o processo de criação do espaço material. Esse pilar da criação é sempre representado por uma árvore. A árvore representa, nas culturas de diversos povos originários, um símbolo de origem e conexão entre mundos, já que consegue mergulhar em profundezas através das raízes e alcançar os céus com a sua copa. Nesse processo de mobilização para o 12º CBA, a

homenagem às pessoas encantadas foi feita através de um memorial vivo, simbolizando, com as mudas, suas histórias e memórias.

COMO FAZER?

- * **Processos públicos e descentralizados:** Abrir um chamado (virtual e/ou presencial) para que as comunidades e coletivos compartilhem histórias locais de pessoas das quais se despediram recentemente, que morreram em decorrência de conflitos no campo e na cidade e outras violências;

A inscrição no formulário pode ser considerada uma ação preparatória ao CBA, de forma que os grupos podem se reunir para refletir, registrar e enviar as histórias de luta das pessoas encantadas;

- * **Mobilização territorial e afetiva:** Caso não seja possível realizar um momento coletivo prévio, sugerimos que o grupo, território ou sujeito coletivo identifique mobilizadoras locais que possam guiar essa tarefa. A metodologia sugerida envolve a construção de narrativas de histórias de vida de nossos entes queridos;
- * **Metodologia dos Encontros prévios:** Para articular e resgatar as memórias das pessoas encantadas, a proposta é rememorar as histórias através da metodologia do “Círculo de Cultura”, adaptada ao contexto de rememoração de histórias sensíveis. O Círculo de Cultura poderá ser conduzido por um grupo ou comissão, que cuidará de preparar o ambiente e o material de papelaria. A atividade pode

ser realizada ao ar livre, debaixo de uma árvore, em cadeiras, esteiras ou almofadas. O importante é que seja um ambiente acolhedor, aconchegante e confortável para que as pessoas se sintam bem. Para ajudar as participantes com o acionamento das memórias afetivas, sugerimos que sejam montados varais com fotos, objetos e/ou outras lembranças das pessoas encantadas. Também é importante harmonizar o ambiente com elementos da cultura local, como instrumentos musicais, plantas e flores. É essencial certificar-se também de providenciar água e alimentação saudável aos presentes;

- * **Como coletar as informações sobre as pessoas homenageadas:** O grupo deverá se sentar em roda. Cada pessoa da roda será convidada a escrever em uma tarjeta o nome de uma pessoa que terá sua memória eternizada no Memorial das Pessoas Encantadas. Em seguida, cada pessoa participante da roda deverá responder às seguintes perguntas, que podem ser adaptadas, utilizadas em sua totalidade ou priorizadas em uma formulação que seja mais adequada ao contexto: “Por que iremos homenagear essa pessoa?”; “Por que essa muda/árvore nutre a sua memória?”; “O que eu aprendi convivendo com essa pessoa, lutando ao lado dela ou a amando?”; “Qual o legado que ela deixa para a nossa luta?”
- * **Registro do processo:** A metodologia também deverá ser composta por uma equipe de relatoria, coletando e sistematizando as histórias e memórias evocadas na roda. Depois de registrar as lembranças e os dados das pessoas encantadas (como nome e sobrenome, localização, data de nascimento e de morte), as responsáveis pela mobilização podem preencher esse

formulário. Outras pessoas que queiram homenagear a memória de seus encantados também poderão preencher o formulário, sem necessariamente passar pela etapa do Círculo de Cultura.

- * Definir método de distribuição das mudas: pode ser um combinado feito em parceria com o coletivo de cultura e mística, com as famílias das crianças na ciranda infantil, com as mestras da tenda da saúde ou outros arranjos.

Definir um prazo para a coleta de informações com tempo hábil de processamento das inscrições e produção das fichas;

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Conheça o exemplo do memorial no CBA do RJ:
tinyurl.com/ficha-28-01

* Iniciar o processo de produção do espaço:

As mudas podem ser doadas por instituições públicas, como viveiros das prefeituras, universidades, hortos florestais e outros parceiros, evitando custos ou gerando renda para as famílias agricultoras. Durante os dias do evento, o espaço é apenas de exposição;

- * **Sempre comunicar e disponibilizar** as histórias sistematizadas em canais digitais e de comunicação permitem que o contato do material à outras pessoas tenham contato com o material e façam uso dele em outros momentos.

Às nossas pessoas encantadas, nenhum minuto de silêncio, mas toda uma vida de lutas. Afinal, estamos aqui em consequência direta da luta de gerações antepassadas, com a constante missão de manter a história e a memória de vida e luta sempre presentes. Nosso desejo é que as mudas sejam transplantadas em outros territórios e tornem-se uma referência viva dos encantados. Essas árvores irão se reproduzir, suas sementes e frutos, alimentarão um território mágico que irá inspirar a luta dos que estão e dos que virão”
Maurício Leonard, multiartista e professor no Departamento de Arquitetura da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), criador do espaço “Memorial dos Encantados”.

MATERIAIS UTILIZADOS

- * Elaborar o formulário de inscrição utilizando texto e/ou vídeo mobilizador;
- * Garantir a quantidade de mudas equivalentes às pessoas inscritas;
- * Produzir fichas com histórias sistematizadas;
- * Organizar espaço de exposição das mudas e histórias;
- * Mobilizar, se possível, som ambiente com músicas ou depoimentos, em vídeo ou áudio, das pessoas narrando suas lutas ou outras pessoas partilhando suas trajetórias;



Metodologias
e linguagens



TAPIRIS DE SABERES

“Tapiri é palhoça, o lugar onde as pessoas se reúnem para dialogar e também descansar. A expressão, adotada pela Associação Brasileira de Agroecologia desde a construção do CBA em Belém, significa no Congresso o ambiente de encontro entre diferentes saberes, de onde pulsam ricas discussões trazidas de todo o Brasil e sob diferentes perspectivas: trabalhos científicos, relatos populares, inclusive no formato de vídeo, e experiências técnicas.”

COLETIVA DE COMUNICAÇÃO DO CBA SERGIPE

O QUE É?

Um dos importantes momentos do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) são as trocas e aprendizados mútuos entre as autoras e coautoras dos trabalhos aprovados, sejam eles resumos técnicos-científicos, relatos de experiência técnica ou relato de experiência popular em texto e em vídeo. No CBA, este espaço é nomeado de Tapiris de Saberes. É nos Tapiris que agricultoras, pesquisadoras, estudantes, indígenas e povos e comunidades tradicionais intercambiam conhecimentos, a partir das diferentes formas de produzir saberes e práticas, contribuindo para a construção da ciência da agroecologia. Os Tapiris têm contornos próprios que se conectam a muitos outros espaços do CBA, onde a diversidade da ciência se manifesta também na Feira, nas Conferências, nos Barracões, nas Tendões e na Ciranda, apontando os rumos da garantia da Agroecologia na Boca do Povo.

PRINCÍPIOS

Os Tapiris são espaços de encontros de conhecimento e de tessitura da ciência, combinando os aprendizados dos territórios com aqueles desenvolvidos cotidianamente nas instituições de ensino, pesquisa e extensão. Eles buscam promover uma escuta ativa e despertar a capacidade de se inspirar e reconhecer a defesa comum de uma ciência que se propõe a enfrentar as desigualdades sociais e ecológicas, constituída coletivamente e que não se curva aos interesses corporativos.

FLUXOS E TEMPOS

Organizar o recebimento dos trabalhos do CBA é uma das tarefas inaugurais do processo de construção do Congresso e por isso deve ser planejada meses antes da data de realização. A formação de um coletivo para a gestão desse processo é fundamental, pois haverá muitas fases ao longo da caminhada. A definição dos

eixos que receberão os trabalhos, assim como as ementas, permitem que as autoras preparem seus textos e os submetam em tempo hábil. O número de trabalhos submetidos é um importante termômetro sobre a quantidade de participantes no Congresso e está diretamente associado às inscrições, que são estratégicas para o autofinanciamento. A avaliação dos trabalhos recebidos é um ponto crítico, por isso, uma rede devidamente (in)formada permite não só a agilidade, mas o exercício de leituras e avaliações construtivas dos trabalhos. Com os trabalhos aprovados, é chegada a hora da organização dos Tapiris, divididos por eixos e repletos de saberes científicos, técnicos e populares.

COMO FAZER?

1. Formar uma comissão envolvendo os Grupos de Trabalho e coletivos da ABA, que será responsável por todo o processo — do recebimento às apresentações de trabalhos nos Tapiris;
2. Estudar e avaliar a plataforma a ser utilizada para recebimento, avaliação e publicação dos anais;
3. Elaborar as ementas dos eixos aos quais os trabalhos serão submetidos;
4. Elaborar e disponibilizar o template padrão para o envio dos trabalhos;
5. Lançar o recebimento de trabalhos e prorrogações;
6. Compor o processo formativo da rede de avaliadoras;
7. Iniciar as avaliações;
8. Devolver os trabalhos as autoras realizarem as correções necessárias;
9. Divulgar as formas de apresentação;
10. Organizar os Tapiris dividindo os trabalhos de cada eixo em salas para apresentação;

11. Organizar grupos de mediadoras para cada Tapiri;
12. Apresentar os Tapiris;
13. Publicar os trabalhos apresentados no CBA na Revista Cadernos de Agroecologia.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * A organização dos Tapiris é uma longa jornada e envolve muito trabalho coletivo. Um primeiro desafio é a garantia dos tempos — de receber os trabalhos, de avaliá-los, de receber a correção das autoras e, então, dividi-los para as apresentações. Por isso, é fundamental que o processo de organização dos Tapiris se inicie assim que for tomada a decisão de fazer um CBA, contando com um grupo coeso, que irá contribuir ao longo da travessia.
- * Outro desafio se refere à dimensão técnica e é preciso se atentar a ele. O recebimento e avaliação dos trabalhos se dá por meio de sistemas, que nem sempre estão completamente alinhados à nossa forma de trabalhar. Por isso, buscamos cada vez mais um sistema que corresponda à nossa metodologia, o que, além de um desafio, é um caminho a ser perseguido.
- * O volume de trabalho é muito grande, por isso, é importante ter um grupo coeso, com pessoas dedicadas a coordenar o processo.
- * É valioso combinar habilidades múltiplas, como gestão e conhecimentos técnicos. Ao longo do processo de submissão, os pedidos de prorrogação de prazo são infinitos. É importante ser generosa, mas encerrar processos também é aprender.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

- * Os quase 3 mil trabalhos aprovados no 12º CBA foram divididos nos 330 Tapiris que aconteceram ao longo das manhãs dos dias 21, 22 e 23 de novembro de 2024.



Costurando conhecimentos

Tapiris como ambientes de partilha de saberes:
tinyurl.com/ficha-29-01



Para acessar os Anais do CBA:

tinyurl.com/ficha-29-02



CONFERÊNCIAS SIMULTÂNEAS



Põe a semente na mão de quem semeia. Põe a semente na mão do semeador. Põe a semente na terra e deixa germinar. A semente nasce e cresce. Ela vai dar bom fruto e vai saciar”.

DONA JOSEFA

O QUE É?

Geralmente, os CBAs são abertos com conferências iniciais temática que têm o tema do Congresso como centro dos debates e são encerrados com um processo de sistematização: a carta política, os agradecimentos e a presença de algum tema ou pesquisadora/sujeita pública de referência em algum tema emergente. Para além dessas duas, cada edição define os contornos das demais. No CBA de 2023 (RJ), as conferências simultâneas foram organizadas a partir de seis grandes temas: Ciência, Saúde, Justiça Climática, Bem Viver, Direitos e Economias. As seis conferências aconteceram em dois dias, sendo assim, três temas eram simultaneamente abordados a cada dia. Os temas foram tratados de maneira transversal e construídos em diálogo direto com o lema geral. Houve um interesse direto na escolha desses temas devido à intenção de dialogar com grupos e setores para além das áreas circunscritas diretamente à agroecologia. O que buscamos destacar nesta ficha é a importância da intencionalidade política, do envolvimento direto dos GTs, os cuidados com a composição das pessoas convidadas e as formas de condução do processo de preparação.

QUAIS PRINCÍPIOS?

- * As sugestões dos GTs e eixos devem partir da diversidade identitária e regional — inclusão de mulheres, jovens (infâncias), indígenas, pessoas negras e representantes de grupos LGBTQIAPN+ de diferentes regiões do Brasil;
- * Serão, no máximo, 03 conferencistas por Conferência, evitando atividades exaustivas, com pouco tempo de fala para cada pessoa.;
- * Os GTs e eixos também podem sugerir experiências que dialoguem com a conferência, no intuito de garantir nosso compromisso em gerar conhecimento e reflexões a partir das experiências dos territórios;
- * OS GTs e eixos envolvidos com a construção das conferências também devem indicar uma pessoa mediadora em cada conferência;
- * Prezar pelo intercâmbio de saberes e pelo compromisso na construção de diálogos com demais movimentos, redes, associações científicas — envolvimento nos diferentes processos dos Diálogos e Convergências;
- * Considerar os custos associados à participação dos/as conferencistas (passagens, taxas, hospedagem e outros elementos).

- * Diálogo e ocupação temática no território CBA: O que não for possível ser incluído nas conferências, pode ser trabalhado nos Barracões de Saberes e nos demais espaços que compõem o território do CBA (Terreiro de Inovações Camponesas, Cozinha das Tradições, Tenda da Saúde, Ciranda Infantil, Feira Nacional da Economia Solidária e Agroecologia, Feira da Agro biodiversidade, Festival de Arte e Cultura da Agroecologia, Tenda Rachel Carson entre outros)

COMO FAZER?

- * **Primeira etapa:** A partir de proposta advinda da coordenação local do CBA, os GTs e eixos se reúnem e refletem sobre as propostas a serem levadas no dia 15/07;
- * **Segunda etapa:** GTs, eixos e comissão local se reúnem virtualmente para compartilhar suas proposições nos grupos;
- * **Terceira etapa:** A Comissão Metodológica e a Comissão Local metabolizam e elaboram a proposta final de programação das Conferências até o dia 25/07, assim como das Conferências de abertura e fechamento.

PRINCIPAIS DESAFIOS

- * Inclusão da comissão de arte, cultura e comunicação para planejar intervenções artísticas;
- * Garantia de relatoria textual, gravação e, se possível, relatoria gráfica;
- * Mobilização prévia das ementas, dos convites e confirmações;



BARRACÕES DE SABERES

“Ao escutar o outro, colocamo-nos no lugar de sujeitos aprendentes.”

PAULO FREIRE

O QUE É?

Os Barracões de Saberes foram espaços inéditos no 12º CBA, e sediaram atividades organizadas pelos Grupos de Trabalho (GTs) da ABA-Agroecologia, pelos grupos responsáveis pelos eixos do Congresso e pela Revista Brasileira de Agroecologia (RBA). Esses espaços foram referência para quem desejasse se aproximar dos GTs e participar das atividades autogestionadas. Tivemos 17 Barracões dedicados à discussão desses eixos temáticos, que partiram da agroecologia como elemento transversal para dialogar com diversos temas, desde agricultura urbana à juventude, educação, arte e cultura, entre outros.

QUAIS PRINCÍPIOS?

- * **Interdisciplinaridade:** Apesar de terem sido construídos como as casas dos GTs, RBA e eixos durante o congresso, foi recomendado que as atividades propostas contemplassem diálogos, costuras e parcerias com os outros GTs da ABA e eixos do congresso.
- * **Arte e a cultura na construção da Ciência:** As místicas de abertura e encerramentos das atividades dos barracões e a própria inclusão da arte e da cultura como componentes das falas dos convidados foram cuidados importantes sugeridos na construção das atividades.
- * **Memória e as diferentes linguagens:** Foi recomendado que os grupos auto-organizassem seus registros em múltiplas linguagens, além da relatoria textual disponibilizada pela organização do CBA para alguns momentos.
- * **Representatividade:** Reforçamos a importância da presença de mulheres, jovens, pessoas negras e representantes de povos e comunidades tradicionais.

MATERIAIS E CAMINHOS NECESSÁRIOS

Para cada espaço físico de barracão foram disponibilizados os seguintes materiais:

200 cadeiras (ou equivalente ao que cabia em cada espaço)

Mesa de som 4 canais + 2 microfones + caixa de som

Telão + projetor

2 mesas 2m×70cm (estilo pranchão)

A equipe de coordenação geral dos barracões recebeu o apoio de 06 (seis) voluntários, que colaboraram no momento de início das atividades para conferir se todos os espaços estavam prontos para uso.

Todo o material para ornamentação e harmonização dos barracões foi providenciado pelos grupos responsáveis por cada um deles.

COMO FOI FEITA? PASSO A PASSO

1. Identificação de duas pessoas de referência de cada Grupo de trabalho da ABA e para os grupos dos eixos do congresso. Organização das informações em planilha;
2. Reuniões de compartilhamento de informações entre as pessoas de referência e a equipe de coordenação dos barracões;
3. Elaboração de formulário para colheita de informações sobre as atividades propostas;



tinyurl.com/ficha-31-01

4. Monitorar o recebimento de respostas e cobrar pendências e ajustes necessários;
5. Distribuir os barracões nos espaços disponíveis, levando em conta alguns critérios: a) tamanho do público esperado, com base no número de trabalho recebidos para aquele tema/eixo; b) necessidades específicas de alguns grupos e c) proximidade de outros espaços do congresso que dialoguem com os temas abordados. No XII CBA havia espaços com acesso restrito aos congressistas e outros abertos ao público da cidade, o que também foi considerado na distribuição dos temas em cada barracão;
6. Alinhamento com a produção geral do evento sobre as necessidades técnicas de cada espaço;
7. Alinhamento com a equipe de comunicação para a identificação correta de cada espaço;
8. Comunicação com as pessoas de referência sobre questões específicas de cada espaço utilizado e sobre o período disponível para ornamentação do ambiente;
9. Monitorar o dia de montagem dos espaços;
10. Monitorar a chegada de equipamentos e técnicos no dia do evento, conferindo se está tudo pronto para o início das atividades;
11. Monitorar a desmontagem dos espaços e a devolução dos equipamentos.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Iniciar com antecedência a mobilização dos GTs e grupos responsáveis pela organização de cada barracão para que enviem a programação dentro do prazo, viabilizando produzir a programação completa do congresso;
- * Garantir que os 17 espaços estejam, simultaneamente, prontos para funcionar nos dias de atividades;
- * Mobilizar o máximo de pessoas voluntárias ou que auxiliem a equipe de coordenação dos barracões
- * Envolver a equipe/profissional de produção geral desde o início da organização das ideias de barracão, especialmente com relação aos espaços e equipamentos necessários;
- * Identificar com antecedência a necessidade de isenções de inscrição ou garantia de acesso para pessoas envolvidas na programação, construída como palestrantes;
- * Garantir com antecedência e firmeza o tempo de utilização de cada espaço e suas peculiaridades.





ATIVIDADES AUTOGESTIONADAS

Nenhum tema mais adequado para constituir-se em objeto desta primeira carta a quem ousa ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade da pessoa aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos”

CARTA DE PAULO FREIRE AOS PROFESSORES.

O QUE É?

As atividades autogestionadas são atividades formativas e reflexivas que buscam complementar as demais ações dos CBAs. Nesse processo são selecionadas atividades que ocorrem de forma simultânea com o objetivo de valorizar a diversidade de conhecimentos, saberes e cosmovisões na agroecologia, buscando engajar, estimular e ampliar a troca de saberes e a colaboração entre participantes. Nos Congressos, essas atividades tiveram como objetivo priorizar as propostas realizadas por grupos e coletivos organizados através dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) e organizações do campo agroecológico, junto também de atividades propostas por pessoas físicas. Essa ação dentro dos CBAs é uma inspiração dos Encontros Nacionais

de Agroecologia (ENAs), que nasce do desejo de abrir, para os participantes do Congresso, possibilidades de propor e protagonizar atividades.

PRINCÍPIOS

As atividades autogestionadas têm como objetivos:

- * Engajar as participantes na organização do Congresso;
- * Construir conhecimentos a partir dos saberes das participantes;
- * Estimular e ampliar a troca de saberes e a colaboração durante o evento;
- * Complementar temas, questões e assuntos que não estejam previstos na programação oficial;

- * Valorizar a diversidade de conhecimentos, saberes e cosmovisões na construção da agroecologia;
- * Geralmente, cada atividade pode ter, no mínimo, 1 (uma) hora e, no máximo, 3 (três) horas de duração.

MATERIAIS E CAMINHOS NECESSÁRIOS

As atividades são de inteira responsabilidade das proponentes, que devem comunicar prontamente qualquer alteração na proposta submetida neste edital. Em 2023, a Comissão Organizadora do 12º CBA disponibilizou uma estrutura mínima para a realização da atividade, como:

cadeiras, pranchas de madeira com cavaletes (para balcões),

estrutura básica de som, microfone sem fio, estrutura para projeção (TV ou projetor),

estandartes de identificação do nome da atividade;

Demais materiais necessários para a realização da atividade devem ser providenciados pela proponente.

COMO FAZER?

- * Abrir e realizar inscrições para atividades autogestionadas, a partir da revisão dos

formulários existentes produzidos nos congressos anteriores;

- * Avaliar as propostas a partir do Comitê de Seleção, composto por pessoas indicadas pela ABA-Agroecologia e pela Articulação Nacional de Agroecologia (ANA);
- * Dar o prazo de 7 (sete) dias corridos (contando o dia do comunicado) para que a proponente da atividade confirme, por e-mail, sua proposta, após de ter sido selecionada;

Caso não haja manifestação da proponente, a atividade é retirada da lista de atividades selecionadas e é feita a convocação de uma alternativa da lista de espera. Nesse caso, a proponente terá 03 (três) dias corridos, a partir do dia do comunicado, para manifestar a confirmação da realização da atividade.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 **Lista de atividades autogestionadas do CBA do Rio de Janeiro (2023):**
tinyurl.com/ficha-32-01

 **Atividades propostas no CBA de Sergipe (2019):**
tinyurl.com/ficha-32-02

 **Chamada para atividades do IV ENA em Belo Horizonte (2018):**
tinyurl.com/ficha-32-03



LANÇAMENTO DE LIVROS

“Há aqueles que não podem imaginar o mundo sem pássaros, há aqueles que não podem imaginar o mundo sem água; ao que me refere, sou incapaz de imaginar um mundo sem livros”

JORGE LUIS BORGES

O QUE É?

O lançamento de livros e publicações científicas dos CBAs é uma oportunidade para que as participantes do congresso divulguem suas produções recentes nas diversas áreas convergentes com a Agroecologia. No 12º CBA, oferecemos a possibilidade para que as participantes do evento inscrevessem suas publicações, a fim de compor a programação oficial de lançamentos de acordo com as regras e orientações apresentadas no edital. Geralmente, recomenda-se a submissão de propostas alinhadas aos eixos temáticos dos Congressos. Quando há um grande número de inscrições, como ocorreu em 2023, é aconselhável priorizar publicações com autorias associadas à ABA-Agroecologia. Em 2023, os lançamentos de livros aconteceram simultaneamente às reuniões dos Grupos de Trabalho, das regionais e demais coletivos que compõem a ABA-Agroecologia.

PRINCÍPIOS

- * Proponentes (autoras e editoras) alinhadas com os princípios da ABA-Agroecologia;
- * Priorizar propostas de autoria de mulheres e pessoas pretas, indígenas ou camponesas;
- * Selecionar propostas alinhadas às temáticas de cada edição do Congresso.

COMO FAZER?

- * Elaborar o edital a partir da revisão dos modelos anteriores;
- * Organizar espaços de lançamentos simultâneos, com sessões temáticas;

Os espaços devem dialogar com os eixos temáticos abordados no congresso.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Garantir que a comissão organizadora esteja engajada e disponível para acompanhar a seleção e os momentos de lançamento;
- * Planejar as necessidades de produção, espaço físico, equipamentos necessários e outras demandas;
- * Realizar uma chamada de lançamento de livros de maneira antecipada;
- * Garantir o cuidado na distribuição dos lançamentos em diálogo com as outras atividades do congresso;

Articular os lançamentos para que acompanhem trabalhos e mesas do evento relacionados às temáticas dos livros a serem lançados. Isso ajuda a superar o modelo tradicional de lançamento de livros, possibilitando a construção de um espaço de troca e diálogo.

- * Destaca-se a necessidade de qualificar nos CBAs os espaços permanentes de comercialização e distribuição de livros, materiais e publicações. Essa ação pode ser planejada em parceria com a equipe da Revista Brasileira de Agroecologia (RBA);
- * Em 2023, no 12º CBA, tivemos um recorde com cerca de 36 lançamentos de livros.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES E OUTRAS DICAS

Organização e divulgação da listagem e livros no Congresso da ABRASCO:
tinyurl.com/ficha-33-01

Edital chamamento para lançamento de livros no 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-33-02





RELATORIA TEXTUAL E GRÁFICA

Fazer é com as mãos, é o saber das mãos. É um saber-fazer total, incorporado, para cada pessoa que sabe-faz. É um saber-fazer que “pertence” a quem sabe-faz, assim como as coisas que passam a existir pelo seu trabalho. Das mãos o saber entra na pessoa, é interiorizado e é exteriorizado. E o saber pela escrita, escrevendo, escrito, que é o meu caso? (...) As mulheres dizem “nokẽ mevi revõsho shovima awe” com um tom de satisfação diante de suas próprias ações e feitos. Os bens que manufaturam são a base sobre a qual se eleva a sua autoestima, como prova do seu valor e de seu conhecimento.”

O QUE É?

As metodologias participativas contribuem para a facilitação de um diálogo horizontal em espaços de aprendizagens que podem utilizar do registro visual e narrativo sobre determinado assunto, de modo a ajudar a sistematizar as experiências coletivas que poderão ser lembradas, analisadas e ressignificadas. A relatoria textual e a relatoria gráfica são duas práticas manuais, mas se diferem em seus processos. A primeira tem por objetivo registrar, por meio da escrita, o que está acontecendo e, principalmente, sendo dito em um espaço, de modo a sistematizar a experiência. Já a facilitação gráfica sistematiza visualmente as ideias a partir de reuniões com lápis e papel ou recursos digitais, como tablets, podendo registrar denúncias e anúncios, combinando frases com ilustrações simples. No contexto do movimento agroecológico brasileiro, as facilitações textual e gráfica assumem um papel fundamental na construção

da memória e do conhecimento coletivo, na promoção da participação social e na democratização da comunicação, promovendo o diálogo entre saberes.

PRINCÍPIOS

- * **Respeito à Diversidade:** Reconhecimento e valorização das diferentes perspectivas, ideias e experiências presentes no ambiente a ser relatado, escutando e relatando todas as vozes, especialmente as que sabemos terem sido historicamente silenciadas;
- * **Imparcialidade e Objetividade:** Sabemos que estaremos sempre viesados por nosso ponto de vista, no entanto, é desejável que na maior parte dos casos a relatoria seja um registro fiel dos fatos observados, sem interpretações pessoais. Caso seja necessário inserir opiniões no texto, é possível

acrescentar comentários identificados como “nota da relatora”;

- * **Linguagem Assertiva:** Para transmitir as informações de maneira precisa e acessível, recomenda-se o uso de uma linguagem objetiva e popular na produção dos relatos;
- * **Sigilo e Proteção de Dados:** Respeitar a privacidade das envolvidas, garantindo a confidencialidade de informações sigilosas. No Brasil a perseguição às lideranças socioambientais é uma realidade comum, portanto, faz-se necessário checar os cuidados a serem tomados com determinados relatos;
- * **Contextualização:** É muito importante observar o local que está sendo registrado para garantir que corresponde ao que está sendo descrito. Em caso de dúvida, solicite uma fotografia do que está sendo citado;
- * **Cuidado com os estereótipos:** O desenho é, por si só, um estereótipo, uma representação visual capaz de comunicar rapidamente por meio de símbolos. Uma facilitação gráfica popular, a serviço da transformação social, deve criar desenhos inclusivos e representativos;

Ao desenhar um médico, por exemplo, use elementos que designam a profissão, como o estetoscópio e o jaleco branco, mas, em vez de desenhar um homem branco, represente uma mulher negra com cabelo black power.

- * **Representatividade:** Quando possível, o ideal é que a facilitadora gráfica seja do povo ou da comunidade que está demandando a

facilitação, pois isso traz legitimidade ao painel criado e ressalta a importância de formar as juventudes para narrar visualmente suas histórias.

COMO FAZER?

Antes

Para relatoria textual:

- * Definir o objetivo da relatoria e o público-alvo;
- * Conhecer previamente o tema, pesquisar e ler sobre o assunto a ser relatado para melhor compreendê-lo;
- * Definir as ferramentas de registro, avaliando quais são as mais adequadas: caderno, computador, gravador, etc;
- * Definir a estrutura da relatoria, os tópicos e subtópicos que serão abordados;

Para a facilitação gráfica:

- * O primeiro passo é definir o que será facilitado graficamente, por exemplo, aulas, seminários, podcast, capítulo de livro, sistema agroflorestal ou a descrição de um processo;
- * Definir qual produto será gerado, para que será usado e para quem será direcionado. O produto gerado geralmente é um painel físico de papel, cujas dimensões de tamanho e a gramatura do papel devem ser definidas;
- * Ao elaborar uma proposta financeira, é importante incluir o valor da hora de trabalho, os materiais e os custos de digitalização, além do tratamento da digitalização dos painéis por uma designer gráfica parceira;
- * É necessário conhecer o local onde acontecerá a facilitação, portanto, é importante realizar uma visita técnica;

- * Alinhar o tema, o propósito do painel, a paleta de cores a ser utilizada e o estilo das ilustrações;
- * Produzir materiais, listar, comprar e separar todos os materiais que serão necessários para o trabalho.

Durante

Para relatoria textual:

- * Ter escuta, sentimentos e sensações atentas para produzir um relato preciso;
- * Anotar as informações de forma completa e organizada;
- * Evitar interpretações pessoais ou julgamentos de valor;
- * Ter um copo de água e algum alimento acessível, tomada para carregar a bateria do computador e, se possível, mesa e cadeira confortáveis.

Para facilitação gráfica:

- * Chegar cerca de uma hora antes no local do evento, organizar o espaço de trabalho e grudar o papel na parede com a fita crepe.
- * É importante que a facilitadora esteja acompanhada de uma relatora, que fará a coleta de informações. Essa pessoa pode ser uma parceira de trabalho ou alguém especialista no assunto, disponibilizado pelo cliente.
- * Ser ágil, o momento de confecção dos painéis ao vivo exige hiperfoco, capacidade de síntese e tomada de decisão rápida para que esteja finalizado junto com o momento que está sendo sistematizado.
- * Ao final do evento, é importante reservar um momento para que os participantes possam contemplar os painéis prontos. Pode ser feita uma exposição e uma breve apresentação sobre eles.

Depois

Para relatoria textual:

- * Revisar o conteúdo registrado para garantir sua nitidez, precisão e completude;
- * Editar o texto para melhorar a legibilidade e formatá-lo de acordo com as normas da ABNT ou outras normas específicas;
- * Validar o conteúdo com os participantes para garantir a fidelidade do registro;
- * Arquivar o relatório de forma segura e acessível para futuras consultas.

Para facilitação gráfica:

- * Digitalizar o painel utilizando, preferencialmente, um scanner profissional, disponível em gráficas especializadas em plotagem. Ele é capaz de gerar um arquivo em alta resolução (300 dpi), que pode ser salvo em JPEG e PDF. Alternativamente, usar uma foto em boa resolução, com boa iluminação, ou um aplicativo de scanner de celular, que pode também gerar uma boa imagem, mas em qualidade reduzida.
- * Enviar a digitalização ao cliente e permitir que ela solicite correções. Pedir para que ela reúna todas as solicitações de uma só vez e em um único arquivo para facilitar o trabalho e evitar confusões;
- * Elaborar a segunda versão, ajustar as cores, a diagramação do painel e inserir as correções solicitadas, sempre que possível, no arquivo digital.

MATERIAIS

Para a relatoria textual, geralmente utiliza-se um computador ou cadernos para produzir os relatos. Em contextos de visita de campo aos territórios ou durante caminhadas exploratórias, utiliza-se um caderno de notas. Na facilitação gráfica há muitas possibilidades de materiais a serem utilizados, mas o essencial são canetas hidrográficas coloridas, lápis, borracha, régua, tesoura, papel branco ou pardo em grande dimensões, post-its para as coletas e rascunhos, fita crepe e etiquetas adesivas.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

É comum que, em eventos, as relatorias de diferentes espaços se transformem em um único relatório. Esse trabalho, frequentemente coletivo, pode esbarrar em relatorias não padronizadas, com tempos de conclusão diferentes e formas de escrita diversas. O esforço para sintetizar as informações em relatórios ou outros produtos, como "cartas-políticas", é grandioso, por isso recomenda-se que seja feito de forma coletiva e dialogada. Adiar a revisão da relatoria por vários dias após o evento pode resultar na perda de memórias e informações importantes, além disso, é fundamental destacar as vozes que nem sempre são ouvidas.

Em relação à facilitação gráfica, os painéis muitas vezes geram encantamento durante sua elaboração e apresentação, mas caem no esquecimento após o evento. Por isso, é importante expô-los em um local estratégico, para que todos possam acessar o material produzido. Também é importante lembrar que a linguagem dos recursos visuais deve ser adaptada para atender às necessidades de um público com diferentes formações e experiências.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 Conheça as experiências em Agroecologia no Brasil
Memórias Gráficas:
tinyurl.com/ficha-34-01



III



OUTROS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS

TERRITÓRIOS
DO CBA



FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA AGROECOLÓGICO — FICAECO

“A gente mostra a importância do audiovisual como ferramenta de luta do nosso povo.”

ORORUBÁ FILMES

Nota introdutória

Esta não é uma ficha dedicada à descrição dos caminhos para a reprodução de um festival de cinema nas proporções de um FICAECO. O objetivo aqui é detalhar parcialmente alguns cuidados e processos necessários, buscando ampliar nossa compreensão sobre o lugar do cinema na construção do conhecimento agroecológico e estimulando a realização de cineclubes, pequenos festivais regionais e outros processos pedagógicos potentes, tendo a arte e a ciência do cinema como aliados.

O QUE É?

Não é de hoje que a arte influencia a vida das pessoas, mas poucos reconhecem o poder que o cinema exerce sobre nós. Quase tudo o que culturalmente se vê hoje no país é resultado da reunião de crenças que, direta ou indiretamente, transmitem características culturais que formaram o que hoje é a América Latina: um conglomerado de povos, culturas, crenças, cores, movimentos, lutas e resistências. Criado em 2017, o Festival Internacional de Cinema Agroecológico (FICAECO), que acontece dentro da programação dos CBAs, busca potencializar a difusão da produção cinematográfica latino-americana, além de abordar as condições próprias da vida cultural brasileira: suas vivências, histórias, tragédias, lendas, musicalidade e religiosidade.

PRINCÍPIOS

- * **Comunicação e Difusão:** O Festival Internacional de Cinema Agroecológico (FICAECO) é um festival de múltiplas telas, cujo objetivo principal é promover, divulgar e difundir materiais audiovisuais sobre questões socioambientais e direitos humanos. Seu propósito é aumentar a sensibilização em relação à sociobiodiversidade, aos povos tradicionais e originários, às questões de gênero e ao protagonismo dos movimentos sociais na construção de projetos de sociedade populares, justos e igualitários.
- * **Reconhecimento da Memória:** As produções cinematográficas como curta, média e longas-metragens são formas de enfrentamento e coexistência ao modelo proposto, pois preservam e sistematizam a memória e os saberes dos territórios envolvidos. Além disso, são ferramentas de educação popular contextualizadas nos biomas brasileiros, como o Cerrado, áreas de Mata Atlântica, Caatinga, Amazônia e outros ecossistemas.
- * **Diálogo com o Ensino Básico:** Outro objetivo fundamental do FICAECO é promover a inclusão de professoras e estudantes do Ensino Público, gerando processos educativos através do cinema. Utilizando as ferramentas lúdicas que o cinema e a arte produzem, o Ficaeco busca estimular reflexões sobre memória, paisagens, realidades, desafios do meio ambiente, seus povos e suas culturas.

COMO FAZER?

Construção de uma comissão organizadora do FICAECO conectada à coordenação geral do CBA, prezando pelo diálogo e aproximação com o GT de Cultura e Comunicação da ABA-Agroecologia, com atenção à produção executiva;

1. Definição de estratégias, escopo do projeto e estratégias de parceria e financiamento da edição;
2. Estruturação da equipe de produção, comunicação e curadoria;
3. Atualização do editais anteriores e lançamento contando com a elaboração e execução do plano de comunicação;
4. Seleção dos Vídeos e filmes contando com a articulação e diálogo com aprovados;
5. Cuidados com memórias, relatorias, produtos e registros;
6. Avaliação do alcance, dos processos e resultados;
7. Criação, manutenção de site, drive e alimentação das redes sociais.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

Após a experiência dos Festivais anteriores, alguns pontos chamaram nossa atenção, sendo eles:

- * **A potência do acervo:** Como disponibilizar e estimular o acesso ao acervo de vídeos e filmes, compreendendo o acervo do FICAECO, de modo que possam ser utilizados como dispositivos pedagógicos que apoiem o trabalho dos GTs;
- * **"Entre um CBA e outro!":** Pensar uma agenda de continuidades e parcerias locais a partir dos festivais, eventos e demais atividades com parceiros dos FICAECOs. Destacam-se parcerias nacionais e internacionais, a exemplo do que está sendo construído com Cines Clubes do Estado do Rio de Janeiro e o Festival Internacional de Havana.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES:

 **Programação CBA 2019:**
tinyurl.com/ficha-35-01

 **Programação CBA 2023:**
tinyurl.com/ficha-35-02

 **Rede Social do FICAECO no Instagram:**
tinyurl.com/ficha-35-03





FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DA AGROECOLOGIA (FACA)

“ Não reduzir os momentos artísticos e culturais à abertura e encerramento de atividades ou às festividades. O FACA vem para afirmar que a arte é, em si, produtora de conhecimentos, e não uma alegoria à produção de conhecimentos”
COMISSÃO ORGANIZADORA 2023

O QUE É?

Em todas as edições anteriores dos Congressos, foi possível observar a amplitude dos momentos culturais, artísticos e comunicacionais, assim como seus desdobramentos. Diante desse acúmulo e para celebrar a 12ª edição, foi necessário assumir a importância da arte e da cultura no CBA, criando o FACA: um espaço dedicado a reunir expressões artísticas e culturais de diversas regiões do país. O Festival de Arte e Cultura da Agroecologia (FACA) é construído a partir da interação entre cultura, agricultura e alimentação, compreendendo a arte como estratégia agregadora de processos em defesa da vida e da justiça social. O Festival tem como objetivo oportunizar espaços múltiplos de diálogo com a sociedade, tendo como eixos estruturadores as múltiplas linguagens da arte, o direito

humano à alimentação adequada e a agroecologia.

O FACA pode acontecer durante um CBA ou ser um processo preparatório para o evento.

PRINCÍPIOS

- * Valorização e visibilidade das artistas, grupos culturais, coletivos e movimentos artísticos que constroem seus repertórios com foco nas culturas populares e tradicionais;
- * A agricultura e a alimentação como dispositivos agregadores de conceitos e processos em defesa da vida e da justiça social;

- * A diversidade é um eixo central do Festival, abrangendo diferentes linguagens e a valorização das culturas camponesas, quilombolas, indígenas e das periferias urbanas, que conjugam inovação e ancestralidade na manutenção da terra e sua preservação;
- * Processos públicos, transparentes e democráticos de curadoria e construção da programação através de editais e outros dispositivos.

MATERIAIS

- * **Definição do nome:** A sigla “FACA” não só considera as iniciais das palavras-chave que dão nome a esse movimento, como também tem inspiração na antiga ferramenta manual que está presente nos momentos da colheita, preparo e repartição de alimentos. Na agricultura, a “faca” dialoga poeticamente com a etimologia das palavras cultura e arte da sigla, envolvendo práticas como cultivo e colheita. Seu uso ultrapassa os limites de nossa abordagem, favorecendo uma comunicação poética, afetiva e popular, ativando imaginários de grande elo com o tema.
- * **Convocatória Popular do Festival de Arte e Cultura da Agroecologia:** O edital de convocação definiu os critérios de seleção e orientou a elaboração de um formulário de inscrição para pessoas e grupos interessados em integrar a programação cultural do FACA. A convocatória para as atividades do Festival tem como objetivo favorecer condições para a realização de apresentações diversas, acessíveis e gratuitas.

COMO FAZER?

1. A construção do Festival segue a metodologia de organização do Congresso, que se dá de forma coletiva e envolve instituições sociais, artistas, produtoras culturais, mobilizadoras da arte e organizações públicas ligadas à agricultura familiar, camponesa e urbana de diferentes regiões do país e do mundo. A comissão organizadora do Festival é constituída a partir do GT de Cultura e Comunicação da ABA-Agroecologia, em conjunto com membros de outras organizações e coletivos parceiros locais;
2. Construir a convocatória do festival e o projeto executivo base para a captação de recursos, buscando parcerias em diferentes níveis;
3. Realizar a pré-produção articulada com a produção geral do Congresso, considerando metodologicamente a ocupação dos territórios do CBA e a otimização de custos de infraestrutura e serviços.
4. Definir a localização das atrações, demandas de infraestrutura, contratação de serviços e pagamento de cachês.
5. Na primeira edição de 2023 (RJ), a comissão organizadora do Festival adotou a estratégia de comunicação própria, criando identidade visual e perfil exclusivo nas redes sociais com a intenção de trazer maior destaque para a programação, facilitar o acesso à informação e criar um espaço de memória do Festival. O perfil pode ser acessado no @faca.agroecologia.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Cachê/suporte financeiro para as artistas e grupos buscando a valorização e dignidade de seus trabalhos;

Selecionar menos atrações e garantir melhor remuneração é uma escolha importante.

- * Na primeira edição não foi possível garantir o envolvimento de mestras e mestres nas etapas de curadoria e seleção das atrações. Essa inclusão foi compreendida como fundamental para enriquecer o processo;
- * Estabelecer critérios nítidos para os objetivos do Festival e o que se espera das atrações e apresentações ajudará bastante na etapa de seleção das artistas e grupos artísticos;
- * Garantir espaços adequados para as apresentações, de acordo com as modalidades.

Uma apresentação cênica/ performance pode trazer demandas de luminosidade, som e interação com o público bem distintas de uma apresentação musical, por exemplo.

- * Se o Festival acontece durante o CBA, é importante alinhar os momentos artísticos e culturais com o restante da programação do evento, considerando a possibilidade de os espaços serem compartilhados com rodas de conversa, mesas e falas. Isso garantirá que

todas as panelistas, conferencistas e artistas possam se escutar e serem respeitadas;

- * Para as apresentações artísticas, é fundamental designar uma ou mais mestras de cerimônia (MC), cuja tarefa será costurar as narrativas das atrações, apresentação das artistas, além da interação e animação do público.

DADOS IMPORTANTES

A primeira edição de 2023 contou com:

95 propostas artísticas inscritas de todas as regiões do país.

15 apresentações selecionadas em cinco linguagens diferentes: música, artes visuais, dança, literatura e artes cênicas

+ 7 atrações no palco principal selecionadas a partir de curadoria de atrações de destaque regional e nacional. + 2 cortejos com grupos percussivos, abertura e encerramento = 29 atrações no total.



FEIRA SABERES E SABORES

“Se a universidade não tem competência para produzir sem agrotóxico, que tenha a humildade de aprender com quem tem.”

IRENE CARDOSO

O QUE É?

A Feira Nacional Saberes e Sabores da Agroecologia e Economia Solidária é um espaço de encontro e integração entre os congressistas, movimentos sociais, agricultoras e povos tradicionais. Ela possibilita alcance e diálogo com um público diverso e local, indo além dos participantes do evento, visto que é pensada para acontecer em espaços que permitem circulação e livre acesso de pessoas. A feira tem como objetivo divulgar a diversidade da produção agroecológica nos territórios e no país, proporcionando geração de renda, reconhecimento das tradições alimentares e fortalecimento de oportunidades concretas de diálogos entre o campo e a cidade. O diálogo e a troca de experiências em torno da produção, comercialização e consumo de produtos advindos dos territórios e da diversidade cultural de nossas regiões é o coração desse espaço. Além de ser um ambiente de troca de materiais, a ABA-Agroecologia aposta nas feiras como espaços educadores sensíveis e portadores de aprendizagens em cada um dos seus processos e dimensões.

PRINCÍPIOS

Os princípios da Feira, estabelecidos pela comissão organizadora, são elaborados coletivamente de acordo com os critérios de participação em cada edição. Assim, é importante produzir um documento orientador com os princípios definidos para ser compartilhado previamente com os grupos, parcerias e feirantes. Alguns dos princípios, são:

- * Garantir a comercialização de produtos e alimentos da agricultura familiar, agricultura urbana e camponesa, da reforma agrária e de comunidades tradicionais;
- * Promover a economia solidária com preços justos e populares;
- * Organizar circuitos curtos de comercialização;
- * Considerar a diversidade de pessoas por região;
- * Promover a educação, comunicação, arte e cultura popular na feira;
- * Garantir o planejamento da estrutura, cenografia e o diálogo com a produção executiva geral do CBA;

- * Planejar o uso de embalagens ecológicas, de modo a garantir o baixo custo, lixo zero e ocupação dos espaços públicos;
- * Realizar diálogos de modo integrado e humanizado com as feirantes;
- * Acolher a metodologia dos processos dos coletivos populares;
- * Garantir alimentação saudável e comida sem ultra processamentos;
- * Fortalecer e ampliar a participação das produtoras dentro e fora das redes de comercialização agroecológica.

COMO FAZER?

1. **Formar uma comissão responsável:** Pactuar o propósito, princípios, critérios e processos metodológicos a serem realizados na feira, de modo a articular com os movimentos e produtoras participantes;
2. **Selecionar os feirantes por região:** Seja por indicação ou inscrição a partir de formulários que possam assegurar o levantamento e sistematização de dados;
3. **Garantir estrutura do espaço:** É importante planejar e organizar o espaço onde ocorrerá a feira, bem como os equipamentos necessários e a logística de montagem e desmontagem;

Por se tratar de uma feira nacional, no 12º CBA foi realizado um processo de seleção em articulação com cada território, a fim de garantir a presença e a diversidade regional.

4. **Comunicar:** Garantir que as orientações e os processos de comunicação popular sejam feitos previamente com as feirantes, a fim de possibilitar a divulgação de eventos e mutirões que se relacionam com a feira;
5. **Alinhar a equipe de produção com as demais comissões:** Harmonizar a programação e a articulação da produção com atividades de outras comissões presentes nas feiras, como as atividades da comissão de arte e cultura, barracões de saberes e equipe da feira da agrobiodiversidade;
6. **Sistematizar as informações das feirantes e seus produtos:** É importante sistematizar as informações e dados pessoais das pessoas e coletivos para garantir alimentação, transporte e hospedagens, além de providenciar o envio de certificados e avaliação do processo;
7. **Prever um espaço adequado para o armazenamento de produtos:** Fazer um levantamento prévio e sistematizar os produtos que precisam de armazenamento, com detalhes sobre as necessidades de refrigeração e congelamento;
8. **Produzir um mapa da feira com numeração de barracas e zoneamentos:** Garantir que na entrada da feira haja uma comunicação que explique os setores, facilitando a localização do público. Essa comunicação deve ser compartilhada com os feirantes com antecedência. O mapa também deve apontar a listagem das feirantes com a numeração da barraca correspondente, previamente compartilhada.
9. **Elaborar o Caderno da feirante:** Construir um material com todas informações sobre o evento, que deve ser previamente compartilhado com as feirantes, contendo lista de presença e planilhas de controle de entrada e de saída de mercadoria no espaço de armazenamento;

É ideal ter ao menos dois computadores no espaço de referência da feira para fazer esse controle digitalmente.

10. **Produzir mecanismos de identificação dos produtos no armazenamento:** É necessário uma identificação diferenciada, utilizando fitas extras, por exemplo, seguindo os modelos da vigilância sanitária para produtos que chegam sem identificação;
11. **Confeccionar pulseiras de identificação para as feirantes:** Além das demais identificações, é necessário destacar as pessoas responsáveis pelo armazenamento, compreendendo estratégias como a construção de placas de identificação para as barracas e modelos de cardápio padronizados, o que pode incluir QR-codes para agilizar os processos de compra pelo pix e evitar filas.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Um processo muito interessante na edição do 12º CBA foi a presença dos Barracões de Saberes no espaço da feira. As barracas dos feirantes foram organizadas em setores, tanto por regiões quanto por temáticas, que ficavam dispostas no entorno dos barracões correspondentes. As barracas de produtoras ligadas ao movimento de economia solidária, por exemplo, ficaram dispostas no entorno do barracão que abordou essa temática, assim como ocorreu com os temas de agricultura urbana, povos indígenas, juventudes, entre outros. Isso exige um bom trabalho organizativo

- de sistematização de dados em relação às feirantes inscritas, bem como um diálogo com a comissão organizadora dos barracões. Após a organização das barracas, é interessante montar um mapa e disponibilizá-lo com antecedência para as feirantes, bem como exibi-lo na entrada da feira;
- * Entendemos que é interessante que ocorra venda e lançamento de livros na feira;
 - * Devemos estar atentas para proporcionar uma dinâmica que permita que as feirantes também consigam ocupar os espaços de discussão dos barracões e oficinas;
 - * Outro cuidado importante é que a programação cultural diurna aconteça no espaço da feira, bem como a "praça de alimentação", que na 12ª edição do Congresso foi chamada de "Comedorias";
 - * Destaca-se a relevância de um plano de ação para caso de chuva se o espaço for aberto (tendas, britas para o chão ou outras demandas do espaço);
 - * Vivemos uma forte onda de calor durante os dias do 12º CBA, por isso, entendemos que é importante ter uma equipe de apoio à feira no acompanhamento das feirantes, uma vez que tivemos alguns casos de pessoas passando mal no local. É ideal que haja acompanhamento não só da equipe médica e de bombeiros, mas também de alguém da coordenação geral do Congresso.

“Diante da sobrecarga de tarefas nos dias de realização da feira, o ideal é contar com mais pessoas disponíveis, contratadas ou voluntárias, com horas semanais previamente combinadas para a realização de tarefas operacionais. Também enfrentamos desafios em relação à equipe técnica, dessa forma, é muito importante ter um bom alinhamento entre as equipes e comissões organizadoras”

Mayna Peixinho, coordenadora da comissão de organização da feira.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES



Video sobre a Feira do IV Encontro Nacional de Agroecologia:
tinyurl.com/ficha-37-01



Feira do 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-37-02



Matéria sobre a Feira do 12º CBA no Brasil de Fato:
tinyurl.com/ficha-37-03



FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE



Sementes, patrimônio dos povos a serviço da humanidade”

LEMA DA CAMPANHA, da Via Campesina Internacional

O QUE É?

A Feira da Agro biodiversidade é um espaço dedicado à socialização de conhecimentos e práticas relacionados às sementes, promovida por meio do diálogo e partilha dos saberes entre os biomas e a diversidade cultural das regiões do Brasil. Esse ambiente tem como objetivo proporcionar e estimular a participação das guardiãs da agrobiodiversidade, fortalecendo as redes de conservação e de troca de sementes crioulas, nativas e plantas medicinais entre essas mestras.

A feira representa um suporte para a construção e difusão de estratégias que fortalecem e valorizam as sementes e variedades como elementos base para a garantir a soberania alimentar e o direito humano a uma alimentação adequada.

As sementes representam para as camponesas seu patrimônio mais valioso. O trabalho e o conhecimento associados no processo de conservação, resgate, produção, multiplicação, consumo e armazenamento é construído e transferido de geração a geração e de camponesas/es a camponesas/es nos diferentes territórios, biomas e regiões.

PRINCÍPIOS

- * Articular políticas públicas nacionais, estaduais e municipais de defesa da agroecologia, conservação da agrobiodiversidade e fortalecimento da Soberania Alimentar e Nutricional;
- * Possibilitar a troca de conhecimentos sobre a convivência, como os biomas, o uso de tecnologias adaptadas e apropriadas, articulando e difundindo redes, casas e bancos comunitários de sementes crioulas, nativas e medicinais;

- * Garantir representatividade regional e de movimentos, coletivos e grupos historicamente envolvidos com a agenda de pesquisa e prática sobre sementes;
- * Fortalecer a Campanha Nacional Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida.

FLUXOS E TEMPOS

No 12º CBA, a feira foi organizada em duas dimensões: Rodas de Conversas e a Feira de Troca de Sementes Crioulas. Para planejar e executar as atividades foi criada uma comissão organizadora e um calendário de reuniões periódicas, realizando diálogos com o GTBIO da ANA, GTs da ABA, Instituições, organizações e movimentos sociais, para a articulação de guardiãs, pesquisadoras e representantes de órgãos de governo.

As reuniões da comissão organizadora aconteceram uma vez por mês. Os 2 meses anteriores ao congresso, acontecem uma vez por semana.

MATERIAIS

- * **Materiais e ferramentas eletrônicas:** formulário de inscrição, banner, cartaz e planilhas de gestão;
- * **Materiais didáticos e papelaria:** tesoura, papel ofício, papel cartolina, caneta, prancheta, piloto, fita adesiva, sacos de papel, etiquetas e outros;
- * **Estrutura física:** mesa, cadeira, microfone, tv e projetor;
- * **Ornamentação:** tecidos, sementes, ferramentas, livros/cartilhas;

- * **Artesanato e objeto customizado:** objeto de homenagem às guardiãs;
- * **Planilha diagnóstica** de levantamento da quantidade de variedades que cada guardiã levou para a feira.

COMO FAZER?

- 1. Definir a comissão organizadora:** Equipe de planejamento e articulação mista e com representatividade;
- 2. Estabelecer equipe de apoio e voluntárias:** Grupo de apoio nas atividades, que auxilie na infraestrutura, no registro e organização antes, durante e após a realização das rodas de conversas e Feira da Agrobiodiversidade;
- 3. Articular com as guardiãs de sementes:** Realizar a divulgação do formulário eletrônico de inscrição nas redes sociais, e articular o convite direcionado às guardiãs com redes territoriais, organizações e movimentos sociais.
- 4. Organizar Rodas de Conversas:** Fomentar diálogos, apresentações de experiências das guardiãs e discutir as políticas públicas e programas de apoio à conservação da agrobiodiversidade;
- 5. Garantir o momento da Troca de Sementes Crioulas, Nativas e Plantas Medicinais:** Planejar especificamente o momento singular de celebração da agrobiodiversidade, do fortalecimento das redes, das casas comunitárias e dos familiares de sementes, promovendo o compartilhamento e a troca de saberes e sementes;
- 6. Homenagear:** Realizar o encerramento da feira com uma atividade simbólica, reverenciando a troca de sementes crioulas e os coletivos das guardiãs.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Projetar e pensar o momento da troca de sementes após conhecer e entender o espaço;
- * Mobilizar pessoas dispostas para assumirem as tarefas de produção;
- * Articular os coletivos de guardiãs com a maior representatividade possível;
- * Realizar rodas de conversa em espaços pequenos e planejar o momento da troca de sementes em horário diferente dos festivais de cultura e demais intervenções, evitando ruídos ou sobreposição de horários.

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

 **Experiência da Feira no 11º CBA:**
tinyurl.com/ficha-38-01

 **Experiência da Feira no 12º CBA:**
tinyurl.com/ficha-38-02

“O fazer coletivo sempre gera aprendizados e momentos de boas trocas, por isso é importante manter a sinergia com todos que forem colaborar e articular com esse processo de aprendizagem. Que nos próximos CBAs coletemos sementes para doar; priorizemos a participação de guardiãs convidadas pelo próprio evento e que a feira de troca de sementes aconteça em um tempo maior, como uma manhã inteira, por exemplo.”

COMISSÃO DA FEIRA DA AGROBIODIVERSIDADE.

NÚMEROS DO 12º CBA

Participação de 75 guardiãs e coletivos inscritos

10 guardiãs convidadas de regiões, biomas e identidades camponesas diferentes;

2 rodas de conversas entre guardiãs, movimentos e organizações sociais, pesquisadoras e gestoras públicas;

1 diagnóstico da quantidade de variedades que cada guardiã levou para a feira (houve guardiã com mais de 50 variedades de sementes!);

5 guardiãs e 4 coletivos homenageados;

8 voluntárias na equipe de apoio;

mais de 100 variedades de sementes doadas para a construção e formação de uma casa de sementes no Rio de Janeiro;

3 lideranças religiosas articuladas para uma benção ecumênica das sementes na abertura da feira de troca de sementes crioulas.



TERREIRO DE INOVAÇÕES CAMPONESAS

“Para o mundo melhorar.
Venha! Chegue mostrando.
Com o mundo dialogando.
Venham compartilhar.
Nosso saber espalhar. Todas
nossas criações. Bebidas
nas tradições. Já se sente a
emoção. Venha fazer inscrição.
No terreiro de inovações”

DANIELA BENTO

O QUE É?

O Terreiro é uma iniciativa inspirada em experiências da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e tem por objetivo dar visibilidade às capacidades de agricultoras, povos e comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas, de construir soluções para os desafios que vivem em seu cotidiano. Realizado pela primeira vez em Sergipe em 2019, o espaço busca refletir sobre o significado da inovação camponesa e identificar experiências que contribuam para o fortalecimento da agroecologia. As inovações são diversas, sendo elas tecnológicas, organizativas, relacionadas a gestão de bens comuns, baseadas em uso dos recursos locais, e na capacidade de cooperação própria dessas populações. Dentre as invenções e inovações, existem inovações na forma de organizar o trabalho na comunidade, no processamento e na

comercialização da produção. Foram apresentados ferramentas, equipamentos, utensílios, bioinsumos, práticas de manejo da sociobiodiversidade e dos solos, processos de gestão de bens comuns. Na lida da roça, são necessárias inovações que facilitem e aumentem o rendimento do trabalho, inclusive ferramentas que causem o menor impacto possível no ambiente e no corpo das trabalhadoras. Muitas dessas ferramentas já existem e foram inventadas por agricultoras, mas ainda são pouco conhecidas.

PRINCÍPIOS

- * Mobilizar experiências portadoras de novidades para compartilhar com as outras pessoas que também vivenciam a realidade camponesa;
- * Protagonismo das agricultoras familiares e demais representantes das comunidades;
- * Trocar e promover intercâmbios e mudança entre experiências para facilitar o acesso a investimentos necessários para o aprimoramento ou replicação dos inventos expostos;
- * Garantir a representatividade de diversidade de territórios, biomas e regiões do país, jovens, mulheres e comunidades indígenas e negras;

COMO FAZER?

1. Constituir um coletivo responsável pela comissão organizadora do espaço, definindo responsabilidades, periodicidade de encontros e coordenação;
2. Estudar materiais e experiências dos Congressos anteriores; atualizando o formulário de inscrição com acordos e orientações gerais (editais ou outros instrumentos de seleção).
3. Garantir diálogos e reuniões com instituições parceiras em cada região;
4. Construir uma equipe de comunicação que possa atuar em diálogo com a comissão de comunicação e cultura do congresso;
5. Construir parcerias que permitam viabilizar os recursos necessários para o projeto incluindo a garantia da presença dos representantes das experiências selecionadas;
6. Garantir divulgação e mobilização nos territórios;

7. Verificar inscrições e representatividade equitativa das regiões / biomas.;
8. Avaliar propostas baseadas nos critérios indicados no edital;
9. Planejar e executar ações de produção do espaço e diálogo com as pessoas selecionadas;
10. Construir a programação de atividades no Congresso;
11. Identificar parceiros no registro, memória textual e na produção de relatórios;
12. Realizar processos de avaliação.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Conferir o exemplo de formulário do 12º CBA;

 Conhecer a programação do Barracão do Terreiro de Inovações 12º CBA:
tinyurl.com/ficha-39-01

 Acessar vídeos de experiências de 2023:
tinyurl.com/ficha-39-02

 Acessar a entrevista completa sobre o Terreiro das Inovações Camponesas no site da ANA:
tinyurl.com/ficha-39-03

 Conhecer a experiência do 11º CBA em Sergipe:
tinyurl.com/ficha-39-04





VIVÊNCIAS DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC) NOS CBAS

“A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam.”
LEONARDO BOFF

O QUE É?

A programação intensa de um Congresso não nos permite navegar por todos os espaços e atividades que gostaríamos, muito menos deixa margem para que possamos conhecer as cidades que nos recebem. Para aqueles que têm a chance de permanecer após o fim de um CBA, as vivências são estratégias de conexão com experiências de resistência, sempre pulsantes em todo lugar onde o povo vive, resiste e está. Sejam urbanas, rurais, ribeirinhas ou sertanejas, as comunidades são o centro da proposta que conjuga a visita turística com a diversidade da natureza, da cultura e dos modos de vida local. As vivências de turismo de base comunitária (TBC) são vivências ofertadas aos participantes dos Congressos que ocorrem nos dias após o encerramento das atividades gerais. Elas podem ter apenas um dia de duração ou mais, de acordo com a distância e as demais condições locais.

PRINCÍPIOS

São vários os princípios que regem historicamente as iniciativas de turismo de base comunitária. No caso das vivências no CBA, acrescentamos alguns cuidados adicionais que serão indicados ao final da ficha.

- * **Gerar renda e autonomia para as comunidades na definição de como estruturar a vivência:** Todas as rotas possuem um custo que será planejado e repassado às pessoas interessadas com o objetivo de custear as despesas, inclusive garantindo o pagamento das pessoas envolvidas em sua execução (cozinha, guia/anfitriã, transporte e outros itens);
- * **Contato com a sociobiodiversidade:** É importante articular anúncio e denúncia, descanso e reflexão crítica. Ou seja, mesmo que as comunidades estejam em áreas de conflito, é importante o cuidado, sempre que possível, de garantir travessia pelas matas, banho de rio ou mar ou outra forma de contato com o território;
- * **Tempo reservado para conversa, práticas e troca de saberes:** A escuta da trajetória e da sabedoria local é a bússola dessa ação. Atividades como a escuta das mestras,

oficinas rápidas de confecção de artefatos ou comidas tradicionais, dentre outras possibilidades, são algumas maneiras de promover essa troca.;

- * **Experimentar a culinária local:** Já sabemos a importância da alimentação para esse processo, assim, é fundamental que, previamente e em conjunto com as comunidades, seja elaborado um cardápio recheado de histórias para os momentos de pausa, de café e de almoço;
- * **TBCs em um CBA:** É importante assegurar que as comunidades visitadas após o congresso não se sintam ou já estejam sobrecarregadas com outras atividades do evento.

COMO FAZER?

1. **Definir coletivamente a comissão responsável:** Definir o propósito das visitas e quais serão as comunidades estrategicamente alinhadas com os objetivos do Congresso e com representatividade no contexto regional;

Prever recursos para viagens prévias/visitas técnicas;

2. **Detalhar o planejamento da produção:** Na preparação de cada rota, é importante pensar no transporte, nas refeições principais e pequenos lanches nas trilhas e vivências nos espaços comunitários e quem serão as condutoras locais;

É a comunidade que estabelece uma quantidade mínima de participantes para a vivência.

3. **Elaborar sínteses explicativas:** Após todos combinados feitos com as comunidades, produzir para cada rota uma breve apresentação, de até dois parágrafos, com uma programação detalhada da vivência;
4. **Comunicar:** Em parceria com a comissão de comunicação do congresso, divulgar o formulário de inscrição e uma publicação com todas as rotas com até 60 dias de antecedência.

Idealmente, designar uma dupla responsável por cada rota, possibilitando o diálogo com os participantes e os cuidados de preparação. Criar um e-mail ou definir uma pessoa responsável por receber os comprovantes de pagamento.

5. **Cuidar da memória e registro:** Garantir uma cobertura colaborativa (foto, texto e vídeo) de cada rota.

DESAFIOS, APRENDIZADOS E DICAS

- * Nos momentos de muita sobrecarga de trabalho, optar por rotas já amadurecidas e coletivos experientes na recepção poupa esforços e energias. É importante definir poucas rotas com vagas limitadas;
- * Garantir comunicações claras sobre o local de saída, o que é necessário levar e outros cuidados;
- * No formulário, informar que, em caso de ausência, o valor da inscrição não poderá ser devolvido, pois já terá sido repassado para as comunidades;
- * Verificar com as universidades e outros parceiros a possibilidade de apoios, como transporte, materiais e outras formas de ação que possam reduzir os custos e popularizar o acesso ao evento;
- * Garantir vagas com bolsas para jovens, mulheres, indígenas e pessoas negras das comunidades urbanas e rurais que tenham interesse, mas não tenham condições de arcar com os custos;

EXPERIÊNCIAS ANTERIORES:

- * No CBA de Sergipe a Rede de Comunidades Tradicionais foi envolvida.



Conferir rotas:

tinyurl.com/ficha-40-01

- * Pelo diálogo com a cidade no RJ (2023), tivemos a alegria de pensar roteiros urbanos que percorriam a história da cidade em parceria com o Instituto dos Pretos Novos.



Conferir roteiros:

tinyurl.com/ficha-40-04

tinyurl.com/ficha-40-03



ABA-Agroecologia | Ficha Técnica

Gestão 2024 e 2025

Presidente

José Nunes da Silva

Vice-Presidenta

Claudia Job Schmitt
Natália Almeida Souza

Vice-Regional Norte

Danielle Wagner Silva
Jucimara Gonçalves dos Santos

Vice-Regional Centro-oeste

Vania Costa Pimentel
Paula Lucio de Lima Santos

Vice-Regional Nordeste

Fernanda Amorim Souza
José Ubiratan Rezende Santana

Vice-Regional Sudeste

Thais Santos de Souza
Irene Maria Cardoso

Vice-Regional Sul

Gabriela Schenato Bica
Inês Claudete Burg
Letícia Hanna dos Santos Falcão

Secretário/a

Livio Sergio Dias Claudino
Gabriela Antonia da Costa Souza

Tesoureira/o

Livia Silva Santos
Amaury da Silva dos Santos

Conselheiras e Conselheiros Fiscais

Daniela Adil Oliveira de Almeida
Fernanda Savicki de Almeida
Jairã da Silva Santos Sampaio
Laetícia Medeiros Jalil
Paulo Frederico Petersen
Romier da Paixão Sousa

Revistas Científicas

Revista Brasileira de Agroecologia (RBA)
Cadernos de Agroecologia (CA)

Grupos de Trabalho (GT)

da ABA-Agroecologia

Animais e Agroecologia
Ancestralidades, Etnicidades e Povos Tradicionais
Biodiversidade e Bens Comuns
Campesinato e Soberania Alimentar
Contra os Agrotóxicos e Transgênicos
Construção do Conhecimento Agroecológico
Cultura Popular, Arte e Comunicação
Economia Solidária e Agroecologia
Educação em Agroecologia
Infâncias e Agroecologia
Juventudes
Manejo de Agroecossistemas
Mulheres
Saúde e Agroecologia

12º Congresso Brasileiro de Agroecologia

saudando as mais de 42 equipes que ergueram o 12º CBA, registramos a coordenação local, coordenação executiva ampliada e a secretaria executiva

Coordenação Local

André Burigo
Danúbia Gardenia
Douglas Lopes
Helena Rodrigues
Natália Almeida
Thais Souza
Paulo Petersen

Secretaria Executiva

Carolina Coelho
Tainá Pinho

Coordenação Executiva Ampliada

Aiume Dias (Saúde)
Alexandre Gollo (AARJ)
Amanda Torres (Financeiro)
Ana Coimbra (Acolhida)
Andressa Paiva (Alimentação)
Bernardo Guerreiro (Gestão de Resíduos)
Bruna Pardini (Produção geral)
Carolina Movila (Alimentação)
Claudio Souza (Sementes)
Dagmar Talga (Ficaeco)
Daniele Theodoro (Alimentação)
Denise Amador (FACA)

Eduardo Guatimosim (Tapiris de Saberes)
Erica Telles da Silva (Ficaeco)
Iranilde Silva (Acolhida)
Flávia Londres (Barracão de Saberes e Oficinas Autogestionadas)
Fernanda Savicki (Lançamento dos Livros)
Firmeza Produções (Produção feira e planejamento geral)
Gabriela Antonia (Barracões de Saberes)
Generosa Silva (AARJ)
Gisele Ferreira (Acolhida)
Grasiele Nespoli (Saúde)
Graziella Reis (Acolhida Indígena)
Gleidane de Freitas Souza (Acolhida)
Guilherme Strauch (AARJ)
Helena Rodrigues (Tapiris de Saberes)
Igor Carvalho (Acolhida)
Ingrid Pena (Cozinha das Tradições e Vivências)
José Ubiratan (Feira)
José Nunes (Metodologia)
Lisiane Brolese (Sementes)
Livia Silva Santos (Secretaria e Tesouraria)
Lorena Anahi (Financeiro)
Lorena Portela (FACA)
Lorrane Pimenta (Ciranda Infantil)
Ludmila Balduino (Comunicação)
Luisa Ferrer (AARJ)
Mauricio Leonard (FACA)
Maurilio Machado (Acolhida)
Mariana Portilho (Feira)
Mariana Vidal (Alimentação)
Marília Nepomuceno (Sistematização)
Mayna Peixinho (Feira)
Morgana Maselli (Barracão de Saberes e Oficinas Autogestionadas)
Natália Barcelos (Ciranda Infantil)
Patrícia Brito (Cozinha das Tradições)
Paula Brito (Acolhida)
Rodrigo Almeida (Acampamento)
Rodrigo Toscano (Comunicação)
Taina Mie (Acampamento)
Vanessa Cancian (Comunicação)
Will Hester (Gestão de Resíduos)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A849c Associação Brasileira de Agroecologia
Caderno síntese dos processos dos CBAs : metodologias, inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico – volume 2 / organizado por Marília Nepomuceno, Natália Almeida, Natália Castro. – Rio de Janeiro: Fiocruz, 2024.
160 p. (Série de sistematizações de experiências; v. 1)
ISBN 978-65-01-24170-8
1. Agroecologia. 2. Sistematização de experiências. I. Marília Nepomuceno – organizadora. II. Natália Almeida – organizadora. III. Natália Castro – organizadora. IV. Caderno síntese dos processos dos CBAs: metodologias, inspirações e experimentações na construção do conhecimento agroecológico.

CDU 631

Ficha elaborada pela bibliotecária Jaqueline Rodrigues de Jesus CRB-1/3353

Projeto Desaguar – memórias, sistematizações e aprendizados do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)

se propôs a organizar memórias, sistematizar experiências e tecer diálogo com as mais de 42 comissões e frentes de trabalho do Congresso. Destaca-se a produção do “Caderno Síntese dos Processos dos CBAs: Metodologias, Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 2” que aponta os acúmulos das comissões na realização desta edição do CBA em diálogo com os acúmulos de edições anteriores do Congresso

Realização

Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia)

Parcerias e apoio financeiro

Agenda de Saúde e Agroecologia (Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde – VPAAPS) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Coordenação Geral do Projeto

Marília Nepomuceno

Coordenação Geral da Publicação

Marília Nepomuceno e Natália Almeida

Organização do Caderno

Marília Nepomuceno,
Natália Almeida e Natália Castro

Textos Introdutórios revisados por

José Nunes e Claudia Schmitt

Revisão ortográfica

Samara Beatriz de Oliveira Paradello

Revisão técnica

Natália Almeida

Projeto gráfico

Átila Coêlho, Luã Leão e Patricia Nardini

Ilustração

Mariana Sobral e Patricia Nardini

Diagramação

Átila Coêlho e Luã Leão

Textos das Fichas

Elaboração e revisão coletiva a partir do diálogo entre equipe do Projeto Desaguar e representantes das Frentes e Comissões do 12º CBA:

AUTORIA E REVISÃO DAS FICHAS

Parte I – Processos Sementes

André Búrigo, Danúbia Gardênia,
Lorena Anahí, Paulo Petersen;

Parte II – Comissões Temáticas e Estruturais

Frente de Alimentação: Ana Paula da Silva,
Carolina Coelho, Carolina Movila, Danúbia
Gardênia, Eduardo Soares e Patricia Brito;

Frente de Acolhida: Ana Renata Coimbra
Borges, Douglas Rafael Lopes, Gisele Ferreira
de Castro, Gleidane de Freitas Souza, Helena
Rodrigues Lopes, Paula Brito, Paula Lima;

Frente de Cuidados: Carolina Coelho,
Marcelle Felipe, Grasielle Naspoli,
Natália Barcelos, Will Hester;

Frente de Comunicação, Arte e Cultura:

Caroline França, Lorena Portela, Ludmilla
Balduino, Maurício Leonard;

Frente de Metodologia e Linguagens:

Helena Rodrigues Lopes, Fernanda Savicki
Flávia Londres, Morgana Maselli;

Parte III – Outros Dispositivos Pedagógicos

Claudiano de Souza, Dagmar Talga, Carolina
Movila, Ingrid Penna, Lorena Portela,
Mayná Moreno, Paula Maracanã;

Equipe do Projeto Desaguar: Amanda Torres;
Marília Nepomuceno Pinheiro; Natália Almeida
Souza; Natália Vasconcelos de Castro; Muriel
Parreira Duarte Gonzales; Thais Santos de Souza.

Produtos do Projeto Desaguar:

- Caderno Síntese dos Processos dos CBAs: Metodologias, Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 2;
- Reimpressão do Caderno de Metodologias, Inspirações e Experimentações na Construção do Conhecimento Agroecológico – volume 1 (2017);
- Rio do Tempo: 20 anos de ABA-Agroecologia;
- Caderno “Como Fazer uma Cozinha Agroecológica”;
- Encontros de Avaliação e Sistematização dos aprendizados e desafios do 12º CBA (fevereiro e abril/2024);
- Seminário das Cozinhas do 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia: Cozinha das Tradições, Cozinha da Reforma Agrária, Ação Contra a Fome, Comedorias e Feiras (agosto/2024);
- Oficina Rio do Tempo da ABA-Agroecologia: navegando pelas memórias coletivas dos 20 anos da Associação (novembro/2024)
- Seminário Ampliado de Planejamento da ABA-Agroecologia (dezembro/2024)

Para saber mais sobre os produtos e ABA-Agroecologia:



Esta publicação foi construída pela Comissão Local do 12º CBA e equipe do Projeto Desaguar, com acompanhamento da ABA-Agroecologia. A ABA-Agroecologia estimula a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que a publicação seja devidamente citada como fonte.

Tiragem: 1000 exemplares

Diretório Virtual de Links

Leia o código com a câmera do celular para ser redirecionada ao diretório de links deste caderno



Parceria institucional



Este livro foi composto com as famílias tipográficas New Zen, New Spirit e New Reason, projetadas por Michael Newlyn, e Providence, desenhada por Guy Jeffrey Nelson para a FontFont.

